



JOSÉ LUÍS PEIXOTO NENHUM OLHAR



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



JOSÉ LUÍS PEIXOTO NENHUM OLHAR





JOSÉ LUÍS PEIXOTO NENHUM OLHAR



Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro,
dos Arquivos e das Bibliotecas / Portugal



**GOVERNO DE
PORTUGAL**

**SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA**

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

NENHUM
OLHAR



Porto Alegre — São Paulo
2020

Foi como se houvesse nevoeiro dentro da vida, a entrar-me nos ossos, a cegar-me para o que não existe: as manhãs; o céu limpo; as primaveras; o conforto dos teus abraços, pai. E já não era criança. Em casa, nas noites, não voltou o gigante.

Enrolada no xaile negro do meu luto, passava ao rés das paredes e as conversas paravam quando me aproximava e as mulheres ou os homens ficavam a olhar-me, como se me procurassem os olhos.

Índice

Nenhum olhar
 Livro I
 Livro II
Sobre o autor
Coleção Gira
Créditos

LIVRO I

Hoje o tempo não me enganou. Não se conhece uma aragem na tarde. O ar queima, como se fosse um bafo quente de lume, e não ar simples de respirar, como se a tarde não quisesse já morrer e começasse aqui a hora do calor. Não há nuvens, há riscos brancos, muito finos, desfiados de nuvens. E o céu, daqui, parece fresco, parece a água limpa de um açude. Penso: talvez o céu seja um mar grande de água doce e talvez a gente não ande debaixo do céu mas em cima dele; talvez a gente veja as coisas ao contrário e a terra seja como um céu e quando a gente morre, quando a gente morre, talvez a gente caia e se afunde no céu. Um açude sem peixes, sem fundo, este céu. Nuvens, veios tênues. E o ar a arder por dentro, chamas quentes e abafadas na pele, invisíveis. Suspenso, como um homem cansado, ar.

Há-de ser um instante em que não se veja um pardal, em que não se ouça senão o silêncio que fazem todas as coisas a observar-nos. Chegará. Hei-de distingui-lo no horizonte. Tão bem quanto sei isto agora, sabia-o ontem quando entrei na venda do judas e pedi o primeiro copo e pedi o segundo e pedi o terceiro. Mais, sabia que por toda a planície se calarão as cigarras e os grilos. De encontro ao céu, as oliveiras e os sobreiros hão-de parar os ramos mais finos; num momento, hão-de tornar-se pedra.

José entrou na venda do judas e era noite. Trazia ainda no corpo a roupa ruça do sol, na pele a luz ocre da terra, trazia no rosto um sorriso reverente. Antecedeu-o o cajado, grosso na ponta, sujo. A cadela cansada, parida, com a pele da barriga quase a arrojar no chão e as tetas grossas, seguiu-o. No balcão, tirou o saco que trazia preso por um braço ao ombro, encostou-o, encostou-se. Um copo de tinto. Os poucos homens que o cumprimentaram arrastaram uma sílaba indecifrável, a esmorecer. Os outros, sem parar de falar ou beber ou jogar às cartas, olharam a querer vê-lo. A cadela assentou as costelas no chão, vergou a espinha num arco de nós que se lhe conheciam no pelo e deitou as pálpebras sobre os olhos castanhos e resignados.

No momento em que José levantou o copo e fez o vinho escorrer de uma vez para dentro de si, vistos do outro lado do largo, vistos da noite e do silêncio, os homens na venda do judas eram o espaço aberto de uma porta; eram um caminho fraco de luz que tentava avançar pelo terreiro deserto e pela noite negra e negra; eram o lugar de palavras que não se distinguiam e que tentavam entrar pelo terreiro deserto e pelo silêncio negro e negro. E José pousou o copo vazio no balcão, e junto à sua pele, sob a luz, sob as palavras, instantâneo, materializou-se o sorriso vadio do demónio. Sorria. Era o único que não trazia a pele escura do sol, trazia camisa e calças passadas e vincadas, cabelo penteado entre a boina e as saliências dos cornos. Era o único que sorria. Dois copos de tinto, pediu sorrindo. José não precisou de o olhar. Em silêncio, esperou os copos cheios até à gota que lhes faltou para que transbordassem. Enquanto beberam, o demónio não largou José com o olhar e, mesmo bebendo, parecia sorrir um sorriso miúdo que se dividia e multiplicava por mil sorrisos e mil sorrisos miúdos. Os homens continuavam ou pareciam continuar as suas conversas infinitas, os seus jogos infinitos de cartas, interrompendo apenas para espreitar as mudanças no rosto de José e o sorriso escarninho do tentador ou para cuspir restos húmidos de cigarros enrolados. E o rosto de José transformava-se. Copos sucessivos enchiam-no, aos poucos, de uma alegria sem razão, uma alegria de carnaval e ensaiados. O demónio sorria. Sorrindo, perguntou como estás, onde está a tua mulher que não a tenho visto? Por um momento, brilharam os olhos de José e parou de murmurar risos para responder está onde deve estar, donde nunca saiu. As vozes misturadas dos homens eram então um mar a estender ondas de palavras sobre as cabeças; ondas que partiam de um rumor e se estendiam longas numa algazarra difusa, para logo se recolherem, deixando no ar desperdícios de palavras, sílabas sem préstimo e desarrumadas como coisas velhas numa estrumeira. Nunca?, disse o diabo a rir e a sorrir. Calou-se o José e calaram-se os homens para ouvir a resposta que não deu. Dois copos de tinto, insistiu o tentador, sorrindo. Sabes, continuou enquanto sorria, disse-me o gigante que a conhece mais que tu, que sabe melhor e com mais certeza onde ela anda, onde ela está. Da lonjura branca da sua aura de álcool, José parou para entender. Sob o pó, os homens, como toupeiras, abriram os olhos pequeninos, a querer rir mas sem saber como, a grunhir apenas. José respondeu esse gigante já mentiu de mais; a minha mulher está onde sei que está, onde deve estar; e esse, se o vires, diz-lhe que me apareça, que me apareça. E levantou o punho fechado bem alto e, num movimento prolongado, bateu-o no balcão. A cadela levantou-se e saiu lentamente. E José ainda disse ele que me apareça que eu estouro-o. Fez-se uma pausa na face dos homens e, após esperarem o

instante certo, todos ao mesmo tempo, começaram a dançar, a voar num círculo, a rodar à volta de José. Ele, que apenas lhes distinguia os contornos baços e a mistura das cores, recuperou a alegria no rosto e rodou e dançou e caiu e caiu e levantou-se e dançou outra vez. Num canto, o demónio sorriu, finalmente satisfeito de sorrir.

Este silêncio de esperar inquieta-me. A última ovelha deitou-se junto aos corpos enrolados de outras debaixo do sobreiro grande. Penso: os homens são ovelhas que não dormem, são ovelhas que são lobos por dentro. O sol mantém-se lume e sol na lenta combustão do ar e da terra. Na mesma sombra que eu, encostado ao mesmo tronco, o cajado parece uma pessoa que me olha com dó. Diante de mim, pesada, a cadela levanta às vezes o olhar, também ela sabendo o que vai acontecer.

Os passos solenes da cadela antecederam os incertos de José. De tempos a tempos, parava a esperá-lo. Sob o céu, quando José deixou a vila e entrou na estrada de areia do monte das oliveiras, a noite ficou mais escura, negra. A melodia que os homens tinham gritado na venda do judas entoava ainda murmurada na sua cabeça perdida. Recortado na claridade pouca da noite, o seu vulto era o de um estranho bicho de três ou quatro patas, consoante estivesse apoiado no cajado ou caído de mãos na terra. E assim avançava desordenadamente, na altura em que começou a desconfiar das moitas e do mato nas valetas. E ora atacava o mato e os fantasmas invisíveis com o cajado e acertava consigo próprio no chão; ora se largava a fugir e sentia os pés, de repente demasiado grandes, embaraçarem-se um no outro.

A barreira antes do monte mostrou-lhe o sol a levantar-se dos telhados da casa dos ricos. Como o escuro, dentro de José, o álcool tinha-se diluído lentamente na chegada da luz. De novo, sentiu a cabeça nítida e o peso da sobriedade. Olhando o sol de frente, José parou e juntou as certezas do que iria acontecer. Ficou. E subiu. Assim que passou o portão, a cadela avançou mais descansada e, debaixo do tanque da roupa, desmoronou-se. A casa de José, caiada e com barras amarelas, ficava a uns metros da casa dos ricos, ao fundo do pátio, atrás da nora e de um jardim pequeno que a senhora tinha gosto em que se mantivesse. José apontou o olhar à ombreira da porta da sua casa, atravessou o jardim amarelecido, afastou as fitas e entrou. Na noite que ainda restava no quarto, sem quebrar o silêncio que as coisas fazem a existir, José distinguiu a mulher sobre a cama e lembrou-se do sorriso do demónio, e lembrou-se das suas palavras. A cabeça da mulher sobre a almofada, os cabelos da mulher sobre a

almofada eram ao mesmo tempo o que conquistara e o que lhe escapava. E virou-se para o berço e os seus gestos brandos tornaram-se mais brandos. A face inocente do filho brilhava no peito e no olhar enternecido de José. Por um instante, olhou as mãos e achou-as demasiado brutas para tocar na serenidade daquela pele. Fechado na certeza que era sua e o entristecia e o entristecia, saiu.

Assobiou e a cadela levantou-se nova. Desatou o nó de arames que prendia a cancela e sentiu a cadela passar-lhe pelas pernas. Enquanto o sol ganhava força aos pés do céu, a cadela fez as ovelhas saírem numa corrente certa, e as primeiras, que sabiam o caminho, arrastavam uma capa cada vez maior de corpos esguios, na manhã, uma maré oceânica e graciosa de ovelhas tosquizadas.

O mundo parou-se num quadro onde só posso continuar, onde o cajado só pode ficar, onde só posso continuar a esculpir uma forma neste pedaço de ramo com a navalha, onde o cajado só pode ficar a vigiar a planície como um ancião solene.

Todos os pássaros fugiram. Todos os bichos do chão deixaram de se ouvir. Todas as nuvens pararam. Aproxima-se o momento. Olho o sol de frente. Penso: se o castigo que me condena se fechar em mim, se aceitar o castigo que chega e o guardar, se o conseguir segurar cá dentro, talvez não tenha de suportar novos julgamentos, talvez possa descansar. Atrás da terra, surge o grande rugido do silêncio. O horizonte avança para mim num incêndio. E distingo-o. Vem a direito, com passos de máquina. O seu corpo, maior do que o dos homens, é como o de uma árvore que andasse, é como o de um homem que fosse do tamanho de três homens. E a cada passo seu, aproxima-se três passos de homem. Debaixo dos sobreiros, as ovelhas tornaram-se figuras enroladas e redondas e imóveis de lã. Mais perto, olha-me sem desviar o olhar. Mais perto, a raiva dos seus olhos agarra-me e puxa-me aos poucos. À minha frente, está parado. Olhamo-nos.

Olharam-se. Sentado debaixo de um sobreiro alto, José segurava a navalha aberta e um pedaço de ramo esculpido na casca. Encostado ao mesmo tronco, à sua direita, estava o cajado. A figura parada do gigante encobria o sol e estendia de si uma sombra que acabava na sombra redonda da árvore. Do interior do silêncio, como do interior de um sonho, o gigante começou a andar. José olhou-o, como se esperasse, como se tivesse passado muito tempo durante aqueles dois passos compridos, e sentiu três pontapés seguidos no peito, e não se defendeu. Não procurou o cajado, não apertou os dedos no cabo da navalha. O gigante abriu bem as mãos enormes e lançou-o ao chão.

José olhou-o e não se encolheu quando as botas cardadas do gigante lhe começaram a moer a carne e a chocar, rígidas, com os ossos: nas pernas, pontapés nos ossos, nas canelas; pontapés nas costas. Os instantes que passaram no silêncio, e que a José pareceram uma noite, não foram uma noite, foram alguns instantes dentro do silêncio. A suar, o gigante virou o corpo sem vontade de José. E, apesar do sangue e do pó na pele, o olhar de José era o mesmo. O gigante quis bater-lhe mais e apagar aquele olhar, bater-lhe tanto; mas, em vez disso, voltou-se e, sem olhar para trás, desapareceu. Sobre a terra, o corpo abandonado de José estava como um arbusto ou uma pedra ou outro corpo que o vento levasse aos poucos. O cantar dos pardais e dos grilos e das cigarras ia-se aproximando. José olhava directamente o sol. Na mão, segurava ainda a navalha aberta.

Talvez se tenha levantado mal uma brisa e as folhas dos sobreiros tremam agora, como mãos de velhos. Sinto o meu corpo enxovalhado, a fazer os altos da terra; o meu corpo estendido, submerso nas ondas paradas da terra. Talvez os pássaros e os bichos tenham retornado agora, para me verem. Vejo o sol diante de mim, muito acima de mim, como um deus a circunscrever-me com raios de luz ou de morte. Penso.

Estavam os três encostados a um dos grandes depósitos de azeite. Eram quatro depósitos muito altos, quadrados, com torneiras ao fundo. Sob as quatro torneiras, estavam quatro baldes que recebiam, em instantes exactos, o pequeno grito de gotas de azeite atravessadas por uma luz muito limpa. Era verão na hora quente daquele dia de verão, mas ali, naquele compartimento escurecido do lagar, o verão ardia apenas na ideia branda dos três velhos; sob as telhas e o gelo grosso da cal e dos tijolos antigos, os seus corpos esquecidos recordavam o fresco. Era verão e sobrava pouco azeite nos depósitos de ferro, mas o cheiro estava acumulado havia muitos anos e caminhava lento no ar, envolvendo e trespassando e misturando-se com as palavras pesadas dos velhos. O velho Gabriel era o que estava sentado mais à esquerda, falava com o olhar baixo, levantando-o apenas durante os breves silêncios. Sob a camisa negra de um luto muito negro, tinha o branco grosso da camisola interior, tinha a pele acastanhada. Na cara, além do olhar grande como um lago e da generosidade profética dos sulcos na pele, crescia-lhe uma barba compacta de teias de aranha. Segurava a boina e revirava-a nas mãos.

Quando o encontrei, estava como morto. Tinha o dia começado na janela, quando senti a mulher dele bater à porta. Tinha um púcaro de leite ao lume e não o bebi. Saiu ontem com as ovelhas e não voltou. Passei a noite amargurada, sem dormir, sem pensar noutra coisa. Ela fala muito pouco. Escolhe as palavras, como as laranjas que se apanham dos ramos mais baixos, como os cães mais viçosos das ninhadas. Onde andarás o homem? Ajude-me. Falou mais nessa manhã. E, se calhar, foi por isso que me pareceu tão verdadeira. Se o José não tivesse levado as ovelhas, acreditava que tivesse bebido bem e se tivesse esquecido do caminho que leva da venda do judas ao monte das oliveiras; mas levando-as, conheço-o ainda ele andava aí atrás do pai, a apanhar grilos e a dispor ratoeiras aos pardais, e sei, mas sei mesmo mesmo, que ele só por muita força de problemas é que

deixaria de cumprir o que lhe é devido. As minhas botas na areia faziam um ruído arrastado. Ao andar, escutava-me e sabia que tinha acontecido alguma coisa. Quando o encontrei, estava como morto. Tinha o pescoço torcido num trejeito sem vontade e o seu corpo, estendido pela terra, era como uma pedra que ali tivesse nascido, parada, e moldada por um estranho capricho com a forma exacta de homem. A cadela, aliviada do trabalho de manter toda a noite as ovelhas juntas, correu para mim como uma criança a contar-me tudo. Lambeu-me as mãos enquanto lhe fazia festas na cabeça. O José, como morto, continuava, de olhos vidrados, muito abertos, a fixar o sol. Com a ajuda da cadela, encostei-o ao tronco e, como não posso com ele, fui ao monte buscar um carro de mão. Na subida, sem que o pudesse evitar, a mulher dele olhou-me longamente e leu-me o olhar. Já desinteressada, perguntou por ele, esperou pela minha resposta e, sozinha, regressou ao silêncio. Com as pernas e os braços dobrados para fora do carro de mão, quase a tocarem a terra, o José manteve-se todo o caminho de olhos abertos. À nossa frente, a cadela tocava o rebanho. Ele, como morto, fixava o sol e o coração levantava-lhe uma palpação na fazenda da camisa de cada vez que batia.

À direita do velho Gabriel, com os olhares paralelos, presos em pontos abstractos e desfocados, estavam os irmãos. Os seus olhares eram iguais, mas não viam o mesmo. Eram o mesmo olhar a ver duas coisas. Durante os meses em que estava parado, eram os irmãos que tomavam conta do lagar. Sempre juntos, sempre um ao lado do outro, envelhecera ao mesmo tempo: tinham a mesma curva nas costas, o mesmo andar pouco ligeiro e, sem que o soubessem, o mesmo número exacto de cabelos brancos na cabeça. Já tinham passado muito mais de setenta anos da manhã de agosto em que, ao mesmo tempo, nasceram, rasgando a mãe por dentro à sua passagem. Contavam os mais velhos, que tinham ouvido dos seus pais, que, assim que lhes cortaram os cordões umbilicais, a mãe os olhou e viu ainda que eram siameses. Morreu alguns minutos depois, sem dizer uma palavra. O seu enterro foi seguido por toda a vila e sentido como uma tragédia entre as maiores. Todas as pessoas da vila davam os pésames ao pai dos irmãos, pela esposa e pelos filhos, pois todos cuidaram que crianças assim não medravam. Mas, no momento em que a mãe era enterrada, os meninos dormiam sobre três cobertores dobrados, no quarto do pai, ao lado da cama onde a mãe se esvaíra em sangue. De pele muito enrugada, os meninos dormiam, com as mãos que tinham unidas levantadas sobre o lençol que os cobria, como num orgulho inocente de serem irmãos. E, sob o olhar preocupado das pessoas, cresceram como crescem as crianças. Com os anos, muitos lhes

quiseram analisar as mãos e todos se arrepiavam com o que viam: a mão direita de um e a mão esquerda do outro estavam unidas pelo dedo mindinho. Tinham as mãos muito elegantes, finas, dedos longos, mas a partir da última norça do mindinho, os seus dedos fundiam-se e terminavam numa só unha. Todos os que viam isto inventavam maneiras de os separar, mas o mais insistente foi o homem de arrancar dentes com um alicate. Inflamado, dizia conhecer homens que tinham cortado muitas pernas e muitos braços na guerra, e que tinha lido muitos livros com desenhos mesmo, e que cortar um dedo a uma criança é mais fácil do que podar uma parreira. E o pai dos irmãos perguntou-lhe e como é que eu decido qual deles é que fica sem dedo? E o homem de arrancar dentes com um alicate, imediato, respondeu já tinha pensado nisso, o mais justo é cortar o dedo aos dois. O pai dos irmãos olhou-o por um instante e não voltou a falar com ele.

Os irmãos chamavam-se Moisés e Elias. Para quem estivesse diante deles, Moisés era o da esquerda, Elias o da direita. Por um evidente motivo, Moisés era dextro e Elias era canhoto. Além desse pormenor, eram iguais em tudo. Mas, apesar de serem iguais em tudo, de se moverem com uma extraordinária coordenação e de ao olhar serem indistintos, havia uma diferença que os dividia ou que, se calhar, os unia ainda mais: Elias não falava. Ou melhor, falava, mas apenas ao ouvido de Moisés que, se fosse caso disso, se apressava a dar voz às palavras sussurradas do irmão. Desde crianças que assim era. Algumas pessoas juravam tê-los escutado desprevenidos, diziam que trocavam palavras numa língua bárbara, talvez estrangeira, quase uma língua de animal, mas nunca se tirou a limpo que assim fosse. E, na penumbra ténue, na sombra muito fresca que os depósitos de azeite lançavam da pouca luz, foi isso que aconteceu. Elias chegou-se ao ouvido do irmão e sussurrou alguns sons sibilados. Moisés escutou e repetiu em voz alta o que o irmão lhe dissera.

Nunca vi ninguém com tanta influência para casar como o José. Na véspera de casar, estivemos na venda do judas e os olhos dele, muito abertos, só se riam. Todos os que lá estavam sabiam que era um riso a querer esquecer muitas coisas, a querer esquecer o gigante e tudo. Queria casar-se e casou-se, mas nunca conseguiu esquecer o que aconteceu à mulher, porque as outras pessoas nunca esqueceram, porque a mulher nunca esqueceu, porque as pessoas falam para ele com o cuidado de não falar da mulher, com o cuidado de não falar do gigante.

Lembro-me da mulher dele, ainda ela era muito pequena, ainda o pai dela era vivo e trabalhava no forno do tijolo. Nessa altura, de madrugada, a meio do verão, passávamos de carroça para o serrado

do tomé, e já o pai dela andava de volta do poço com baldes de água e a tratar do barro à enxada ou a amassá-lo com os pés. E, a essa hora, havia já moldes cheios e uma série de tijolos empilhados a secar ao sol ainda fresco. E ela, como não tinha mãe, por lá andava, com um vestidinho muito sujo, simpática, assomava-se à estrada, dava-nos os bons-dias e, por uns metros, apanhava boleia na traseira da carroça. Ao fim da tarde, quando passávamos para a vila, estava o pai dela diante do forno, a suar, como se a sua pele fosse de água, como se a sua pele fosse a pele de um rio, estava diante do forno e dispunha, entre as brasas e as chamas, filas de tijolos. Ela, com o vestidinho mais sujo, aproximava-se de novo, dava-nos os bons-dias e pendurava-se novamente na traseira da carroça. No cimo da estrada, quando chegávamos ao ponto de virar, olhava para trás e via aquele homem sozinho, a trabalhar entre as chamas, e aquela menina pequena, a correr contente à volta do telheiro.

Elias parou de falar ao ouvido de Moisés e o silêncio que, mesmo durante as palavras, já lá estava, foi único entre os rostos dos três velhos. Por um instante, as gotas de azeite nos baldes regressaram à importância do seu eco. Por um instante, as sombras. E foi a voz de Moisés, agora dita por si, que soou, ténue, como se ele não mexesse os lábios a dizê-la, de tão ténue, tão fina, tão frágil.

Ainda o pai dela não tinha sido enterrado, tossia carvão e cinza, sobre a cama, sobre os lençóis, quando o lá fomos ver. Sei que foi num domingo e que era setembro. Era uma cama de ferro que guinchava num solavanco de cada vez que ele tossia. A mulher do José era uma rapariguita magra, de uns dezasseis anos de fome e de pouco. E andava por todo o lado, furava pelo meio de nós, corria, como se alguma coisa que ela fizesse pudesse salvar o pai de morrer, como se ela trazer uma toalha lavada: uma toalha que ela tinha esfregado e esfregado de encontro às pedras e posto ao sol: como se uma toalha que ela trouxesse pudesse salvar o pai que tossia nuvens de fumo e golfadas de sangue, como se tossisse os pulmões diante de si; como se ela trazer um copo de leite: leite que ela pedia e lho recusavam, que ela pedia e lho recusavam, que ela pedia e lho davam a dizer nunca mais me apareças: como se um copo de leite o impedisse de arder por dentro e, a seguir, vomitar tudo e vomitar o copo de leite.

Ela corria porque o pai era a única pessoa. Foi num setembro, à tarde. Ainda ele não tinha sido enterrado e, isto reparei eu, de vez em quando, na rua, passava o gigante e agachava-se para espreitar pela janela.

Ainda o meu pai não tinha sido enterrado, quando os irmãos o foram ver. Recordo especialmente o estorvo daqueles irmãos colados pelo dedo, sempre à minha frente. Eu a desviar-me para a esquerda e um deles à minha frente, a desviar-me para a direita e o outro ou o mesmo à minha frente. Eu a voltar com o leite morno e as costas de um à minha frente, a chegar-me para o lado e as mesmas costas à minha frente, a chegar-me mais uma vez para o outro lado e novamente as mesmas costas à minha frente, eu a tentar uma finta e a conseguir, por fim, passar. Aqueles irmãos, como bonecos recortados do papel e unidos pelas mãos, bonecos inseparáveis condenados a uma rodinha perpétua. E o meu pai. A morrer lentamente, eu a saber que ele morria lentamente e a não querer acreditar. O meu pai, que era a única pessoa, a gastar as últimas forças para dizer contem-me lá como está o telheiro? A morrer lentamente e a perguntar pelos fornos e pelo poço. O telheiro que nunca foi dele e que foi mais dele do que do doutor mateus, que nunca acartou um balde de barro, que nunca tocou em barro com as mãos, com os pés, que nunca viu barro. Vai entregar a renda ao doutor mateus, filha. E eu, debaixo da torrinha do sol, a fazer o caminho do monte das oliveiras, com uma nota muito apertada e muito suada na mão; e a dar de caras com o José e a dizer-lhe trago a renda para o senhor doutor mateus; e o José, sem reparar em mim, guardava a nota. Quando regressava, mais lenta e despreocupada, parava debaixo dos sobreiros, para arrefecer a cabeça, e ficava a cismar na tristeza bonita dos olhos do José. Quando chegava ao telheiro, lá estava o meu pai a olhar-me, como me olhou antes de morrer, fechado num silêncio de não poder dizer o que sentia e a dizê-lo num olhar mudo. Recordo os irmãos parados, como abutres nos ramos da morte, e a cintura grossa do gigante a passar para cá, a passar para lá, na rua, atrás dos reposteiros pobres de tule. E o meu pai, calado por longos momentos, como se estivesse a cismar numa coisa que só ele sabia e só ele podia saber, com o mesmo olhar que o José lança agora no ar, a direito e sem direcção. O José que não vai morrer, como o meu pai, mas que parece saber os segredos guardados

para os moribundos. O José que está deitado entre os lençóis que lavei ontem, partido, enrolado numa ligadura à volta do peito, a olhar, como os anjos nos altares das capelas, de olhos muito abertos. Enrolado numa ligadura, porque ontem chamei cá o endireita e, depois de estalar os dedos numa escala sinfónica de ossos, espetou as pontas dos dedos na pele do José. Passou-lhe as mãos pela espinha, pelo pescoço, a examinar, a ver se faltava algum bocado, e quando chegou às costelas disse eh lá, olhei-o e ele repetiu eh lá; depois, num silêncio, enfiou os dedos fundos no peito do José e, após um estalido que ecoou, disse se não lhe tenho puxado a costela, podia furar os pulmões. Paguei-lhe e deixou o José enrolado numa ligadura. Mas o olhar manteve-se. Julga que eu sou um endireita de olhares? O menino adormeceu há pouco e, embora pudesse descansar agora um bocado, tenho andado desassossegada. Este quarto faz-me lembrar o quarto do meu pai a morrer e, com a sugestão, até o vulto do gigante já me pareceu passar pela janela. Para cá, para lá. Como no dia seguinte ao meu pai morrer, ainda o seu corpo estava fresco e intacto sob a terra, ainda os bichos não o tinham descoberto e se entretinham a roer-me o coração da maior dor, da dor profunda de ter um pai morto, um só pai, uma só pessoa a sofrer por mim e a doer-se por mim e a gostar de mim, e já não ter essa pessoa; no dia seguinte ao fim da minha infância, o gigante bateu-me à porta e não me repetiu numa voz gasta as palavras de condolências, cantadas como uma ladainha ou uma praga; olhou o meu corpo magro e abraçou-me. Assim. Abraçou-me e levantou-me no ar e apertou-me muito. De novo, a menina nos braços do pai, a girar, nos braços fortes do pai e a sorrir de novo num mundo só de manhãs e primaveras, a menina pequenina a poder sorrir. E sobre os lençóis, o meu corpo rasgado, dilacerado pelos dentes caninos de lobos, o meu corpo rasgado a abrir-se num jorro de sangue que não brotou. Sobre os lençóis frios da cama do meu pai, os lençóis como mármore, sobre o frio, a ausência dos meus sangues. E o gigante, em cima de mim, a dizer-me puta. Ao ouvido, puta. E o tecto do quarto a liquefazer-se em lágrimas, a ser um céu de noite na noite. Eu que nunca tinha conhecido um homem ou nada daquilo, a ouvir, de cada vez que o hálito vulcânico do gigante me aquecia a orelha, puta, em suspiros ciciados pelo vento, puta. Aos pés da cama, abotoou-se a fixar-me sempre num olhar que sorria. E eu, sobre os lençóis, como uma boneca partida, com os cabelos estendidos, com os braços separados do tronco, com as pernas arrancadas, com a cabeça torcida. Na noite seguinte, o gigante voltou, e voltou na outra, na outra, na outra. Eu abria-lhe a porta e não o olhava, baixava a cabeça e, no quarto do meu pai, sentia-o revolver-me com uma faca. Todas as noites, o tecto se abriu para me mostrar as estrelas que não existiam no oceano nocturno daquelas noites. Quando

me falhou o período e deixei de andar certa com a lua, não disse ao gigante, porque ele nunca ouviu a minha voz, porque nunca lhe disse uma palavra até hoje. A barriga cresceu muito depressa. Com quinze dias, tinha uma barriga igual às de dois meses; com um mês, tinha uma barriga igual às de quatro meses. Quando as tenazes, geladas, entraram por mim adentro, deixei de sentir. Deixei de ouvir. Deixei de ver. Sei que a velha das mãos ásperas e dos dentes postiços tinha um avental de plástico; sei que me estenderam numa cama dura, como as bancas das matanças; sei que esticaram um alguidar debaixo de mim para recolher o sangue, como o sangue fresco dos porcos, a ser mexido com uma colher de pau para não coalhar; mas não vi, não ouvi, não senti. Surda, cega, não imaginei sequer a criança que me arrancaram como se arranca um tumor ou um bruxedo. Foi como se houvesse nevoeiro dentro da vida, a entrar-me nos ossos, a cegar-me para o que não existe: as manhãs; o céu limpo; as primaveras; o conforto dos teus abraços, pai. E já não era criança. Em casa, nas noites, não voltou o gigante. Enrolada no xaile negro do meu luto, passava ao rés das paredes e as conversas paravam quando me aproximava e as mulheres ou os homens ficavam a olhar-me, como se me procurassem os olhos, como se quisessem humilhar-me com os olhos, como se com os olhos me dissessem puta, com os olhos me seguissem sempre e fosse a minha consciência aqueles olhos a repetirem-me puta. Quando chegou o tempo da azeitona, ainda eu não tinha arranjado trabalho e vivia do que o meu pai me tinha entregue na mão, entre flocos sólidos de fumo que tossia sobre palavras asmáticas: o pouco. Quando chegou o tempo da azeitona, morreu de velhice a criada velha do doutor mateus, morreu aflita com o pequeno-almoço do menino mateus; porque, para ela, o doutor mateus, casado, pai de muitos filhos, era ainda o menino que a senhora amavelmente se dignara parir sobre os lençóis de linho. Após a estafa dos caminhos que levam ao monte das oliveiras, pedi para preencher a vaga e fui logo admitida, pois o doutor mateus ainda não tinha tomado o pequeno-almoço. E o José, que agora está como morto, mas que não morreu, porque conheço o cheiro da morte, tão diferente dos olhos de vidro a cismar uma condenação; o José aparecia às vezes a tocar as ovelhas ou a acartar braçadas de lenha com o pai para a lareira enorme da casa dos ricos. Nessa altura, já o velho Gabriel era velho para aí de uns cem anos e tratava das couves e das hortaliças da horta. Eu passava os dias fechada em casa. À noite, dormia no sótão com as outras criadas em camas de ferro. Nenhuma delas me falava. Nunca mais vi o doutor mateus, deixou de aparecer no monte. De vez em quando, chegavam postais para a senhora de cidades estrangeiras, cidades que eu inventava das fotografias bizarras de um edifício enorme em bico ou de um edifício torto no momento de cair, cidades que eu inventava até ao grito da cozinheira.

Chegavam postais para a senhora, mas também ela tinha feito todas as malas e saído. Estávamos sozinhas, mas fazíamos tudo como se os senhores estivessem. E foi por essa altura que, estando eu a limpar o pó, comecei a escutar a voz que estava fechada numa arca. Uma arca como as outras, antiga e encerada, como tudo é antigo e encerado na casa dos ricos; uma arca no corredor maior, sob um quadro de bigodes retorcidos; e, de dentro da arca, uma voz. Primeiro, pensei que fosse uma pessoa que ali estivesse fechada, mas, e nessa tarde falou-me, a cozinheira disse-me não faças caso, é só uma voz. Essa voz abafada falava solene como se estivesse a ler uma epopeia de um livro, disse: talvez os homens existam e sejam, e talvez para isso não haja qualquer explicação; talvez os homens sejam pedaços de caos sobre a desordem que encerram, e talvez seja isso que os explique. Não conseguia ignorar a voz que está fechada dentro de uma arca. Era uma voz de homem. Na semana que se seguiu a essa descoberta, fingi tarefas só para estar no corredor maior a escutar a voz. Dizia frases que me pareciam muito verdadeiras e, embora eu nunca lhe respondesse e a voz que está fechada dentro de uma arca talvez nem me pressentisse, comecei a tê-la como amiga. Ficava a ouvi-la e ia dizendo que sim com a cabeça ou fixando o olhar nas ideias que ela erguia como se erguesse horizontes. Quando as outras me viam sem fazer nada, empurravam-me desde o corredor maior até à cozinha. A cozinheira punha-me as alcofas de vime nas mãos e mandava-me aviar um mandado à vila. E, entre as searas, sob os sobreiros, fazia o caminho de areia e de sol até à vila e, quando chegava, encostava-me ao rés da parede e os grupos de mulheres e de homens olhavam-me a procurar-me sob o meu vulto e, ao passar, ouvia fez um desmancho, ouvia desmancho e envergonhava-me mais e encostava-me mais à parede até ser quase uma folha de papel encolhida de encontro à parede. Na mercearia, não pedia o que queria, esticava o papel com a letra analfabeta da cozinheira e ia tudo ter às alcofas. Ia dar uma grande volta para não passar no terreiro, mas nunca conseguia fugir ao demónio, que numa esquina, sob uma sombra, me esperava, a sorrir. E, debaixo daquele sorriso, as minhas pernas embarçavam-se, como linhas de alinhar; as minhas pernas tornavam-se de plasticina mole e, carregada com alcofas sob os braços, à cabeça, nas mãos, era como uma artista de circo bêbeda a patinar diante de um arame. Era como se aquele olhar me despisse de tudo, de todas as muralhas que tenho a esconder-me dos outros e, mesmo, a esconder-me de mim própria. Quando chegava ao começo da estrada, já ia cansada. Carregada como uma mula de ciganos, com o sol a pique, suave e, em silêncio, amaldiçoava a cozinheira. No fresco da cozinha, sentia-me como se tivesse atravessado muitos desertos; eram-me então dados cinco minutos para me recompor. Com um pedaço de cartão, abanava a cara

e dentro do decote. Na cadeira torta, afastava as pernas e sentia o alívio de uma aragem nas coxas em carne viva. Nesses dias, sempre diferente, a voz que está fechada dentro de uma arca, dizia: talvez o sofrimento seja lançado às multidões em punhados e talvez o grosso caia em cima de uns e pouco ou nada em cima de outros.

Penso: talvez o sofrimento seja lançado às multidões em punhados e talvez o grosso caia em cima de uns e pouco ou nada em cima de outros. Não a dor, não as pernas trôpegas de nódoas negras, não as costelas partidas a colar entre o sangue pisado, não a cabeça a rachar-se em tentáculos como raios, não a pele das paixões acabadas a abrir rasgões fundos na carne como vergastadas de uma impotência absoluta; mas o sofrimento, permanente e constante, como todos os ossos expostos a furar os músculos e a pele. Dói-me o corpo e é sem o sentir que soffro. Sei que a minha mulher vagueia pela casa. O menino adormeceu e ela podia descansar, mas anda desassossegada. Vagueia pela casa e não sei o que pensa. Não a conheço. Como se apenas a visse e fosse sempre a primeira vez. Sem a ouvir, sem a sentir, olhando-lhe os movimentos sem história e nunca lhe entendendo as razões. Muitas vezes me fixei na sua testa pequena de menina, no seu olhar intenso, mas nunca pude atravessar as suas paredes, sem portas ou janelas no sentido, nunca pude caminhar nas suas salas e alumiá-las com um candeeiro, por muito sumido, por muito fosco. Sei dela tanto quanto no dia em que me dispus a conhecê-la.

Quando chegou o tempo da azeitona e a mulher do José se empregou na casa dos ricos, o seu corpo era o de uma criança cansada. Muito magra, andava pela casa e pelos cantos; de ombros caídos a prolongarem-lhe o pescoço, a sua presença era uma mancha a quem se dava ordens. Nem José, nem as outras criadas, nem a cozinheira, nem o velho Gabriel, nem ninguém lhe dizia o que quer que fosse ou lhe escutava uma palavra, uma interjeição descuidada, um suspiro, um murmúrio, um sopro. Mas, se subiam para uma das carroças que levam os que trabalham no campo e iam à vila, se iam ao terreiro e entravam na venda do judas, toda a gente lhes perguntava por ela e todos diziam desmancho e diziam fez um desmancho. E nem José, nem as outras criadas, nem a cozinheira, nem o velho Gabriel, nem ninguém respondia.

Dois verões a seguir, a cozinheira, saturada de fazer bifes de vaca e

ensopados de borrego e bifes de vaca e ensopados de borrego, saturada de ver os bifes de vaca e os ensopados de borrego a arrefecer na mesa e o senhor doutor mateus sem afastar a sua pesada cadeira de madeira escura e de cabedal e o senhor doutor mateus sem se sentar e encher o copo de vinho e cheirá-lo e mirá-lo à contra-luz e só depois talvez bebê-lo, saturada de ver os bifes de vaca e os ensopados de borrego a arrefecer na mesa e a senhora sem pousar o guardanapo no colo com o bordado do brasão voltado para cima e a senhora sem se sentar ou chegar sequer do quarto vazio onde não dormiu, saturada de ver as travessas de bifes de vaca e de ensopados de borrego despejadas na gamela dos cães, decidiu sair do monte e ir morar para uma casa caiada da vila. Subitamente, no instante em que a cozinheira, com o lenço de sair do monte, se despedia, arrastando cestas de piquenique fechadas com atilhos e carregadas com cuecas de flanela para a carroça; no momento em que as mulas se impacientaram de esperar a cozinheira que lacrimejava cinquenta anos a servir naquela casa, subitamente, as criadas aperceberam-se de que também elas estavam saturadas de fazer e desfazer e fazer e desfazer as camas feitas e limpas e passadas a ferro dos senhores, saturadas de limpar o pó dos móveis da sala e a senhora não estar estendida na chaise longue a censurá-las de não fazerem nada como ela sentada na chaise longue lhes ordenava, saturadas de limpar o pó dos móveis do corredor e o senhor doutor mateus não lhes chegar sorrateiro por trás e num susto do coração as agarrar pelos seios e lhes respirar no pescoço. Subitamente saturadas, as criadas enrolaram o que tinham na gaveta da mesinha de cabeceira dentro de um lenço de assoar, porque tudo o que possuíam cabia na gaveta da mesinha de cabeceira e dentro de um lenço de assoar, e aproveitaram a viagem da cozinheira que, com a companhia, partiu muito mais consolada. E nem a cozinheira, nem as criadas repararam na mulher do José camuflada de encontro a um canteiro de malvas. A mulher do José que, a partir dessa manhã, ficou a tomar conta da casa dos ricos.

Lavava as carpetes quando estavam sujas, limpava o pó quando o havia, não fazia as camas pois estavam sempre feitas, encerava as escadas se estavam por encerar, não fazia bifes de vaca e ensopados de borrego porque as criadas só estavam autorizadas a comer uma açorda pobre com um ovo às vezes. Tratava da casa não esperando os senhores a qualquer instante, uma vez que nada levava a crer que os senhores pudessem chegar a qualquer instante. Passava tardes sentada em frente da voz que está fechada dentro de uma arca, a ouvi-la. De quando em quando, a pé, ia à vila aviar as alcofas de mercearias e ouvia desmancho, ouvia fez um desmancho, e quando voltava, antes de sair da vila, cruzava-se com o demónio, que a olhava e sorria, sorria.

José acompanhava o pai ou, nesta altura, talvez já fosse o pai que o acompanhasse a ele. José tinha os seus vinte e seis ou vinte e sete anos, e o seu pai era mais velho que os setenta anos que tinha. Na cama, a mãe de José morria de uma doença que a fazia emagrecer e que lhe fazia os olhos encovarem nas órbitas negras, morria de uma doença que a fazia murchar como uma flor cada vez mais amarela até ser só amarela e morta, uma doença que lhe começara nos peitos e que se tornara todo o corpo. Todo o corpo da mãe de José era aquela doença. A mãe de José morria de uma doença que era todo o seu corpo e morreu num sábado à tarde, no meio de um verão que escaldava. O pai de José ficou ainda muito mais velho, como se com o passar dessa tarde, com o passar desse momento em que a sua mulher morreu, esse momento preciso em que o coração parou numa batida e deixou o peito num silêncio suspenso a aguardar a próxima que não chegou, esse momento exacto em que não voltou a respirar e em que deixou a cabeça cair na última vontade dos seus músculos, como se com o passar dessa tarde, tivesse envelhecido o dobro da sua vida e tivesse quase a idade do velho Gabriel, mas mais morto. José não pôde envelhecer assim. Ainda nessa tarde, teve de ir tratar das ovelhas e tratar do funeral. No outro dia, depois do enterro, também teve de ir tratar das ovelhas. No outro dia, também. E no outro, no outro, no outro. O pai de José não voltou ao monte. Deixou de falar e só comia a sopa que lhe davam na boca. A irmã de José vivia na vila, era casada com o ferrador, e foi ela que recolheu o pai. Vejam-me só esta miséria, dizia ela às vizinhas. O pai ficava todo o dia sentado num banco no quintal, diante da capoeira, a olhar para lado nenhum, como um cego. Num dia certo, uma vez por semana, chegava o barbeiro com muita conversa, bom dia, e punha-lhe a toalha à volta do pescoço e fazia-lhe a barba, sempre a falar, e porque torna e porque deixa, treco treco meio gato malhado; mais ou menos de três em três semanas, tirava a tesoura do bolso da bata e, apesar da indiferença do pai de José, nunca parava de falar, e porque torna e porque deixa, treco treco meio gato malhado, tirava a tesoura e cortava-lhe o pouco cabelo quase rente. Além desta, a outra visita mais frequente era a de José. Sentava-se ao lado do pai e ficavam os dois em silêncio. José apercebeu-se então de que, apesar de costumarem passar os dias juntos atrás do gado e, à noite, parecer que tinham falado muito, nunca realmente tinham dito grande coisa um ao outro. E sentados, lado a lado, virados para a capoeira, ficavam, como se a tarde fosse o que quisessem dizer.

Sem o pai e andando o doutor mateus embarcado, ficou o José encarregado das propriedades e dos negócios que o doutor mateus por ali mantinha; era como um feitor, embora ninguém lhe chamasse assim. Mas esse acrescento de responsabilidades não lhe alterou a

rotina. Tratava do rebanho, como até aí, e essa era a sua principal tarefa. Às vezes, ia à vila. Visitar o pai. Visitar a cozinheira. Passar, sem se demorar, na venda do judas e beber um copo de tinto. Foi numa dessas visitas fugazes que apareceu, cumprimentando toda a gente e sorrindo, o demónio. José bebeu o fundo de vinho que tinha no copo e, quando se virava para sair, o tentador sorriu-lhe e perguntou-lhe por aquela que viria a ser sua mulher, disse então a rapariga do telheiro como tem passado? José disse tem passado muito bem, mas de facto nada sabia sobre isso e, com essa resposta, tudo o que queria era responder sem responder e sair dali. Mas já os homens todos os olhavam e ouviam. O demónio, entupido num sorriso talvez nervoso, disse ouvi dizer que ela ainda não esqueceu o que fez e quer repeti-lo assim que encontrar o homem próprio. José atravessou os olhares e os corpos; e, à porta da venda, disse nada disso me diz respeito, e saiu.

No começo da manhã seguinte, José bateu à porta da casa dos ricos e deu mais atenção ao rosto triste e apagado que lha abriu. E enquanto passava pela cozinha, carregando braçadas de lenha de azinho e estevas, olhava, reparando finalmente nela, nos seus braços, na fragilidade, na pele branca. E, já a manhã era manhã verdadeira, já o sol morno aquecia, José escondeu-se atrás da nora para a ver estender a roupa nos arames. Fina, fraca, pousou o alguidar e José ficou encantado naquela figura fina, fraca, que, julgando-se sozinha, passava entre a claridade exposta na superfície dos lençóis e se misturava com ela, porque também a sua pele era branca e reflectia o sol. Mais tarde, quando soltou as ovelhas e as levou para o campo, andou todo o tempo a cismar naquela pele e naquela claridade. A partir desse dia, dispôs-se a conhecê-la.

Penso: talvez o sofrimento seja lançado às multidões em punhados e talvez o grosso caia em cima de uns e pouco ou nada em cima de outros. Sofro. Sei que a minha mulher vagueia pela casa. Não a olho. Olho o sol no céu sobre a casa. Vejo através do tecto e das telhas. Olho o sol de frente. E a sua luz. Como uma corrente fluvial a entrar por mim e encher-me logo. A purificar-me. E para lá desta corrente que me limpa, como se não fosse luz e fosse água, sei que a minha mulher vagueia pela casa. Ainda que os meus olhos não a vejam, eu vejo-a. Pensa. No que pensas, mulher? Quem é o teu rosto? E não há um silêncio que me responda. Só o silêncio onde não me entendo, onde não a ouço. Só um silêncio de esquecimento e indiferença e silêncio. Distante deste tubo de sol e junto da minha pele, vagueia pela casa, talvez perdida, talvez segura do que sabe. Preciso dela. Não a conheço.

A mulher de José devia ter uns vinte anos e passava horas sentada numa cadeira do corredor maior, a escutar a voz que está fechada dentro de uma arca. O José, que devia ter uns trinta, andava com a cegueira de a ver e anotava num caderno os encontros: o dia, as horas, o lugar e uma descrição da ocorrência. Quarta-feira, nove e meia da manhã, horta, pediu umas couves ao velho Gabriel, pulsos finos. Quinta-feira, oito e um quarto da manhã, pátio, foi à vila. Sábado, um quarto para o meio-dia, deu de comer às galinhas, ouvi-lhe a voz. José esforçava-se por lhe descobrir uma rotina, para assim poder esperá-la ou segui-la com mais eficácia; mas ela tanto lavava a roupa de manhã como de noite, não tinha dia certo para ir à vila e dava de comer à criação quando calhava. José andava a padecer por ela. Ainda de madrugada, ao acordar, a primeira coisa em que pensava era nela. Quando ia guardar o gado, pensava nela e, às vezes, não lhe conseguia ver o rosto, gastava-se-lhe de tanto a imaginar. Nessas alturas, fechava os olhos com muita força e construía-a peça a peça: lembrava-se dos lábios, do nariz, dos cabelos, dos olhos e depois juntava tudo na ideia. Ao adormecer, pensava nela. Quando a espreitava, sentia o coração rápido nas têmporas.

Andou assim os meses suficientes para encher uma dúzia de cadernos. Mas ela sabia que ele a vigiava, sabia exactamente o sentimento que o consumia, não por alguma vez o ter surpreendido, não por ter em si alguma qualidade sobrenatural, mas por ser mulher e todas as mulheres saberem mais do que veem, quando se trata de questões sentidas. E um dia, ao fim da tarde, esmorecia a luz numa claridade suspensa sobre os campos, e essa claridade estava em toda a planície e em todo o mundo, porque o mundo acabava no horizonte das planícies; um dia, ao fim da tarde, ela atravessou o pátio, passou pela nora e pelo jardim pequeno que a senhora tinha gosto em que se mantivesse, e bateu à porta da casa de José. Quando ele chegou, ela olhava-o nos olhos, e o rosto dele tornou-se profundo num momento. E foi ela que rompeu esse momento, atravessando as fitas em silêncio, José seguiu-a. E entraram no quarto, e fizeram amor. E não sentindo o cansaço do corpo desarrumado, em silêncio, no instante que suportava o último esforço do dia, saiu.

Na manhã seguinte, depois de alimentar o rebanho e de o recolher à pressa, José foi à vila. No quintal da irmã, o pai ainda estava na mesma cadeira, como uma estátua de mármore a envelhecer. José sentou-se e, ao fim de uma hora, disse vou casar-me. Nenhuma modificação ocorreu no rosto dos dois homens. Passada outra hora, já andava a dar as voltas necessárias para tratar do casamento. Casou-se daí a três semanas.

Foi num sábado de julho. José vestiu o único fato que tinha, um fato preto que pertencera ao doutor mateus e que lhe ficava largo nas mangas e enfolado na cintura, um fato preto que usou no funeral da mãe e no casamento da irmã. A sua mulher levou um vestido branco, que tinha pertencido à senhora e que ela tinha recuperado de um esfregão. Foram casados pelo demónio, pois era ele que casava as pessoas na vila. Os padrinhos foram o Moisés e o Elias, e as madrinhas foram a cozinheira e a louca da rua da palha, porque ia a passar à porta da capela e a puxaram para dentro. Os convidados eram o velho Gabriel, o pai de José, a irmã, o cunhado ferrador e o sobrinho de sete meses. Vestido à civil, o demónio entrou no altar e, sorrindo, começou a ler de um livro negro. O pai de José, desconsolado, a um canto, era mais imóvel do que as figuras agonizantes de cera. A irmã, com um ramo de tulipas de plástico na cabeça, abanava o seu filho, como um relógio avariado, e os gritos do pequeno ecoavam pela capela como uma sirene de bombardeamentos. A cozinheira, de mau humor, resmungava pelo espaço entre os dentes. A louca da rua da palha babava-se e virava-se subitamente de um lado para o outro, como um bezerro atacado por moscas varejeiras. O demónio calou-se num sorriso aberto. José disse sim. A sua mulher abanou a cabeça. Os padrinhos assinaram todos de cruz, menos a louca da rua da palha que assinou com um gatafunho. À saída da capela ninguém os esperava. Não lhes atiraram flores. Não houve almoço ou copo-de-água. Voltou cada um para sua casa. Nessa noite, a mulher de José dormiu com ele, mas não fizeram amor.

No domingo, o José teve de ir tratar das ovelhas. A jovem noiva, com a indiferença de uma casada de bodas de prata, fez o café e foi lavar a roupa para o tanque da casa dos ricos. José não a foi espreitar.

Penso: talvez o sofrimento seja lançado às multidões em punhados e talvez o grosso caia em cima de uns e pouco ou nada em cima de outros. Ainda que o peso do meu peito seja custoso, qual é o peso de um abismo?, ainda que me sinta um cego a crescer sem olhos para um precipício, tenho de me levantar desta cama. Tenho de levantar estes braços que não são meus, tenho de levantar estas pernas que não são minhas, mas de um rochedo, e ir tratar das ovelhas. A minha cadela. O campo. O sobreiro grande. Que sombra estará agora debaixo do sobreiro grande? Ainda que caminhe pela noite ao meio da tarde, ainda que no pico do sol seja o mais negro da noite e dentro da noite seja noite também, por tudo ser noite aos meus olhos, tenho de me levantar desta cama. Mesmo que seja para sofrer sofrer, tenho de ir ao encontro daquilo que serei, por ter sido isto e não poder fugir, não poder fugir de me tornar alguma coisa.

Enrolado numa ligadura, José levantou-se e começou a vestir-se. A sua mulher olhou-o e não disse nada. O menino acordou.

Estavam calados há um longo momento, os três velhos. As paredes do lagar condensavam uma camada de bagaço, como que a proteger do áspero do cimento. A cor dos rostos absorvia o escuro do lagar. Calados, cada um. Moisés, Elias e o velho Gabriel, cada um pensava numa coisa e cada um pensava que os outros pensavam noutra coisa, mas todos pensavam no mesmo. Moisés pensava no casamento de José e pensava na cozinheira que conhecera nesse dia; pensava que Elias pensasse na mulher de José ainda rapariga no telheiro e pensava que o velho Gabriel pensasse na mulher do José já marcada e feita, no monte das oliveiras, escondida. Elias pensava no casamento de José e pensava no irmão a derreter-se para a cozinheira nesse dia; pensava que Moisés pensasse na mulher de José ainda rapariga no telheiro e pensava que o velho Gabriel pensasse na mulher de José já marcada e feita, no monte das oliveiras, escondida. O velho Gabriel pensava no casamento de José e pensava em Moisés a puxar o irmão pelo dedo, quase a esgarnar-lhe o mindinho, para se aproximar da cozinheira no altar; pensava que o Moisés pensasse na mulher de José ainda rapariga no telheiro e pensava que Elias pensasse o mesmo que o irmão.

Moisés pensava no casamento de José e na cozinheira que conhecera nesse dia.

Foi num sábado de julho. Eu e o meu irmão vestimos o nosso fato mais novo e o nosso casaco com botões da marinha que foi a última peça que o alfaiate fez antes de morrer, porque não quis morrer sem nos deixar um fato completo para as ocasiões de cerimónia e ele foi o único capaz de inventar e construir um intrincado sistema de botões e fechos e correias que nos permitisse vestir camisas, camisolas ou casacos. Por ser sábado, acordámos um pouco tarde, às oito e meia. Bebemos o café e arrumámos duas panelas com água a aquecer ao lume. Quando ferveram, pegámos-lhes com um trapo, porque o barro também queima, e despejámos-las dentro de dois alguidares de esmalte no centro da cozinha. Juntámos um nadinha de água fria e tomámos banho. Repartimos o sabão azul e limpámos-nos à mesma toalha.

Sentámo-nos em dois mochos ao lume e cortámos as unhas dos pés e das mãos. Sobre as cadeiras do quarto, ao pé das meias novas e dos sapatos engraxados, estavam os fatos, passados de véspera. Tinha sido o Elias a passá-los, pois ele sempre foi mais sensível com as mãos, e os fatos, apesar de serem os mais novos que temos, já foram costurados por altura da nossa mocidade e qualquer descuido com o peso do ferro de brasas podia queimá-los e marcá-los definitivamente. Lembro-me de o Elias me pedir para agitar o ferro e atihar as brasas, isso sei fazer. Como temos pouca barba, atirámos apenas alguma água de cheiro para as faces e demos uma oportunidade aos dois ou três pelos finos, alourados ou brancos.

Na rua, o dia era o sol muito que inundava as paredes e o chão e o céu, tornando tudo, paredes, chão, céu, num sol também. Caminhámos despreocupados e creio que sorrindo. Parecia ser um dia de coisas boas, como sempre parecem os sábados. As galinhas afastavam-se assustadas das nossas pernas. Os cães olhavam-nos cordiais. As pessoas diziam-nos bom dia. Chegámos e a capela tinha a porta fechada. Nos três degraus em frente, estava a irmã do José com o seu filho ao colo, e o pequeno chorava aflito, como se quisesse preencher todo o ar da manhã com a corneta ensurdecadora que gritava, e a irmã do José falava numa torrente constante de palavras quase incompreensíveis: já viram a minha vida a gente aqui ao sol e não chega ninguém que nos abra a porta e não chegam os noivos já viram a minha vida este que não se cala mesmo agora lhe dei peito mesmo agora lhe mudei a fralda mesmo agora acordou e já está com a birra do sono: palavras rápidas e constantes, como um lamento ou uma embirração; estava o ferrador encostado à parede, muito marreco e desconsolado, a fumar um cigarro e a olhar para o chão; estava o pai do José, sentado num degrau da capela, numa posição de criança, hipnotizado, com uma fita de pano à volta do pescoço. Dissemos bom dia. Não nos responderam. Não tivemos outro remédio senão esperar e foi realmente incómodo. O sol cada vez mais próximo. Aquela criança desalmada a berrar.

Quando o demónio chegou, limpámos o suor da testa às mangas do casaco. E, enquanto não acertou com a chave, fizemos fila atrás dele. Deprimido, o ferrador aproximou-se do pai do José e, com toques suaves, levantou-o e conduziu-o, puxando pela fita que o homem sem vontade trazia ao pescoço, como se fosse uma trela. De facto, era igual a uma trela. Sentou-o e desatou-lhe a fita do pescoço. Sentámo-nos. A criança gritava e parecia impossível que um pedaço tão pequeno de carne pudesse ter tanta força na goela para gritar assim. Com um sorriso fixo, o demónio andava pelo altar a preparar tudo, e tudo víamos, uma vez que a capela não tem sacristia. Riscou uma caixa inteira de fósforos que se apagavam ao tentar acender uma vela,

provou uma hóstia cheia de bolor, vestiu uma opa que se lhe descoseu nas costas. Continuava o demónio nestas andanças, e ela chegou. Surgiu na entrada da capela iluminada por trás e, de início, aquela silhueta encandeou-me. Já sabia que ela se tinha mudado para a vila, mas ainda não a tinha visto. Nos cinquenta anos em que serviu no monte das oliveiras, nunca a vi, pois, sempre que me deslocava ao monte, ela estava ocupada; e, sempre que ela vinha à vila, nunca calhámos a cruzar-nos. No entanto, sabia que ela se tinha mudado. Sabia até que se tinha mudado para a casa ao lado da casa do homem que está num quarto sem janelas a escrever, e durante estes meses não foram raras as ocasiões em que inventei desculpas para fazermos esse caminho ao regressarmos do lagar. Ainda assim, nunca a vi até ao momento em que entrou na capela. Embora estivesse muito calor, trazia um vestido de veludo roxo e umas meias arrendadas que lhe tapavam as canelas. Passou em frente do altar e não fez o sinal da cruz ao sacrário, aliás ninguém fazia o sinal da cruz ao sacrário, não só porque ninguém sabia fazer o sinal da cruz, mas também porque a capela não tinha sacrário. Escapuliu-se pelo corredor junto da parede e sentou-se justamente ao meu lado. Vinha a resmungar, zangada com o calor e com a aflição das roupas, e não nos disse bom dia. Afogueada, abanava-se com um leque que, soube-o mais tarde, a senhora lhe trouxera da feira de Sevilha.

O noivo entrou de mão dada com a noiva. A cozinheira puxou a louca da rua da palha para dentro da capela e disse vamos a isto. O filho da irmã do José berrava. Pela posição dos noivos no altar, calhou-me ser o padrinho do José. A cozinheira recusou-se a ser a madrinha da noiva, resmungando desmancho, resmungando fez um desmancho, por isso instalou-se a meu lado, como madrinha do noivo. Resmungando, passou por mim o seu perfume. Ela era uma mulher. Pela forma feminina como tirava um lenço da mala e se assoava, pelo modo como mexia os lábios a remoer palavras miúdas, pela forma como alternava os pés impaciente. Ela era uma mulher. E não ficou espantada com o caso de eu e o meu irmão estarmos pegados. E quase me sorriu uma vez. E quase me olhou nos olhos. Ela era uma mulher.

Elias pensava no casamento de José e pensava no irmão a derreter-se para a cozinheira nesse dia.

As paredes da capela eram toscas, ainda que as camadas sobrepostas de cal lhe alisassem o rugoso. Tinha um santo de cada lado, que apenas eram considerados santos por ali estarem, e não por serem realmente santos, pois ninguém sabia quem eram realmente. E ia

decorrendo a cerimônia. Sorrindo, o demônio lia frases entoadas, como um cântico, e o meu irmão derretia-se para a cozinheira. Havia também dois vitrais minúsculos. O soalho era de madeira e estava carunchoso. O filho da irmã do José chorava um grito imparável, e não descansava para respirar, chorava incessantemente e, embora se escutasse uma lamúria, não se percebiam as palavras que o demônio dizia fortuitamente. A louca da rua da palha que, comigo, era madrinha da mulher do José, despenteada, tinha uma grande mancha no peito da camisola, da baba, e outra muito grande na saia, do sangue. Tinha as pernas muito sujas, negras; não tinha meias e as pulgas corriam-lhe pelo pescoço. Mexia o corpo em convulsões quase controladas e, com a cabeça, seguia alguma coisa no ar, alguma coisa que eu me esforçava por ver e não conseguia, uma coisa que voava e que lhe fazia a cabeça mover-se aleatoriamente sobre o pescoço. Os berros do filho da irmã do José faziam eco de encontro às paredes da capela e, por esta altura, já não se distinguiam os gritos da boca aberta e da cara vermelha da criança e os gritos iguais que as paredes repetiam. Gritavam ao mesmo tempo, paredes e criança, acertando-nos gritos de todos os lados. A cozinheira assoava-se repetidamente. Ainda a mão não tinha feito o seu caminho do nariz até à mala com o lenço estampado de flores garridas e já ela fungava e, apesar dos gritos estridentes do pequeno, conseguia-se sempre ouvir a profundidade com que a cozinheira fungava. E o meu irmão olhava-a enlevado. E a cozinheira, como se rezasse, resmungava. Sem parar. Resmungava baixinho, com a boca pequena, depressa. Como se comesse bago de arroz, um a um, ou sorvesse sopa de uma colher, com uma cara de despeito, contraída, quase uma cara de ódio. E o meu irmão olhava-a enlevado. E a cozinheira, incomodada, mudava o peso de um pé para o outro, talvez os sapatos lhe apertassem, talvez a noiva a irritasse ou a criança a berrar ou a louca da rua da palha a cheirar a estrume. E o meu irmão olhava-a enlevado. Chegou o momento de enfiarem os anéis e os noivos não tinham anéis. Sem pararem nesse pormenor, fizeram o gesto e enfiaram anéis imaginários nos dedos um do outro. Isto o meu irmão não viu, porque já não tirava os olhos da cozinheira. Como se estivesse pegado a ela, e não a mim. Como se ela fosse uma mulher.

O velho Gabriel pensava no casamento de José e pensava em Moisés a puxar o irmão pelo dedo, quase a esgarnar-lhe o mindinho, para se aproximar da cozinheira no altar.

O Moisés chegava-se à cozinheira, desafiando as leis da observação,

pois parecia que quanto mais próximo estivesse, mais a media, melhor a observava. Como se, ao encostar-lhe o ombro, ao rodar o pescoço num feixe de tendões e veias grossas para a olhar a dois dedos da orelha, quase a enterrar-lhe o nariz nos cabelos, a conseguisse avaliar; como se os ombros fossem olhos que vissem; como se os olhos condensados numa orelha mal definida e de largos traços enevoados pudessem ver uma mulher à distância de ver uma mulher a andar e vê-la passar e vê-la passar por nós e afastar-se e pensarmos nela, que é vê-la também. E, sério, continuava, de pescoço torcido, a fixar aquela orelha nem muito bonita, nem muito feminina, nem perfeita. E, quanto mais se afastava do irmão, mais se notava a complicação do casaco que vestiam. No lado interior da manga comum e no tronco debaixo desse braço, tinham um carreiro de atacadores com laços largos e com botões disfarçados. À parte isso, pareciam casacos finos. Eram de um azul nobre e, nos punhos e à frente, tinham botões grossos de ouro falso com âncoras esculpidas. Eram de boa fazenda e tinham os pulmões marcados nas costas com duas manchas ruças. O Moisés chegava-se à cozinha e puxava o irmão consigo. Puxado como um peso morto por safanões que fingia ignorar, o irmão parecia compenetrado no casamento e no sorriso do demónio e na figura da louca da rua da palha e nos santos com notas gastas de civilizações remotas presas por alfinetes de ama às túnicas comidas pela traça. Cortados pela linha horizontal que os braços esticados dos irmãos faziam, estavam, de costas, os noivos e, de frente, o demónio muito sorridente. Lia de um livro e sorria. Tinha uma opa velha e sorria. Num momento, pôs o livro à frente da cara deles, fazendo menção para que eles o beijassem. Eles não o beijaram. O cachopo da irmã do José berrava e, por esta altura, já berrava dentro da nossa cabeça, porque a sua voz fora entrando aos poucos pelo funil dos nossos ouvidos e, por esta altura, já era em quantidade suficiente para ser a única coisa que ouvíamos. Um eco dentro de um eco de uma voz dentro de uma voz dentro da cabeça. E mal se ouviu ou não se ouviu sequer a pergunta comprida do demónio calado a sorrir, mas essa pergunta muda pairou suspensa no olhar inquiridor e suspenso do demónio. O José disse sim. A sua mulher abanou a cabeça. Quando lhes pediram as assinaturas, o Moisés foi surpreendido por a cozinha se ter desencostado e encetado a andar, talvez a julgasse uma estátua das que se assoam e fungam. O cachopo berrava. Na rua, a irmã do José com um ramo de flores plásticas na cabeça, falava com a abundância de uma carrada de aveia a ser despejada num casão vazio: grãos sobre grãos, no ar, sem parar, palavras sobre palavras, como uma torneira aberta de aveia ou de palavras, um grão depois do outro e antes dele, uma palavra a começar a meio da anterior e essa a acabar e a outra a meio e outra a começar a meio dessa e a encadear-

se com a próxima. O demónio sorria sozinho. A louca da rua da palha pôs-se a um canto do adro da capela, e sobre o pó e as pedras: todo o adro da capela era de pó e de pedras, todas as ruas da vila eram de pó e de pedras: sobre o pó e as pedras, de pé, afastou as pernas, e começou a urinar, e o assobio subtil da bexiga, e a poça de urina com espuma. O pai do José estava como uma árvore muito velha, talvez seca ou quase morta, de seiva lenta e interna. Os noivos despediram-se e ninguém lhes desejou as felicidades ou teve alguma coisa a dizer-lhes, despediram-se e abalaram com pouco mais do que murmúrios. Sem os noivos, de repente, todos repararam que não tinham motivo para estarem ali juntos. O ferrador tirou a fita de pano do bolso, atou-a à volta do pescoço do pai do José e, com a mulher e o filho, abalaram. Levaram os berros do cachopo pelas ruas da vila e, diminuindo, ouviam-se às vezes mais alto numa curva e chegavam às vezes distantes trazidos por uma brisa vadia ou uma lembrança. E a cozinheira abalou. E o Moisés ficou a convencer o irmão a irem atrás dela. Foram. Era meio-dia. A louca da rua da palha ficou sozinha a dar voltas ao adro da capela.

O fim de tarde caiu como um biombo no céu sobre o lagar. Os três velhos continuaram em silêncio.

Até ao fim do verão, os irmãos passaram muitas vezes diante da casa da cozinheira. Já tarde, à hora de as noites de agosto chegarem, sentavam-se no poial da casa do homem que está num quarto sem janelas a escrever, e ficavam ali todo o serão. No começo da rua, num recanto, havia uma fonte com uma bica e desde aí até ao outro extremo, todas as portas estavam abertas e, em cada uma, estavam sentados os que lá moravam. O homem que está num quarto sem janelas a escrever era a única exceção, nunca saía de casa, por isso, Moisés aproveitou. Convenceu o irmão, noite após noite, durante uma semana, a irem para lá, depois tornou-se hábito e não foi preciso voltar a convencê-lo. Moisés falava alto com o maltês que morava em frente da cozinheira e falava às vezes com ela, baixinho. Por azar, Elias ficava do lado da cozinheira, o que obrigava Moisés e a cozinheira a chegarem-se ora para a frente, ora para trás, se queriam falar. A Elias ninguém dizia nada. Elias não dizia nada a ninguém. E a noite morna, as conversas maçadoras da cozinheira sobre poejos ou beldroegas, as estrelas, a água a cair fresca num fio sobre a água da fonte, faziam adormecer Elias. E só acordava se passasse alguém na rua. Acordava com uma sucessão aos ziguezagues de boas noites; de um lado, boa noite, de outro, boa noite, de um lado, boa noite, de outro, boa noite. Moisés não adormecia e, mesmo na cama, lhe custava adormecer com a cozinheira no pensamento. Em setembro, os dias começaram a encolher e a arrefecer, e os irmãos foram os últimos a abandonar o fresco cada vez mais fresco e o poial da casa do homem que está num quarto sem janelas a escrever.

O sol do fim de setembro era quase tão quente como o de agosto, mas já não era época de estar à porta de noite, e a cozinheira e Moisés deixaram de se encontrar. Moisés era dessa qualidade de homem que não se fica e um dia pensou tem de ser. No dia seguinte, tornou a pensar tem de ser. No outro dia, tornou a pensar tem de ser. E duas semanas depois, arranjou maneira de encontrar a cozinheira à saída da mercearia. Casaram-se num sábado, numa data que esqueceram. Como a casa da cozinheira era maior, foram os irmãos que se mudaram. Encheram três carroças de baús e trapaças. Deixaram a casa

deles à renda que, apesar de não dar grande dinheiro, sempre ajudava a algumas despesas.

Os irmãos não eram de grandes gastos. Já tinham roupa, e o que recebiam do lagar chegava à conta para comer pratos de batatas cozidas com couves e muito azeite, ao almoço e ao jantar. A cozinheira, toda a vida habituada a provar da comida dos senhores do monte das oliveiras, não se contentava com couves. Embora nos primeiros tempos tenha feito couves e batatas de todas as maneiras possíveis de fazer couves e batatas, cedo usou do saber que tinha para obter novos ingredientes. Nas primeiras semanas, fazia batatas cozidas com couves: os irmãos sentavam-se e comiam; depois, começou a fazer empadas, tartes e empadões de couve e batatas: os irmãos sentavam-se e comiam; passado um mês, fazia esculturas, de couve e batatas, que suspiravam como mulheres apaixonadas e pareciam enviar beijos de lábios grossos de folhas de couve, lábios verdes a escorrer azeite pelo canto da boca: Elias assustado, Moisés festivo, sentavam-se e comiam; numa noite, ao jantar, a cozinheira depôs a travessa ao centro da mesa, e da travessa ofereciam-se umas pernas elegantes de batata e uma vagina fumegante, uma vagina de couve, aberta e fumegante, que, por artes da cozinheira, diante dos irmãos, minguiu, minguiu, até ser uma vagina de couve irremediavelmente fechada, seca, com um fiozinho de azeite: Elias perplexo, Moisés perturbado, sentaram-se e comeram. Moisés e a cozinheira olharam-se num entendimento silencioso e, na manhã seguinte, Moisés encomendou nabijas e cebolas ao velho Gabriel. No domingo de manhã, os irmãos foram armar ratoeiras aos pardais para o outeiro da força. Passados uns tempos, Moisés comprou dois pacotes de massa; e depois, foi escolher cogumelos dos bons; e depois, comprou um quarto de cação; e depois, foi às bolotas; e depois, fez crescer alhos e couves no quintal; e depois, fez crescer salsa e coentros num alguidar; e depois, criou coelhos e galinhas numa capoeira que construiu de caixotes; e depois, comprou três sardinhas; e depois, comprou fruta. O dinheiro da renda da antiga casa dos irmãos passou a ser destinado à comida.

Penso: talvez haja uma luz dentro dos homens, talvez uma claridade, talvez os homens não sejam feitos de escuridão, talvez as certezas sejam uma aragem dentro dos homens e talvez os homens sejam as certezas que possuem.

José, depois de casado, não falou logo com a mulher. Não foram de mãos dadas, fizeram o caminho até ao monte em silêncio. Sob o sol e a extensão das planícies, José e a mulher caminhavam e caminhavam

por eles, rente à pele, rastos de suor. Sob o sol e a extensão das planícies, José e a mulher, vestidos de noivos, iluminados. Quando chegaram ao monte e a casa, José não despiu o fato e a mulher não despiu o vestido. Ele pôs a pele preta de borrego pelas costas, pegou no cajado e foi tratar das ovelhas. Ela pôs um trapo à moda de avental e foi lavar dois pratos que já estavam lavados. À noite, dormiram na mesma cama, mas não se tocaram.

Continuaram a dormir na mesma cama, porque eram casados e os casais dormem sempre na mesma cama, porque só tinham uma cama, porque só cabia uma cama no quarto, mas não voltaram a tocar-se. E o verão. Os dias passaram longos, como longos são os dias cheios de sol e esperança ainda, com um céu muito grande e ordenado de um azul intenso e simples de ser azul de céu e sol e esperança ainda. Os dias passaram longos e José dentro deles foi um homem novo, de face serena, a esperar e a desejar um futuro, em cada dia a desejar o dia seguinte. A mulher de José continuava com uma tristeza silente, com a tristeza de um poço fundo que levasse toda a tristeza, continuava a tomar conta da sua casa e da casa dos ricos. E, com as portas fechadas por dentro e com as chaves no bolso, sentava-se tardes inteiras a ouvir a voz que está fechada numa arca. E nesses momentos, quase se deixava sorrir. José via-a triste, mas não sabia o que pensar. Via-a triste, mas imaginava se estaria cansada ou doente ou nervosa ou zangada ou indiferente ou triste. José via-a triste, mas acostumou-se ao mistério do seu silêncio e não a queria mudar. Gostava muito dela. Às vezes, entre as ovelhas, escolhia uma, ou entre as árvores, escolhia uma, e chamava-a pelo nome da sua mulher. Em voz alta. E via aquele nome espriar-se pelo ar e desvanecer-se na claridade. Sozinho no campo, repetia aquele nome e via-o suspenso por instantes. Repetia-o e parava a sorrir. Sentava-se numa sombra, sorrindo.

Na última noite do verão, como fazia sempre nas últimas noites de cada estação desde os dezoito anos, José foi à casa da prostituta cega. Prostituta, foi uma palavra que um viajante por ali deixou e que as pessoas que moravam na vila aproveitaram para baptizar a prostituta cega. Era uma palavra estranha e difícil, que se enrolava na boca, que os habitantes da vila só utilizavam quando se referiam à prostituta cega, mas era uma palavra muito adequada, porque não era a palavra puta. A prostituta cega não era puta, era uma mulher, triste por ser cega, que fazia favores por não poder fazer mais nada. A mãe dela tinha sido igual a ela, a avó dela tinha sido igual a ela, mas dizia-se que a bisavó tinha sido uma baronesa caprichosa que abandonara a filha entre umas balsas. Abandonara-a por ser menina. E ao vê-la, ainda suja do seu sangue; ao vê-la, desgostosa por não ser o menino que imaginara e a quem fornecera um enxoval completo comprado em Lisboa; ao vê-la, pela primeira vez, disse tem cara de puta. Dizem os

homens que as cicatrizes da sua avó ainda traçam o ventre e as costas da prostituta cega. Diz toda a gente que os espinhos cegaram-lhe a avó, e ficaram-lhe por dentro para cegar todas as filhas que tivesse. A mãe da prostituta cega fora cega. A prostituta cega tinha uma filha cega. Uma menina de um ano que raramente saía à rua. Bonita por ser pequenina, cega. A prostituta cega não era puta e José foi visitá-la na última noite do verão. Ela morava na rua da palha e, quando ouviu três pancadas leves na porta, já o esperava. De propósito para ele, acendera uma luz muito sumida no candeeiro de petróleo e, pela escuridão manchada de claridade baça, avançou à frente de José e entrou no quarto. Pela porta aberta do quarto, entrava ainda mais timidamente a luz fraca do candeeiro e, com essa luz, José pôde distinguir o corpo da criança deitada sob os lençóis. Era o corpo pequeno de uma menina de cabelos negros e compridos e, sob as pálpebras que não tinha, o buraco dos olhos. Talvez dormisse. Sem falarem ou fazerem barulho, despiram-se e deitaram-se ao lado da menina. Fizeram amor, a conhecer cada um o corpo do outro, a ser cada um o corpo do outro. José lavou-se na bacia que estava na cozinha e deixou dinheiro sobre a mesa de madeira tosca. No caminho para o monte e sob a noite, José pensou nos olhos da prostituta cega. Eram dois buracos muito fundos e lisos de carne da cor de sangue vivo. Dois buracos da cor do sangue no rosto daquela mulher.

No dia seguinte, ao acordar, no primeiro dia do outono, José quis ver os olhos da sua mulher e quis vê-la vestir-se. Deitado, reparou-lhe no ventre. Aproximou-se e passou-lhe a mão pelo ventre. Era um alto duro, que se lhe erguia sobre o umbigo e que fazia a mão levantar-se quando a passava. Olharam-se e o sol que estava na manhã entrou no quarto. José tratou do gado e foi à vila. No quintal da irmã, sentou-se ao pé do pai. Ficaram assim a tarde e, num momento indistinto dos outros, disse vou ser pai. José olhou para onde estava a olhar. O pai de José olhou para onde estava a olhar. A tarde suspendeu-se lentamente, alheia a tudo isso.

Penso: talvez haja uma luz dentro dos homens, talvez uma claridade, talvez os homens não sejam feitos de escuridão, talvez as certezas sejam uma aragem dentro dos homens e talvez os homens sejam as certezas que possuem.

Nessa semana, casou-se Moisés com a cozinheira. Tanto um como o outro já tinham passado dos setenta anos, mas um e outro mantinham uma aspereza salgada por muitos verões, por mais de setenta verões. Elias foi o padrinho do irmão. Os outros padrinhos foram pagos. Não

houve convidados. Moisés e a cozinheira dormiam na mesma cama e tocavam-se. Começava o inverno a trazer uma brisa a que, de madrugada, se podia chamar fria, quando Moisés entrou em casa com uma alcofa cheia de laranjas. Com uma perícia notável, usando apenas uma mão, Elias descascava uma laranja carvalhal e segurava as cascas entre um dedo e tirava os caroços com outro e segurava os caroços com outro e destacava os gomos um a um e comia-os com um regalo que se notava. A cozinheira olhou-os com mais intensidade do que usava, mas não suspeitaram. Na mesa do jantar: flores recortadas de cenoura e tomate desabrochavam de dentro de uma salada de alface, flores que nasciam entre as alfaces e que criavam um botão que se abria numa flor magnífica; na travessa, uma mulher pequena, com olhos de ervilha e cabelos de pão, aconchegava um menino num berço de migas. Moisés comeu a pequena mulher, esculpida de um peito de frango, e Elias comeu o berço e o menino, esculpido de uma perna de frango. Nessa noite, ao adormecerem os três, a cozinheira fez cara de caso e disse vais ser pai. Lentamente, do rosto inexpressivo de Moisés nasceu um sorriso. Do rosto severo da cozinheira nasceu um sorriso. E nem por um momento se lembraram de que ambos passavam já dos setenta anos.

Quando as ovelhas, acabadas de chegar, ávidas, rasgaram o pasto com os dentes e o ar se encheu do som de restolho a ser revolvido e rasgado, sentei-me debaixo do sobreiro grande. Estendi as pernas e a cadela olhou-me com um olhar pesaroso. Um olhar melancólico que não durou mais do que o momento de um instante, um olhar que me disse tudo termina. Um olhar que me disse irás para o monte, como regressamos todos os dias, mas a noite parecerá mais lenta; olharás sobre o ombro as últimas voltas dos tordos no céu e desejarás nesse instante ser um tordo; sentirás as botas mais pesadas e a terra mais pesada a puxar-te para não ires. Um olhar que me disse quando chegar a hora de seguirmos as ovelhas até ao monte, não quererás levantar-te do sobreiro grande, quererás encolher os braços e as pernas e fingires que não existes e que a terra te engoliu e que já nada é responsabilidade tua. Um olhar que me disse custar-te-á atravessar a ombreira da porta de casa, olharás a noite recente a convidar-te a ser negro, a misturares-te nela e a seres talvez uma estrela.

No corredor maior da casa dos ricos, a mulher de José estava sentada diante da voz que está fechada numa arca e ouviu-a dizer: talvez o céu seja um mar grande de água doce e talvez a gente não ande debaixo do céu mas em cima dele; talvez a gente veja as coisas ao contrário e a terra seja como um céu e quando a gente morre, quando a gente morre, talvez a gente caia e se afunde no céu.

A cadela afastou-se, como um pensamento triste. As ovelhas arrancavam ainda o entranhado do restolho e a ovelha pequena, que eu costumava levar debaixo do braço por não acompanhar as outras, mamava da mãe ocupada. A ovelha pequena, de corpo magro, de lá curta e mais macia, bonita, de voz bonita, estridente como as manhãs, entretida a mamar leite morno, de olhos fechados. As ovelhas tosquiadas. Repartidas em grupos mansos, dobradas sobre a terra, fundiam-se um pouco com a terra. No tempo em que o meu pai era o

pastor e em que o doutor mateus se apoquentava com os assuntos do monte, o doutor achou que as ovelhas deviam ser assinaladas com a sua marca. Lembro-me dos homens a rirem ou a sorrirem e a marcarem as ovelhas num alarido de berros, méééé, com um ferro que tinha a letra r dentro de um círculo, um ferro que mergulhavam na tinta azul ao dizer mais uma, mais uma. Sorriam e riam, porque o rebanho nunca se poderia misturar com outro rebanho, porque todos pastos onde elas iam pertenciam ao doutor mateus e todas as terras e carreiros e estradas por onde passavam pertenciam ao doutor mateus; sorriam e riam com a manhã. São essas coisas que fazem a vida de um homem, lembro-me de pensar. Pensei isto porque olhei o céu. Desenhado entre os espaços abertos das folhas do sobreiro, sobre a planície a ser outra planície, a passar um bocado o cabeça e a cair atrás dele, o céu que segurava o sol e não era só a sua luz, mas que conseguia ser mais luz na sua face límpida; o céu sereno e puro, infinitamente puro, posso dizê-lo, e quase morto de sereno, não fora o seu sangue avassalador, não fora o seu sangue grandioso, sobre nós e diante de nós e cá dentro, o seu sangue inegável e quase evidente, sempre disposto a ser o nosso sangue e a fazer a nossa vida, se porventura a olhamos. Recordo o céu do dia em que os homens riam e sorriam e marcavam as ovelhas. Olhei o céu. Recordo agora o céu desse dia de ovelhas entristecidas aos meus olhos, ovelhas sem a marca que um dia foram; o céu desse dia triste porque nesse dia morri mais sob o céu de que quase me despedi ou, ridículo, me despedi mesmo; o céu que me olhou com pena e sem mentir, a iluminar-me do que pude ser um dia, do que sou, quis ser e nunca serei; o céu sincero, como o olhar verdadeiro da cadela, como o olhar de uma mãe, como um céu.

Não dormi a sesta. O olhar da cadela falou-me outra vez, disse caminharás longamente em silêncio.

Nesse serão de agosto a morrer, ao atravessar a vila, debaixo da noite, as pessoas sentadas à porta de casa cumprimentavam-no, com voz de surpresa, não dissimulando a vontade de o olhar até desaparecer. Entrou no terreiro e trazia a pele negra de ovelha às costas, um saco velho preso por um barão ao ombro. O corpo trazia ainda o moído dos pontapés do gigante e de uma noite abandonada sobre as pedras e as raízes salientes do sobreiro grande. As botas traziam terra. As calças de fazenda não traziam a sua cor, mas o olhar tingido do sol. O peito levava a ligadura do endireita. A camisa, o suor. Entrou no terreiro e a cadela seguia-o. Entrou na venda do judas e o silêncio. Num lado do balcão, o sorriso do demónio. No outro, o gigante dobrado com a cabeça no tecto. Os homens espalhados e difusos, misturados,

indecifrável o começo de um e o fim de outro; os homens em todos os lugares da venda, de olhares atordoados e a esperar, entre o cheiro do vinho e dos barris. José não pousou o cajado, não pousou o saco, não chegou ao balcão, não pousou as mãos a querer sentir os veios do mármore, não pediu um copo de tinto. O gigante aproximou-se de José, com um véu feito das caras mascarradas dos homens, e empurrou-o. No terreiro, agarrado pela noite, José teve-se de pé o tempo suficiente para o gigante o derrubar com um pontapé nas pernas. À porta da venda, o demónio sorria em silêncio; os homens, misturados numa massa informe pelo terreiro, estavam calados, mas mais silenciosos do que isso; o gigante não se ouvia; José não respirava ou, se respirava, confundia-se esse fio com a brisa quase insuportável do silêncio absoluto. As botas do gigante no corpo deitado de José. As botas do gigante no corpo indefeso de José. As botas do gigante no corpo sem corpo de José sem José. A cal das casas que rodeavam o terreiro era negra de noite. Quando o gigante se cansou, foi-se embora. O demónio desapareceu sorrindo. Os homens aproximaram-se lentamente de José. Olhos abertos. O sol. O judas trouxe da venda, entre dois dedos, com o mindinho enganchado no ar, um copo de tinto, que lhe despejou nos lábios secos. Como uma saca cheia ou um cadáver, muitos braços carregaram José para a carroça de um homem que José ali não reconheceu. A ligadura do endireita apertava-lhe o peito ainda. No caminho do monte, atravessando a noite como uma tempestade, a cadela seguiu a carroça.

Soltou a ovelha pequena no chão e fechou a cancela enrolando um cordão de arames enferrujados. As ovelhas dirigiram-se para o bebedouro de água limpa lançada de baldes ou para onde queriam ir no pó. José começou a avançar para casa, que era a alguns metros poucos. E esse espaço curto foi tão lento e tão comprido. Toda a mágoa. Toda a mágoa que era a mulher e acreditar nela, todas as mágoas lhe couberam no lugar daquela distância. E, nesse caminho longo de léguas em cada metro, de léguas em que a tarde não quis morrer, como não querem os homens mesmo quando o cansaço os vence, os homens depois da derrota inevitável da vida, a nunca quererem aceitar a noite, a nunca quererem anoitecer e tornarem-se ontem amanhã, memória, os homens depois da vitória da terra sobre o corpo, a nunca aceitarem o seu corpo inacessível aos seus gestos, as suas mãos sem préstimo no espaço que lhes resta num sonho negro, as suas pernas a recusarem passos nas paredes negras e frias da solidão sem fim. José começou a avançar para casa e os tordos, no céu pardo, não eram como um lume numa lareira, eram como um incêndio numa floresta com uma grande boca aberta a engolir troncos e ramos

miúdos, folhas secas e o céu. A tarde, moribunda, entrava aos poucos dentro de José e no peito das coisas: nas paredes brancas da casa dos ricos, nas planícies que eram o infinito de todos os lados, na sombra do olhar da cadela. José caminhava e a tarde absorvia-o e José caminhava sobre a tarde. E o tempo desfigurou-se, porque o tempo que José levou a fazer aqueles metros era um tempo maior do que o tempo a correr nas veias ou do que o tempo de silêncio entre as batidas do coração. Era um tempo parado. Parado. De tordos e pássaros a voarem parados no céu a passar por eles parado numa tarde que não queria morrer. Era um tempo morto numa angústia. Passou muito tempo. E, após muito tempo, José viu a casa andar na sua direcção. Era finalmente noite. Diante da porta, entrou.

Sobre a mesa, o pavio, aceso há instantes, do candeeiro dissolvia no ar um cheiro fraco, mas inconfundível, a petróleo. Debaixo dessa luz fixa, derramando sombras compridas, como água negra, no chão de tijolo, a mulher de José com o seu filho ao colo. Com uma colher de mexer o café, dava-lhe sopa. Não olhou para José. O menino tinha ao peito um pano branco da louça, entalado na gola, e riu-se muito para o pai. O rosto escurecido de José era parado numa expressão quase idiota entre rir e chorar. Indiferente por ter seis meses e duas semanas e ninguém com seis meses e duas semanas compreender o silêncio de um homem cansado de angústia, o menino olhava o pai com olhos de criança. José tinha os braços sem força, estendidos ao longo do corpo, as mãos abertas; as mãos grossas e cansadas de José, como dois velhos crestados pelo sol, sentados ao sol, de olhos cerrados, só a sentirem o sol e as mortes todas a que sobreviveram, os rostos que um dia foram gente afundados sob a terra e a distância da noite sob a terra e a distância enorme da terra sobre os mortos sozinhos, o peso da terra nas mãos abandonadas de José. Os olhos da mulher eram de pedra negra, basalto talvez, e de frio, e traçavam linhas rectas perfeitas, pousando tristes sobre o essencial. Tinha os cabelos levemente despenteados, e a José apeteceu passar a mão sobre os cabelos daquela mulher linda e dizer menina e dizer menina, apeteceu-lhe passar a mão como uma brisa, só a palma da mão suave, e os dedos, os dedos, as pontas dos dedos entre os cabelos, a entrarem lentos entre os cabelos, a passarem lentos, e José a dizer menina, a dizer menina. E, em José, a mágoa desesperada de ter perdido todas as certezas. Um homem sem certezas perde quase tudo de ser homem. É como o corpo sem a carne, é como as ideias sem o pensamento, um homem sem certezas. Um homem vazio de certezas. Um homem vazio. Só a pele de um homem diante de uma mulher que não conhece, diante de um filho que não conhece e que lhe sorri. O cabelo do menino era encaracolado como o de José. Comia sopa de espinafre com sopas de pão, como se comer sopa lhe fosse importante. Comia bem. Sorria. De

costas dobradas, a mulher dava-lhe sopa alheia ao orgulho de mãe pelo apetite do filho. Ausente. Como água negra, no chão de tijolo, derramavam sombras compridas. Sem largar o cajado ou o saco que trazia preso por um barão ao ombro, sem despir a pele negra de borrego que trazia pelas costas, sem dizer nada, José saiu direito à vila.

Mulher. A tua pele branca foi um verão que quis viver e me foi negado. Um caminho que não me enganou. Enganou-me a luz e os olhos foscos das manhãs revividas. Enganou-me um sonho de poder ser o filho que fui, a correr pelos campos todo o dia, a medir as searas pelo tamanho dos braços abertos; enganou-me um sonho de poder ser o filho que fui no teu homem e no teu rosto, no teu filho, nosso. Não há manhãs para reviver, sei-o hoje. Não se podem construir dias novos sobre manhãs que se recordam. Inventei-te talvez, partindo de uma estrela como todas estas. Quis ter uma estrela e dar-lhe as manhãs de julho. As grandes manhãs de julho diante de casa e a minha mãe a acabar o almoço bom e o meu pai a chegar e a ralar, sem ser a sério, por o almoço não estar pronto e eu sentado na terra, talvez a fazer um barroco, talvez a brincar com o cavalo de cartão. Tive um cavalo de cartão. Nunca te contei, pouco te contei, mas tive um cavalo de cartão. Brincava com ele e era bonito. Gostava muito dele. Tanto. Tanto. Tanto. Quando o meu pai mo trouxe, dentro de um embrulho verdadeiro, e comecei a desatar as guitas, queria abri-lo depressa; quando o vi, as pequenas orelhas levantadas, os olhos brilhantes, parei-me à frente dele. Foi o meu pai durante uma semana, acreditas?; aquele cavalo singelo de cartão foi o meu pai durante uma semana. Mas num sábado, deixei-o na rua. O meu pai chamou-me para uma coisa, a minha mãe chamou-me para uma coisa e esqueci-me. Acreditas?, esqueci-me do meu cavalo de cartão no quintal, como foi possível?, como não me lembrei?, como é que as pessoas esquecem assim o que prezam?, esqueci-me do cavalo de cartão no quintal, como pude dormir?, como pude assentar os lençóis sobre a respiração e dormir?, como pude simplesmente dormir?, esqueci-me do cavalo de cartão no quintal, acreditas? E nessa noite choveu. No domingo de manhã, acordei com um relâmpago espetado no olhar e um trovão a ressoar no peito, o cavalo de cartão?, o meu cavalo de cartão?, corri para o quintal, atravessei a cozinha em cuecas e com a camisa interior, corri e, descalço, entre as poças de água limpa e a terra húmida e as folhas das árvores a segurarem gotas suspensas no ar, no quintal, o cavalo de cartão estava onde o deixara. Um monte amorfo de pasta de papel, onde se distinguiam dois olhos tristes de diamante, a tinta desbotada a pintar o chão e as pedras. Ajoelhei-me sobre ele e

chorei. Aquela manhã. Chorei. Foi o meu pai que me tirou de lá. Para ti, para o nosso filho, para mim, quis um cavalo de cartão, sem a chuva. Um idílio impossível, sem a culpa que não se pode evitar. A culpa que tu e eu não tivemos. A condenação certa por existirmos. Conforme um precipício no fim de uma corrida: os corredores a terem de vencer e a meta a ser a linha de um precipício. Ou uma faca suspensa sobre nós, uma faca que se nos enterra nas costas a qualquer instante, sem motivo, uma faca que às vezes olhamos e sabemos que está lá pronta a cair e que vai cair, a qualquer instante, sem motivo. Uma faca enterrada nas costas, para sofrermos ou nos levar sofrendo. Não escolhi este destino. Escolhi estradas desconfiando que todas eram a mesma. E todas eram a mesma. Não escolhi estradas, como não escolhi esta. Não escolhi esta noite que me faz voltar à vila, que me faz voltar à venda do judas e procurar o sorriso posticho do demónio. Esta noite a andar com as minhas pernas e a obrigar-me, a fazer-me voltar ao gigante. E tu sabes tão bem que não quero, sabes, como sabes o teu nome e outros assuntos evidentes, sabes que não quero e não escolhi. É verdade que vou. Caminho e quem me veja imagina-me a vontade. A minha maneira de andar é exactamente a minha maneira de andar. Não escolhi, não quero, mas não vou contrariado. Sei que é impossível não ir. É impossível não ir. Impossível não ir. Impossível. A cadela segue-me e, entre o remoer dos meus passos demorados, distingo as patinhas breves da cadela. Na escuridão, as cigarras desenham a lonjura das planícies com o seu canto. Penso: um castigo é a vida, um castigo sem falta ou pecado, um castigo sem salvação; a vida é um castigo que não se impede e que não se consente. Imagino-te a ver esta noite da varanda dos meus olhos, a entrares nesta floresta de mil estrelas por contar, estas estrelas que não chegam para iluminar a terra, mas que iluminam pequenas circunferências de céu à sua volta. Imagino-te a ouvires-me enquanto se calhar embalas o menino com essas cantigas com que o teu pai, quando eras pequena, te adormecia e que assobiava no telheiro à tarde.

Filho. Gostava que houvesse uma aragem qualquer que me explicasse esse teu sorriso e outra que te explicasse, sem te magoar, o meu silêncio. Gostava de aprender o trejeito dos teus lábios, a maneira dos teus olhos, e to lembrar quando tivesses a minha idade. Fui um dia a tua inocência. E dela ficou-me a grande inocência de acreditar. Acreditei que podia dar-te um céu para brincar e que a vida seria o que nós quiséssemos. Assim. Bastaria querermos, esforçarmo-nos muito, trabalharmos, e teríamos então o que desejássemos. Não digo coisas majestosas, roupas bonitas ou charretes, mas comida, comida gostosa e bem temperada, e um cavalo de cartão novo, se por acaso esquecesses o teu no quintal numa noite de chuva. Acreditei que a felicidade dos teus olhos a sorrir podia voltar aos olhos da tua mãe,

aos meus e perdurar intocada nos teus. Acreditei em tantas coisas. Sabes, aproximo-me da vila e o que me espera é morrer um pouco mais. Preferia que não o soubesses, mas infelizmente nem isso posso esconder-te, porque um dia, quando te contarem a história da tua vida, dir-te-ão que numa noite de estrelas, o teu pai foi à vila e levou uma sova; dir-te-ão que havia poucos dias, no campo, tinha levado outra sova e que, com o peito enrolado numa ligadura, seguia o seu caminho sabendo o que o esperava. Não vão dizer-te que, durante o caminho, pensou em ti, disse-te segredos. Não vão dizer-te, porque o não podem entender, que o teu pai avançava por ti, para que te sobrasse uma réstia daquilo que esse teu pai sonhou dar-te, para te proteger um pouco do que é mais forte, sempre muito mais forte. Dir-te-ão que o teu pai levou uma sova e que levou outra sova, e terás vergonha de mim. Os anos encarregar-se-ão de apagar tudo o que julguei ser certo e nunca foi, para ficar apenas o que aconteceu e, por fim, até isso ser também esquecido. Os anos apagar-me-ão, vais ver. E isso não me entristece, porque sempre soube que seria assim. Mas, é preciso dizer-te, nunca te quis deixar sozinho. Se o fiz, não o quis fazer. Alegre, pequeno filho bonito, livre. Entrei agora na vila. Olham-me as pessoas com boas-noites arrastados. Sei que és muito novo para entender tudo o que te quero dizer, mas ao menos a palavra pai, de tudo isto, quero que recordes ao menos a palavra pai. Quero que me olhes nos olhos, mesmo quando já tiver desaparecido há muito e partilhe com a terra a sua solidão; quero que me aprendas e descubras o que pensei para ti nesta noite. Estou no terreiro. Entro na venda. Num lado do balcão, o sorriso do demónio. No outro, o gigante dobrado com a cabeça no tecto.

Ontem ouvi passar uma carroça a altas horas da noite e assomei-me à janela do quarto. Era o filho do paulo e levava o José. Em camisola interior, em ceroulas e de botas, vim à rua ver o estado em que ficara desta vez. Tinha os olhos arregalados, como quando o trouxe no carro de mão do campo, e tinha o corpo esmarrido de porrada. Não trazia sangue à vista. Mandeí o filho do paulo seguir e mandei-lhe cumprimentos ao pai. Da janela do meu quarto, vi a carroça chegar à casa do José e a mulher a abrir a porta sem que batessem. Não parecia espantada ou aflita. Não falou. Ela a segurá-lo por debaixo dos braços e o outro a segurar-lhe nas pernas, levaram o corpo de José para casa. A carroça voltou para a vila, com o seu rebuliço de rodas de ferro a fazerem faísca nalguma pedra e as mulas a andarem mais depressa do que a sua idade. A mulher do José veio fechar a porta e, ainda que eu tivesse as luzes apagadas, olhou para mim, como se visse através do escuro ou tivesse olhos de gata. Fechou a porta.

Hoje, quando cheguei à casa do Moisés, do Elias e da cozinheira, ainda nenhum dos três tinha acordado. Bati à porta, chamei, bati à porta e sentei-me no poial da casa do homem que está fechado num quarto a escrever. Passou um rapaz que parecia ter aí uns quarenta anos e que não conheço, porque já perdi o conto aos que nascem e morrem ou se vão embora, aos filhos e netos deste e daquele, aos bisnetos e trinetos deste e daquele, esses sim foram meus conhecidos, esses sim ninei muitos piões e apanhei muita azeitona ao rabisco com eles; passou um rapaz, a quem não tive a paciência de perguntar de quem é que tu és filho?, a quem não tive a paciência de perguntar de quem é que tu és neto?, a quem não tive a paciência de perguntar de quem é que tu és bisneto?; passou um rapaz que me cumprimentou muito bem e me disse, quase sussurrando, para avisar o José de que não voltasse à vila tão depressa, porque o demónio o queria desinquietar de novo, porque o demónio o tinha pegado de ponta e o queria desinquietar de novo. Não perguntei ao rapaz como soubera tal coisa, disse-lhe apenas que sim, que o recado seria entregue. Ia o rapaz a passar pela bica fraquinha da fonte, quando senti revolver na fechadura da porta dos irmãos. Era a cozinheira estremunhada.

Entreguei-lhe um saco de ervilhas serôdias e entrei. Os irmãos estavam a beber o café e a comer uns estranhos biscoitos com a forma de chupetas. Tanto o Elias, como o Moisés, tinham os fracos cabelos brancos despenteados, e foi este último que me disse a cachopa não nos deixa dormir. O Elias sussurrou ao ouvido do Moisés e este virou-se para mim e repetiu não dorme de noite, mas agora, se a for lá ver, está a dormir regalada. Realmente era assim. A casa da cozinheira não era muito grande. A cozinha era a maior divisão, tinha uma chaminé com um lume sempre aceso e rodeado de panelas, um lavatório, uma mesa, uma pia e as paredes estavam forradas de toda a espécie de tachos e panelas de esmalte, alumínio ou mesmo cobre. Na cozinha havia uma porta para as traseiras, e era aí que o Moisés cultivava um couval sempre viçoso de tanto estrume, pois era no quintal que faziam as necessidades. O quarto era pequeno para o tamanho da cama onde todos dormiam, e mais pequeno estava com o pequeno berço entalado entre a cama e o guarda-fatos. Uma das paredes do quarto era pegada com a casa do homem que está fechado num quarto sem janelas a escrever e, contou-me o Moisés, à noite, quando a rapariga não se lembrava de chorar ou quando fazia uma pausa para retomar as forças, conseguia-se ouvir a caneta de aparo a riscar as letras no papel, conseguia-se ouvir o vizinho a amassar longas páginas e, por vezes, conseguia-se mesmo ouvi-lo a molhar com toda a suavidade a ponta da caneta no tinteiro. Abri um pouco a porta do quarto e realmente era como o Moisés me dissera. A menina, destapada e satisfeita, dormia como uma pessoa grande. As suas grandes e muito redondas bochechas assobiavam um sopro cadenciado, a sua barriga arrufada de carne sobressaía e expandia-se sobre a fralda, as pernas cheias de refegos estavam afastadas e abandonadas. Encostei com cuidado a porta e voltei à cara desolada dos irmãos. A cozinheira cozinhava. O Moisés explicou-me que gostava muito da sua menina e que, quando olhava para ela, era como se olhasse para um sol, mas que, dos três meses que ela tinha, não dormira uma noite inteira. Elias confirmou abanando a cabeça com vagar. Tanto um como outro tinham os olhos minguados por um rebordo negro que lhes encovava as órbitas e lhes abandonava os olhos no fim de um poço. Enquanto a cozinheira estivera prenhe, toda a gente achou que eram gémeos e que se calhar também estavam colados. Toda a gente achou isso porque a barriga da cozinheira era maior que duas barrigas de grávida e, no dia em que rebentaram os nove meses, cabia lá uma criança de três anos ou, no caso de as desconfianças serem confirmadas, duas crianças de um ano e meio. Apesar dessa barriga inédita, nunca deixou de cozinhar e fazia para si petiscos à medida dos seus desejos: farófias com sardinhas assadas; pombos recheados com pão de ló; gelatina de túbaros. A meio do inverno, tinha a cozinheira sete meses de barriga, estavam todos a

dormir, quando um grito abafado soou pelo quarto e os acordou. Perceberam então que vinha de dentro da barriga, da barriga que era uma montanha tapada de cobertores. E a cozinheira disse tem voz e, pegando a barriga nos braços, cantou-lhe uma cantiga entremeada de soluços até finalmente se calar e adormecer. No dia em que lhe rebentaram as águas e a cozinheira começou a arfar conforme uma raposa ao sol, os irmãos foram chamar a parteira e esta, por sua vez, chamou o seu marido que tinha um banco de carpinteiro e fazia caixões. É muito velha e não há dúvida de que são gémeos, vai morrer de certeza, dizia a parteira baixinho a convencer-se do fracasso que julgava evidente. O parto durou mais de doze horas e, a partir da metade da manhã, as pessoas começaram a juntar-se à frente da casa da cozinheira e dos irmãos. Depois do almoço, a multidão chegava à porta da casa do homem que está fechado num quarto a escrever. Depois do jantar, a multidão chegava à fonte no extremo da rua. A parteira admirou-se bastante com a rijeza da cozinheira, que fez quase tudo sozinha. Estava quase toda a gente da vila na rua dos irmãos, apostando e comentando, no instante em que o Moisés chegou à porta aflito com o peso da menina no colo. Muito corada, tinha onze quilos e nunca se vira uma criança tão redonda na vila. Nasceu de olhos abertos e espantados com o mundo. As pessoas que esperavam bateram palmas, largaram vivas e gritos e levantaram a menina, a parteira, o Moisés e o Elias no ar. Fez-se um baile, que não durou até altas horas da madrugada porque o dia seguinte era de trabalho. A cozinheira dormia no quarto, dorida.

Ontem, quando a carroça ali chegou com o José, já eu tinha o alguidar preparado e água pronta no lume. Ajudei a descarregá-lo da carroça. Espantei-me um pouco de não ter sangue à vista. O homem que o trouxe deu-me o saquito do farnel e o cajado em mão, e partiu. O velho Gabriel olhava-nos da sua janela. Apesar dos cento e tal anos, ainda se interessa pelo que não é da sua conta. Despi o José, não lhe tirei a ligadura do endireita, e aquartelei-o como fui capaz dentro do alguidar. Não segurava o pescoço, tinha pernas e braços caídos no chão, o corpo torcido pela forma do alguidar, só os olhos mantinham um lugar de luz ou de vida. A água estava morna, à temperatura devida, e despejei-lhe as panelas no peito: jorros grossos de água, pequenos rios de água morna a curvarem-se no ar e a prosseguirem sobre o corpo, afluentes, lagos, açudes. Lavei-o, e a pele: enchia as palmas das mãos de água e espalhava-a no peito, nas costas; passava-lhe o sabão nas pernas, nos ombros, e os relevos da carne deslizavam-me na ponta dos dedos. Limpei-o, e o corpo: passei-lhe a toalha no rosto a desenhar-lhe de novo o rosto, mais descansado, sereno; segurei

a toalha e enrolei-o ou talvez o tenha abraçado, porque o senti dentro dos meus braços, nos meus seios. Deitei-o na cama e, se ele não tivesse os olhos arregalados numa cisma trancada, ter-se-ia sentido confortável. O menino dormiu descansado. Dormi descansada.

Hoje, de manhã, fiz a minha lida e ele, imóvel, continuava dentro de uma espartina profunda ou dentro de um sono profundo. Tratei do pequeno, brincou um bocado e, estando ele de novo amodorrado, dispu-lo na cama. O alguidar ainda estava ao pé do lume e lembrou-me o banho que tomei um mês depois de o menino nascer. Foi da primeira vez que tive as regras depois de estar grávida e foi no último dia, o sangue foi diminuindo nos trapos, diminuindo até não ser nada, e ao sol-pôr quis tomar um banho. Enchi o alguidar e, de pé, fui lançando água sobre mim. Água quente e fresca mesmo assim, água limpa a limpar-me. Também nesse dia, o menino estava a dormir. Não resisti e sentei-me. Estendi os braços, as pernas e os cabelos para fora do alguidar, fechei os olhos e fiquei assim. Milhares de exércitos no meu corpo repousaram finalmente, faltou-me o fôlego dentro do prazer. Nua, iluminava-me uma luz de mel que atravessava os reposteiros. No meu corpo, homens despegavam do trabalho e pousavam a enxada, mulas regressavam e saboreavam a primeira mão-cheia de erva depois de puxarem carroças todo o dia, e a terra revolvida encontrava finalmente a sua ordem no descanso da noite. Na água, diluía-se lentamente o meu surro e o ardor do meu sangue. E eu era lentamente.

Apanhei uma pausa prolongada nos olhares dos irmãos e contei-lhes o que acontecera na véspera ao José. Ambos mantiveram o olhar e o silêncio, e foi a cozinheira que, vencendo os rancores de uns namoricos mal explicados que a fizeram deixar de me falar há mais de vinte anos, foi a cozinheira que se virou do fogão e disse o José sempre foi um rapaz bom, se à noite lhe sobrava tempo ficava comigo a conversar no jardim da casa dos ricos, se encontrava ervas no campo levava-mas à cozinha e eu acrescentava cominho, tomilho, poejo, salsa brava, tudo eu acrescentava aos ensopados de borrego e aos bifes de vaca; mas essa com que ele se casou, essa com que ele se casou. E a voz perdeu-se-lhe numa indefinição de resmungos. Fiquei de facto admirado com a voz da cozinheira, estava mais velha.

O lagar não é longe dali e fui lá com os irmãos ver se estava tudo em ordem. O que dissemos na ida e na volta não foi importante e já me esqueceu. Quando voltámos, o almoço estava a sair. Sentámo-nos. O que comemos era uma reprodução fiel da vila, em ponto pequeno e vista do céu: o terreiro no centro, as ruas e as casas brancas. Tudo ao mínimo detalhe, a terra e as pedras das ruas moldadas em febras de

porco, e o pó da terra era pimenta, e as casas eram batata esmagada, e os telhados eram pimentões vermelhos, e saía mesmo fumo ou vapor pelas chaminés das casas. Pude também ver a menina acordada e a almoçar. A cozinheira fez-lhe um imenso urso de papa, que aparentava ser de peluche. Primeiro, comeu-lhe as pernas; depois, comeu-lhe os braços; depois, o tronco; depois, a cabeça; por fim, arrotou.

Antes de sair da vila, fui ter com o pai do José. No quintal da filha, o pai morto do José estava sentado diante da capoeira, vivo. Reconheci-o vivo, porque o seu peito oscilava lento, preso a uma respiração que não era sua, porque a sua abandonara-a há muito tempo, tempo que para ele parecia anos, pois o pai do José é um homem morto, parado na eternidade, e na eternidade, sem fim e sem princípio, um segundo é eterno, e o tempo a passar na eternidade são eternidades sucessivas. Sentei-me a seu lado e, do seu olhar esquecido num ponto que não via, soube que o pai do José estava morto. Já não te podem fazer mal. Onde estás, o silêncio é uma agonia. E tu nunca fugiste de sofrer, conforme nunca fugiste da vida. O luto é-nos pesado nos ombros, amigo, mas quem foge dele será a sua maior vítima. Ambos o sabemos. Agora, já não podes descansar, o fundo invencível da morte puxou-te para o seu interior infinito. Vais, puxado, a cair a maior queda. O teu corpo, os teus braços estendidos, as tuas mãos abertas, as tuas pernas seguras numa posição frágil, a tua espinha dobrada, o teu olhar sem sentido, o teu rosto pasmado, estão neste quintal e diante de mim, mas tu não estás aqui, bom amigo. Foste forte um dia e hoje és muito mais, pois atravessaste os portões da morte e entraste no seu jardim de desespero e estás onde o negro não acaba numa aurora. Fazes o caminho que só se pode fazer sozinho e de noite, pois todos temos um portão e um jardim para atravessarmos, sozinhos, de noite, debaixo e sobre e entre o medo. Estás morto e, dentro da morte, sabes que estás morto. Ambos o sabemos. O que imaginaste da palavra esperança, perdeu o sentido. Não há esperança porque somos demasiado pequenos, somos muito pouco. Somos uma agulha de pinheiro diante de um incêndio, somos um grão de terra diante de um terramoto, somos uma gota de orvalho diante de uma tempestade, bom amigo. O mundo, indiferente ao mundo que encarcerava o pai do José e que o pai do José encarcerava dentro de si, prosseguia. Os pintos levantavam uma chuva miúda de piares carpidos, as galinhas indignavam-se na sua voz de aves, o galo gritava ocasionalmente. Mesmo na sombra, o sol queimava e ardia. Na tapada, atrás do muro do quintal, o sol levantava uma neblina tórrida dos restos de uma pequena seara. E, sem falar, pois as palavras são a pior forma de dizer, olhei o pai do José, sabendo que ele não me podia escutar, e disse o teu filho está muito mal, o teu filho sofre. E não

disse mais. Não que se esgotasse o que havia para dizer, mas porque não há forma de dizê-lo, nem mesmo sem palavras. Não há forma de explicar tudo o que se diz quando se diz sofrer.

A tarde esmorece. Posso finalmente permitir alguma luz pelas janelas. Resgato a casa às sombras. O José continua. Tapado por mim com um lençol, encostado por mim às duas almofadas, como se estivesse sentado antes de se levantar, o José continua de olhos escancarados, a querer engolir o mundo com o olhar. Na manta de retalhos que estendi no chão da cozinha, o menino brinca com a colher de pau e está sossegado. Como desejava poder estar assim sossegada. Dentro de mim, a tarde não esmorece. Dentro de mim, arde o dia e o fim de tarde não chegará. Há a certeza de todos os dias a arder. Todos os dias até ao fim de mim, e depois, a arder; todos os dias, agosto e a canícula; todos os dias, para sempre, o verão a calcinar-me como um torturador de ferros em brasa. Esta é a certeza dentro de mim. Deixo a porta aberta, para ver o menino, e vou ao jardinzito. Encho o regador e espalho fios de água sobre as flores. Como desejava ser uma malva a ser assim regada. Como desejava ser uma malva a suportar a hora do calor com a certeza de água assim, tão fresca e tão verdadeira, a escorrer-me pelas folhas e pela garganta, a inundar-me as raízes e os cabelos. A tarde esmorece. O velho Gabriel irá aparecer ali na subida, avançando. A tarde esmorece. A planície é velha de muito ter visto. Sabe a vida dos pássaros, que larga como mensageiros ao céu; sabe a das cigarras, que acolhe na sua pele para que cantem depois do calor; sabe a vida dos homens, que permite e sepulta piedosamente. Os sobreiros que se veem daqui curvam-se o mais que podem sobre a terra, a quererem o fresco que sentem nas raízes por todo o tronco, por toda a seiva, pelos ramos últimos; curvam-se sobre a terra como condenados, a queixarem-se do sol que lhes cresta a cortiça, conforme o faz à pele suave de uma criança. Estendo os dedos debaixo da água que corre dividida pelos buraquinhos do regador de folha de zinco. O velho Gabriel está a aparecer ali na subida, avança. Boa tarde, diz-me. Olho para ele, e isso é responder-lhe. Entra pela porta aberta da casa sem pedir permissão, pois, estando o José, nunca pede permissão. O menino para a olhar para ele e ele para a olhar para o menino. Um velho de mais de cem anos e uma criança que nada sabe do mundo. Um velho que tudo sabe do mundo e uma criança de seis meses. Pouso o regador. Aproximo-me da janela do quarto. Ao longe, vejo que o velho se sentou na cadeira de palhinha. Aproximo-me da janela do quarto. Encosto-me à parede e não faço sequer o barulho de respirar. Estão em silêncio. Rente à parede, olho a casa fechada dos ricos em frente e ouço pela janela, que entreabri para entrar algum ar que

levasse as cismas do José, ouço que estão em silêncio. Os pombos terminam uma volta no beiral da casa dos ricos e olham-me de lá, encostada à parede. O velho Gabriel rompe o silêncio de uma multidão que grita o fim de tarde, junta-lhe palavras, diz não voltes à vila por estes tempos mais chegados, não voltes, contaram-me que o demónio te quer desinquietar outra vez, pegou-te de ponta e quer desinquietar-te; se me tens respeito e consideração, não voltes à vila; pelo teu pai que é um desgraçado, pela tua mãe que tanto te quis, pelo filho que ali tens, não voltes à vila; peço-te por tudo, deixa passar um mês ou dois, mas não voltes à vila nestes tempos mais chegados.

Caminho nesta estrada rodeado de planície, e recordo o pai do José rodeado de morte. A planície nocturna da morte. Nocturna, mesmo que o dia seja tudo isto, esta luz indefinida a definir as coisas. Esta planície. E toda esta terra, a fazer-me querer ser tão grande que me pudesse deitar sobre ela e cobri-la toda. Toda esta planície superior ao tempo. Esta planície profundamente triste, enterrada na sua própria eternidade. Passam por mim as carroças com os homens do campo. Vêm cansados e trazem um pouco desta planície no rosto. Consideram-me, e roubam ao corpo um esforço para me cumprimentarem enquanto passam. Cumprimento-os, agradecido. Amanhã, quando for muito de manhã, farão outra vez esta viagem, e fá-la-ão tantas vezes, tantas vezes, que um dia não saberão se regressar é para casa, ao fim da tarde, ou para o campo, de madrugada. Para onde vou, para onde vá, acompanha-me a planície. Os sobreiros e as azinheiras vão ficando para trás e vão sendo substituídos por sobreiros e azinheiras. No lugar do que vejo, os chaparros encarquilhados crescem e, no espaço de poucos metros, tornam-se sobreiros grandiosos. Ando e aproximo-me do monte. Cheguei à subida. Sinto nos pés as muitas pedras da estrada. Sinto nos pés a sua idade. A mulher do José está a regar o jardim pequeno que a senhora tem gosto em que se mantenha. Boa tarde. A porta da casa do José está aberta e entro. O filho dele, encostado a um travesseiro e sentado numa manta de retalhos, segura nas mãos tão pequenas uma colher de pau. Olha-me de uma maneira mais intensa do que uma criança é capaz. Irá ser um homem. No quarto, o olhar grande do José é o de um órfão no momento de ficar órfão. Sento-me diante dele. Olho-o tentando vê-lo por dentro e há uma barreira que não me deixa, um muro preto, como uma cortina de noite cerrada. No lado de fora, a mulher do José encostou-se agora à parede. Sei isto, não que a veja ou ouça um mínimo ruído, mas porque a sinto através da parede e porque lhe ouço o barulho ténue de ouvir, pois não há acção alguma que não tenha som e que esse som não possa ser identificado, se formos

suficientemente atentos e vivermos o suficiente para conhecer estas coisas. O José permanece. Espero que possa escutar e entender as minhas palavras, digo-lhe não voltes à vila por estes tempos mais chegados, não voltes, contaram-me que o demónio te quer desinquietar outra vez, pegou-te de ponta e quer desinquietar-te; se me tens respeito e consideração, não voltes à vila; pelo teu pai que é um desgraçado, pela tua mãe que tanto te quis, pelo filho que ali tens, não voltes à vila; peço-te por tudo, deixa passar um mês ou dois, mas não voltes à vila por estes tempos mais chegados.

Os homens são uma parte pequena do mundo, e eu não compreendo os homens. Sei o que fazem e as razões imediatas do que fazem, mas saber isso é saber o que está à vista, é não saber nada. Penso: talvez os homens existam e sejam, e talvez para isso não haja qualquer explicação; talvez os homens sejam pedaços de caos sobre a desordem que encerram, e talvez seja isso que os explique. Havia um sol dentro de um sol dentro de um sol no meu olhar, mas sei que para lá de mim e para lá da luz tão noturna que me tornei, passou hoje uma noite, lá fora, no céu, lá fora, no quarto em que estou. Sei que a minha mulher e o meu filho dormiram descansados. Torturavam-me monstros moldados no escuro do sol a cegar-me, de grandes patas e grandes garras a rasgarem-me o que sou, e eles dormiram descansados. Antes assim. Melhor que seja eu a sofrer e a ser derrotado, do que os vossos olhares, que sempre quis defender. Sempre vos quis defender do que destrói aos poucos, antes de matar de vez. Sempre vos quis defender e também nisso fui derrotado, em tudo fui derrotado, porque sei que, mais cedo ou mais tarde, também os vossos rostos irão sofrer; mais cedo ou mais tarde, também tu, mulher que quis mais que tudo, morrerás, e tu, filho meu, morrerás. As nossas campas no cemitério serão por uns tempos cuidadas e visitadas por aqueles que deixámos, mas também esses morrerão um dia; e as nossas campas encher-se-ão de musgo e de ervas, e alguém que passe por nós não parará, e mesmo esses que deixámos não serão recordados por ninguém, pois tudo o que amaram morreu; e esta casa que foi importante para nós terá desaparecido, crescerá talvez um sobreiro no seu lugar, e o cemitério onde estaremos será arrasado, e alguém que nunca conheceremos lavrará essa terra em que nos transformámos, e esse alguém que não se lembrará de nós lavrará a terra pensando talvez nos seus filhos e sonhando e esquecendo-se de que também ele morrerá e se tornará terra e também os seus filhos pequenos e também os filhos por nascer dos seus filhos. Sei que passou uma manhã ou uma tarde ou um dia, e que o velho Gabriel me veio visitar. Disse palavras que não distingui duma música, uma música de harpas, e descobri que o velho Gabriel não é um homem. Nenhum homem pode resistir mais de cem anos e

nem o corpo se cansar, e nem a influência por viver se consumir. Invejo-o. Recordo-me de ser pequeno e o ver na horta, a levantar a enxada no ar e a espetá-la com toda a força na terra; recordo-me de tudo o que me ensinou, e de irmos aos ninhos, como se fôssemos da mesma idade, mas sempre sabendo que não éramos; recordo o grande respeito que tinha por mim e que eu lhe devolvia, nunca obrigado. Hoje, respeito-o ainda mais; e sei que também o meu filho aprenderá com vossemecê, sei que também o meu filho se habituará com vossemecê ao cheiro da terra remexida, ao som da enxada a afundar-se na terra. E isso não pode ser triste. Dizia palavras que não pude decifrar porque, ao saírem da sua boca, se transformavam numa música. Uma música como nunca escutei, uma música de instrumentos que não reconheci, mas que presumo serem harpas, pois as harpas são os instrumentos dos anjos. Dizia palavras que não decifrei, porque não eram para ser decifradas, ainda que o olhar do velho Gabriel tentasse tudo. E a noite regressou. Essa é uma certeza. A noite sempre regressa.

Passou uma noite. A manhã apareceu em toda a planície e no telhado da casa dos ricos, e José levantou-se como se aquela fosse uma manhã normal e se levantasse depois de dormir uma noite. Também a mulher acordou. Começou a vestir-se e, nem quando José se parou a fixá-la desfocando-se-lhe tudo o resto no olhar, ela levantou os olhos do chão. José saiu à rua e respirou até dentro de si. Era aquela uma ótima manhã para se ressuscitar. Apesar de ser muito cedo, o começo do calor sentia-se já numa aragem muito lenta ou na passagem da pele de José pelo ar. Rodeou a nora. Aproximou-se do tanque de lavar a roupa e, vendo que estava cheio de água limpa, mergulhou as mãos, olhando-as longamente como se esperasse que fossem libertar algo, como se estivessem sujas de sangue e o sangue as abandonasse aos poucos; chegou a cara ao tanque e, com um gesto inesperado, levantou as mãos e inundou o rosto de água: uma vez, duas vezes. A água escorreu-lhe pela face e não sentiu o fresco que esperava, não se sentiu despertar ou nascer. Não enganou o cansaço com a água fresca e limpa. Por esta altura, já a cadela o seguia. E José e a cadela, vagarosos, dirigiram-se às cancelas que fechavam o rebanho. Estavam todas as ovelhas deitadas debaixo do telhado. Estavam cerca de duzentas ovelhas deitadas debaixo de um telhado, nem abrigadas do vento, nem da chuva ou do sol; duzentas ovelhas debaixo de poucas filas de telhas velhas, seguras por barrotes velhos, telhas suspensas no ar por troncos de pinheiro enebados pelo roçar da lã e do cheiro entranhado a borrego. Nas manjedouras, havia ainda restos das braçadas de feno que o velho Gabriel trouxera na véspera. A cadela encostou-se à cancela que abria. José desfez a confusão de arames. A

cadela entrou a correr e tocou as ovelhas para fora com latidos muito diferentes dos que ladrava quando era nova, com latidos monótonos que, mesmo assim, fizeram as ovelhas relampar-se e não caber a sua pressa no aperto da saída. Com o peso quase todo no cajado, José seguiu as ovelhas devagar. A cadela corria à volta do rebanho num trabalho sem fim, unificando-o e fazendo-o esperar pelo pastor. José era a sombra de um homem muito cansado e muito distante daquela paisagem ou muito próximo, dentro, da planície e do sol criança; era a sombra de um homem com um cajado na mão e, às costas, a pele preta de um borrego que criara e que, não por ser diferente dos outros, sempre recordava quando vestia a pele como um casaco; era a sombra de um homem na manhã, com um saco preso por um cordel ao ombro e um borrego pequeno debaixo do braço.

Sem que José o pudesse saber, nesse instante, num quarto da vila, era sussurrado o seu nome. A filha de Moisés e da cozinheira tinha acabado de adormecer. Compondo dentro da combinação o seio, flácido e meloso da boquinha da criança, a cozinheira entrou nos lençóis, voltou a cabeça para Moisés, e disse hoje vais ao monte das oliveiras, tens de lá ir hoje antes de o sol se pôr, e dás um recado meu ao José, levas-lhe um tarro com ensopado de borrego, e dizes-lhe para ele não vir à vila por estes tempos mais chegados; se ele perguntar porquê, diz que fui eu que te mandei dizer isto. Sem vontade de ir, Moisés ficou por instantes a conformar-se com a ideia e fechou os olhos.

O meu irmão anda insuportável. Passa o tempo a queixar-se da cozinheira e da menina, como se a cozinheira tivesse culpa de a menina passar a noite acordada e o dia a dormir e como se a menina tivesse culpa de ter três meses. Hoje, quando lhe disse que me queria despachar depressa do lagar para ir ao monte, encostou-se logo ao meu ouvido, zangado, a sussurrar não vou, digo-te já que não vou, não estou para fazer este caminho debaixo de sol e não ir lá fazer nada. Andámos amuados até ao almoço. Quando chegámos à mesa, a cozinheira tinha feito dois irmãos gémeos, tal e qual nós, e uma cozinheira, tal e qual ela, com uma menina muito gorda ao colo. Parecia um retrato, tão fiel eram os traços dos bonecos e tão fiel era o seu contentamento. Nessa altura, o meu irmão aproximou-se de mim e disse se ainda quiseses ir ao monte, podemos ir. Os bonecos que estavam enfileirados na travessa numa pose eram feitos de uma massa consistente que não cheguei a identificar, sabiam a peixe, talvez achigã, talvez boga, talvez carpa.

Realmente, assim que deixámos para trás a última casa da vila, o suor começou a furar-nos a pele toda, debaixo da boina, debaixo dos

braços, debaixo das ceroulas. Quando fizemos a curva da lameira, já o tarro me pesava no braço, mas calei-me e não disse ao meu irmão para o levar por um bocado. Num serrado do doutor mateus, os homens tiravam cortiça ao rés da estrada. Parámos um instante, e as aguadeiras chegaram-se a nós e ofereceram-nos um corcho de água. Agradecendo pela minha boca, o meu irmão aceitou. Eu recusei. E, embora me tentasse fixar nos homens que estavam empoleirados nas árvores a esgarnar com o machado a cortiça dos sobreiros e dos chaparros, embora me tentasse fixar nos homens a lançar pranchas de cortiça do tamanho deles para o alto de uma pilha no cimo de uma carroça, só consegui ver as aguadeiras com todo o vagar a destaparem a rolha de cortiça da bilha, a entornarem a água fresca para o corcho, e o meu irmão a bebê-la lentamente, e o barulho da água a passar-lhe lento pela goela, e o meu irmão a pedir outro, as aguadeiras a sorrirem, e com todo o vagar a destaparem a rolha de cortiça da bilha, a entornarem a água fresca para o corcho, e o meu irmão a bebê-la lentamente, e o barulho da água a passar-lhe lento pela goela. Retomámos a estrada, e o tarro cheio de ensopado a chocalhar pesava-me mais no braço. O meu irmão estava renovado e eu tentava recompor-me no tempo em que passávamos pelas poucas sombras.

Chegámos agora à barreira antes do monte, e esqueci todo o esforço que gastei, concentro-me apenas nesta subida, nem muito íngreme, nem muito longa, e penso está quase. Ainda não fizemos um quarto da subida. O sol queima no máximo da sua força ilimitada. Chego a um quarto da subida e penso está quase. Falta andar mais três vezes este bocado que foi um cansaço imenso. Três vezes o tempo que este tempo demorou a passar. Penso está quase, e penso na cozinheira a mandar-me vir ao monte, vai lá e dás este recado. Penso no seu olhar. E chegamos ao cimo da barreira. Batemos à porta do José. Cumprimentamos a mulher dele. Ela não nos responde e não nos olha. Perguntamos por ele. Ela meneia a cabeça, como a examinar se é mesmo necessário responder, e escolhe as mínimas palavras para, numa voz abafada de mão à frente da boca, dizer que ele está no campo. Agradecemos. Ela fecha a porta. Sentamo-nos num banco de cimento caído, à sombra, diante da casa dos ricos, e esperamos.

Há anos que guardo ovelhas e nunca nenhuma me olhou de frente. A minha mulher. Olhou-me um dia de frente. Nesse fim de tarde, há pouco mais de um ano, fizemos o nosso filho e achei que era assim que todas as pessoas encontravam alguém. Chegava uma pessoa vinda de lado nenhum, sem motivo para chegar ou com um motivo que não se entendia, e oferecia-se a outra pessoa, e essa pessoa achava tudo isso natural, porque era assim que todas as pessoas encontravam

alguém, e era nesse momento tão grande que ambos se entregavam para a vida, sem olhar para trás ou pensar um pouco, ambos se entregavam um ao outro para a vida, porque, a partir desse momento grande, toda a vida seria assim natural, inexplicável e grandiosa. Faltou-me saber que o que é num instante o mundo, não é o mundo sempre. Antes de me casar, os homens na rua chamavam-lhe galdéria. Então, como é que está a galdéria? Chamavam-lhe puta. Então, como é que está a puta? Depois de me casar, deixaram de lhe chamar galdéria ou puta. Então, como é que está a tua mulher? E pensavam galdéria, puta. Casámo-nos e a minha mulher nunca mais saiu do monte. Não lhe conheço o sorriso e imaginei-o tantas vezes e há tanto tempo me desenganei de o ver. Não lhe conheço o toque das mãos, talvez suave, talvez áspero, e imaginei-o tantas vezes. Não lhe conheço a alegria, por mais furtiva, por mais breve, e há tanto tempo me desenganei de a ver. Não sei o que nos arrasou. Somos ruínas. Somos o que foi uma casa com gente viva e crianças a crescer, fumo na chaminé, janelas abertas nas noites de verão, e hoje é tijolos espalhados na terra e arredondados pela chuva, telhas partidas na terra, caliça e terra espalhadas no soalho podre de madeira, e ervas a crescer entre as tábuas do soalho. Alguma vez teremos sido uma coisa sólida, uma casa viva? Para mim, fomos. Para a minha mulher, não sei. Nunca soube nada do que pensa.

Não me importa este momento agora, mas sei que é hora de voltar para casa. Diz-mo a cadela, olhando-me e cirandando impaciente à minha volta. Grito-lhe uma sílaba que, julgo, não saiu de mim. A cadela reúne o rebanho. Caminhamos para o monte. O rebanho é um rio custoso de correr, a tropeçar em todas as pedras, amortecido por uma corrente maior do que a sua. O campo é uma pessoa da minha família. Já conversámos muitas vezes. Ele disse-me coisas. Eu confessei-lhe coisas que nunca disse a ninguém. Ele protegeu-me e embalou-me e deu-me conforto. A tarde entra aos poucos dentro do campo. O sol cada vez mais fraco. Fecho os arames que fecham as ovelhas. Vejo os irmãos levantarem-se do banco onde a criada velha se sentava a ver os filhos dos senhores brincar. Aproximam-se de mim.

Moisés aproximou-se de José. Não lhe disse nada sobre o que sabia das sovas do gigante, nem lhe perguntou nada sobre isso, nem mencionou nada que pudesse levar a esse assunto. Estendeu-lhe o tarro, cumprimentou-o normalmente, mas olhou-o de forma distinta. A mulher de José saiu à rua, despejou um alguidar, lançando a água a grande distância, e foi regar o jardim pequeno ao pé da nora. José já não parou de olhá-la. Moisés disse qualquer coisa pouco importante, que não lhe interessava verdadeiramente dizer, já não te vejo há

muito tempo, ou tenho uma filha muito bonita mas que não me deixa dormir, ou a cozinheira tem-se lembrado muito aqui do monte; disse qualquer coisa pouco importante e perguntou algo de pouca importância, como é que tem passado o teu pai?, ou como é que tem passado o teu filho?, ou como é que tens passado? José não respondeu, porque não ouviu. Olhava a mulher, cada movimento da mulher, com uma expressão grave no rosto. Elias disse qualquer coisa ao ouvido do irmão a apressá-lo, pois queria apanhar boleia numa das carroças que levam os que trabalham no campo. Moisés não perdeu mais tempo e disse não vás à vila por estes tempos mais chegados. A face de José manteve-se inalterada. Moisés repetiu não vás à vila por estes tempos mais chegados, foi a cozinheira que me mandou dizer-te. José ficou no mesmo olhar parado e não ouviu uma sequer das palavras de Moisés. Os irmãos despediram-se e partiram. Até o dia não ser senão noite, José permaneceu no centro do pátio, impassível, olhando a mulher, cada movimento da mulher.

Não chegámos a tempo de apanhar boleia da última carroça e voltámos para a vila a pé. Ainda não tínhamos feito uma terça parte do caminho quando anoiteceu sobre nós. Apesar de o calor já não ser tanto, estamos velhos. O meu irmão tem andado incomodado com a menina, e eu compreendo, passa o tempo incomodado com a cozinheira e a refilar comigo, e eu compreendo. Compreendo, porque sei. É tão certo como eu estar aqui, que ele gosta tanto da menina como eu que sou pai dela e, secretamente, simpatiza com a cozinheira desde o dia em que a conhecemos no casamento do José. Eu bem vejo. Se ficamos sozinhos com a menina, ele passa-lhe a mão pela face e diz ah niniu. Faz-lhe festas nos cabelinhos. E ela, intrigada por sermos iguais, olha-o cheia da preocupação que uma menina de três meses é capaz, e ele, certificando-se de que estamos mesmo sós, diz ah niniu. À cozinheira não diz nada, mas vejo a maneira como ele a olha de cada vez que ela nos apresenta um daqueles comeres artísticos. Olha-a com estima, como se a felicitasse. Bem sei que é custoso ver o dinheiro da renda da nossa casa, mês após mês, esvair-se nos pratos, mas tenho a certeza de que são mais as vezes que o meu irmão não se lembra disso e se delicia com os almoços do que as vezes que se recorda e se lamenta ao meu ouvido. E, no caminho da vila, repeti-o para mim e disse estamos velhos. Antigamente, as nossas pernas faziam este caminho quatro ou cinco vezes ao dia, para cá, para lá, faziam este caminho e não se fatigavam nem metade desta canseira. Se fôssemos com pressa, e os rapazes novos têm sempre pressa de chegar a algum lado e de chegar desse a outro e desse a outro; se fôssemos com pressa, desatávamos a correr e, quando chegávamos à vila, estávamos finos como se ali tivéssemos estado toda a tarde sentados à conversa. Hoje, temos as pernas pesadas com o nosso peso. Andamos a ver onde pomos os pés, a acautelarmo-nos para não cair, porque se partíssemos uma perna era a nossa morte. Sentimos uma tremura invisível nas pernas, e hoje avançou essa tremura para o dobro, e já se nota ao olhar. Os ossos não se dobram da mesma maneira. Até o respirar é muito diferente do que já foi. Dantes, era corrido, era uma coisa em que não reparávamos. Hoje, é precisa mais força para sorver o ar e,

quando o sopramos, soltamos um ruído de asma, como se tivéssemos o pescoço meio entupido ou tivéssemos engolido uma gaita enferrujada. A custo, chegámos à vila e a casa. A menina estava a descansar. Não vai dormir nada de noite, disse-me o meu irmão. A cozinheira ajudou-nos a descalçar as botas e a destorcer os dedos dos pés. Com os horários trocados da pequena, também os nossos andavam alterados e, apesar de ser de tarde, fomos jantar. Sentámo-nos e a cozinheira perguntou-me este dia lembra-te alguma coisa? Parei a pensar e não me consegui lembrar de nada especial. O meu irmão, ao ouvido, sussurrou-me se calhar fazem hoje um ano de casados. Assim era. Sorrindo como uma rapariga, a cozinheira apresentou-me um prato só para mim que era uma espiral infinita da forma de um coração. Era feita com cogumelos que o meu irmão tinha apanhado e com tiras de lombo de vaca que tinham, só elas, custado quase um mês de renda. Tinha também uma mistura tal e tão extravagante de condimentos que não consegui identificar um único. Foi um dos comeres mais gostosos que já me foi dado a provar. Comi tudo. Limpei a boca às costas da mão, e a cozinheira passou por mim fugidia e sussurrou-me amo-te. Sorri. Apesar de estar esmarrido e de a menina acordar de quarto em quarto de hora, nessa noite fizemos amor mais que uma vez.

De madrugada, Moisés foi ao quintal. Instalou-se encostado ao talo de uma couve espigada e começou a obrar. A muito custo, limpou-se e ergueu-se. Ensonado, o irmão aguardava e perguntou-lhe andas com dores de barriga? Voltaram à cama e, no caminho do lagar, não voltaram a lembrar-se deste caso. Se é possível, Moisés estava ainda mais derreado do que na véspera. O incómodo de um corpo moído só atormenta a carne depois de uma noite dormida, e foi a isto que Elias atribuiu o cansaço que lhe travava os membros. Os beirais ainda estendiam uma sombra, e os irmãos seguiam marrecos debaixo dessa nesga de abrigo. Caminhavam sem ver as ruas. Nunca ninguém se apercebera, mas, desde que Moisés se tinha casado, os irmãos iam sempre à porta da sua casa e, daí, davam meia volta e seguiam o caminho que fizeram na primeira vez e que sempre fizeram para o lagar. Dirigirem-se à sua antiga casa era andar para trás e inútil, mas era assim que faziam. Não o faziam por superstição, mas por costume. E, desta vez, as casas caiadas eram últimas e tão tristes a tentarem inutilmente falar aos irmãos. Era como se quisessem a todo o custo chamar-lhes a atenção. Era como se quisessem despedir-se dos irmãos e sentissem já saudades deles. As casas caiadas que eram todos os dias o caminho dos irmãos. Entre as coisas eternas estabelecem-se laços, e eles passaram por aquelas casas todos os dias era tão eterno como a cal das casas. A memória das casas habituara-se aos irmãos a passarem

lentos, como se habituara ao céu, como se habituara ao sol. Os momentos acumulados dos irmãos a passar, naquele caminho igual diante de cada casa, eram muito tempo, mesmo na vida de uma casa. E, à passagem dos irmãos, escorriam lágrimas de claridade na cal.

Diante do portão do lagar, ergueram-se os dois tanto quanto puderam, mas foi Moisés quem tirou a chave do bolso e a fez entrar na fechadura. Depois dessa, outra fechadura. Dos depósitos de azeite, pingava a voz compassada de um lamento, como o grito de uma mãe a chorar um filho, um grito de negro desespero, desenhado no som de gotas de azeite. Negro era o que Moisés e Elias sentiam. Como se entrassem num túnel, apercebiam-se, cada vez mais dentro de si, de que se aproximava algo para separá-los. Liam no seu interior que esse momento os esperava parado no futuro e que o tempo se consumia diante deles, ardendo. Ao mesmo tempo e com as mesmas imagens, e com as mesmas palavras, os irmãos lembraram-se do que deixavam: a menina, a cozinheira, o rosto insepulto do pai na lembrança, o que ouviram contar e o que imaginaram da mãe. Lembraram-se da menina a acordar de noite e a adormecer nos quatro braços entrançados; a menina a fechar os olhos, a saber, mais do que poderia saber alguma vez se fosse grande, a saber mesmo que eles a amavam. A cozinheira, sentada ao lume, a vê-los comer, mais regalada do que se estivesse ela própria a comer; feliz, como deseja um homem que seja feliz a mulher de quem gosta. O pai que lhes ensinou metade da vida, que morreu a olhá-los, como sendo eles tudo o que tinha e orgulhando-se do que conseguira. E a mãe que não conheciam sequer de um retrato, mas que ambos eram capazes de ver na ideia: muito nova, de cabelos encaracolados, de olhos castanhos e grandes. Tudo o que deixavam, as manhãs de sol brando, o caminho do lagar; tudo se lhes apressava na memória, porque se aproximava o que os separaria: muito mais terrível do que o homem de arrancar dentes com um alicate, mais terrível do que uma faca amolada a separá-los, mais terrível do que uma tesoura. A manhã levantava-se nas ruas da vila e nas planícies que a rodeavam, mas dentro do lagar escurecia um silêncio imóvel.

Estavam sentados e não falavam. Cada um olhava para um lado que não via. Atrás dos rostos tristes, cismavam. Pensando, Moisés dizia palavras ao irmão, esperançado de que ele as ouvisse; no pensamento, dizia será um instante e trará a solidão. Pela primeira vez, gritaremos o nome um do outro. Já reparaste?, nunca precisámos de nos chamar. Não sei como é o meu nome na tua voz. Na tua voz, irmão, irmão. Não sei como é o teu nome na minha voz. Pela primeira vez, gritaremos o nome um do outro, e o desespero será a antecâmara de uma dor triste a que nos habituaremos, como se habitua um homem sem coração ao espaço negro no peito. Viveste sempre na minha vida, e eu estive sempre contigo quando sorriste. Hoje, a solidão.

Desapareceremos um do outro, deixaremos de ser nós para sermos só tu e só eu. Mas não esqueceremos. E lembrarmo-nos será o maior sofrimento, recordarmos o que fomos onde estivermos e não poderemos ser mais nada nesse dia. Lembrarmo-nos de quando acordávamos e olhávamos um para o outro, pois tínhamos acordado ao mesmo tempo e tínhamos ao mesmo tempo pensado em ver-nos. Lembrarmo-nos de falar na nossa maneira de falar, e ficarmos com essa linguagem só nossa na cabeça, essa maneira de falar que nunca mais utilizaremos com ninguém. Hoje, deixar-te-ei, sabendo que sempre tive amor por sempre teres estado comigo. E não tenho mais vergonha dessa palavra que nunca dissemos: amor: essa palavra: amor: que nunca chegámos a dizer e que hoje preciso de dizer. Sincero, verdadeiro, irmão. Irei sentir a tua falta. Sem o poder explicar a ninguém por não existir ninguém ao meu lado, irei sentir a tua falta. E, por mais negra que seja a planície por onde vaguearei a eternidade, será sempre a recordação dolorosa de um sol-pôr, será sempre a mágoa de só te poder lembrar.

E, com uma luz repentina dentro de si, as tripas de Moisés incendiaram-se de um fogo bravo, todo construído de uma asfixia avassaladora, um fogo e uma luz a cavarem-lhe buracos na barriga, a martelarem-lhe pregos na barriga, a abrirem-lhe cortes de machado na barriga; na barriga de Moisés, mil exércitos a caminharem descalços sobre brasas, mil armadas a rasgarem com lemes afiados de lâminas marés de lume vivo; na barriga de Moisés, luz e fogo, luz e fogo, um sol súbito nascido com a força do meio-dia, uma chama de fósforo a cair sobre o petróleo derramado no seu interior. Moisés estava encolhido sobre o seu ventre, e Elias estava encolhido sobre o seu ventre. Sentiam os dois irmãos o mesmo inferno a queimar-lhes a pele por dentro. No lagar, as paredes gritavam um coro de guinchos que, aos ouvidos dos irmãos, eram um único guincho a esgravatar dentro das orelhas com um tição aguçado, e cuidaram os irmãos que era aquela uma voz assim em todo o mundo: que a água a correr nos regatos era aquela estridência; que o silêncio de pássaros e grilos nas planícies fora substituído por aquela surdez intensa a derrubar árvores, a arrancar casas e pedras, a enlouquecer homens, com a voracidade de um ciclone. Moisés ardia por dentro, Elias sentia as mesmas chamas. Mas um e outro sabiam que era Moisés quem estava a morrer. Moisés caiu sobre os joelhos, Elias caiu sobre os joelhos. E, nas tripas dos irmãos, uma bruxa de olhos ensanguentados mexia um caldeirão de chamas e brasas, um rio transbordava do seu leito e inundava os campos de chamas e brasas, uma multidão de loucos lançava foguetes e transformava o céu da noite em chamas e as estrelas todas em brasas. Moisés vomitava espuma. E ambos fechavam os olhos com quanta força tinham nos olhos, e ambos viam um negro

perfeito a engoli-los: nem o negro de simplesmente descer as pálpebras, sarapintado de poalha luminosa; nem o negro de ser noite e, antes de adormecer, imaginar o dia ou mesmo a manhã: mas o negro absoluto da solidão, apático negro, absoluta solidão, eterno, eterna. Moisés vomitava espuma que, contra a sua vontade, subia por ele e lhe saía, vomitada da boca, na forma de um corpo constante, redondo. Não era uma espuma branca porque trazia, misturados em si, sangue e pedaços amarelados do seu interior. E, crescendo, toda a dor se tornou impossível de ser suportada. E os irmãos resistiram ao fogo a queimar mais que fogo, ao guincho inaudível a ensurdecê-los, ao negro negro da morte a cegá-los, para se olharem uma última vez. E, nesse instante longo de importante, não arderam por dentro, olharam-se, e não disseram palavras no olhar; entraram um dentro do outro, trocaram de corpo e abraçaram-se assim. Destruído, no fim desse instante, Moisés caiu morto.

À noite, depois da hora do jantar, a cozinheira sentiu falta deles e foi pedir ao maltês que vivia em frente o favor de os ir chamar. E foi esse homem que encontrou Moisés com a cabeça deitada no colo de Elias, e Elias a chorar com a cara de quem chorou muito. Foi esse homem quem lhes descobriu os vultos na escuridão do lagar e lhes acendeu um fósforo para alumiar-los, sem saber talvez que era aquela escuridão impossível de alumiar. Olhou para a água que desenhava rios grossos no rosto de Elias, para as nascentes dos seus olhos, e viu apenas que chorava. Não viu que Elias sentira a morte sem morrer, não viu que tinha morrido e sobrevivido à morte para continuar sofrendo. E voltou esse homem com mais homens em silêncio, homens negros e sérios, tristes, homens que ergueram Moisés e que o dispuseram numa carroça. Elias sempre ao seu lado, chorando. As rodas de ferro da carroça trepavam as pedras e o pó da rua, e era esse o único som no silêncio fúnebre da noite. A carroça passava e as ruas iluminavam-se devagar, porque todas as portas se abriam e toda a gente, sentida, saía para ver os irmãos. À porta de casa, os homens sem boina e de braços estendidos, parados; as mulheres ao seu lado, com o mesmo olhar de quem não pode senão sentir e lamentar tanto. Na noite, os homens, feitos de noite negra e solene, que tinham ido buscar os irmãos, iam a pé e, lentos, puxavam a mula pelas rédeas; em cima da carroça, o Moisés morto e, inclinado sobre ele, as ruínas do corpo de Elias, as suas lágrimas. Demoram muitas noites dentro da noite até chegarem à casa da cozinheira. E a carroça parou firme. Viúva, a cozinheira esperava-os à porta, vestida de um preto cerrado, vencida, chorando. Sempre em silêncio, como se estivessem imóveis, os homens carregaram Moisés e deixaram-no sobre a colcha nova da cama. O lugar do berço da menina estava vazio, pois logo que o maltês voltou do lagar para pedir ajuda, logo que avisou a cozinheira

e as vizinhas a rodearam, houve uma que levou a menina para dormir na sua casa. Os homens juntaram as pernas de Moisés, pousaram-lhe o braço direito sobre o peito e saíram. Ficaram os três sozinhos, e tudo na casa foi triste. Uma sombra acima do chão, a cozinheira saiu e voltou com um alguidar e um pano. Despiu os irmãos, um e outro igualmente sem força, e, humedecendo a ponta do pano no alguidar, lavou-os. Secou-os e vestiu-lhes um par de camisas muito brancas e estimadas, e vestiu-lhes os fatos de cerimónia. Não eram pretos os fatos, mas eram os únicos. Abotoou-lhes os botões dourados um a um. Desvendou o sistema de botões e correias das mangas unidas e apertou-as. Penteou-os e sentou-se numa das cadeiras que as vizinhas tinham trazido de casa e disposto à volta da cama. O candeeiro de petróleo tremeu a sua luz na dor até de madrugada. À hora de nascer o dia, chegou a primeira mulher. Deu os pêames à viúva e ao irmão, e nenhum ouviu, firmou a porta da rua aberta com uma tala de madeira, soprou o candeeiro e abriu as portadas da janela. Elias chorava tudo o que vivera, pois toda a sua vida estava morta e estendida numa colcha diante dele. A cozinheira chorava, por ter perdido o seu homem; e sabia então, mais do que nunca, a importância disso, e essa certeza só a fazia sofrer mais, pois tinha perdido para sempre o seu amigo, aquele para quem vivia e a quem desejava tanto bem. Chegou uma segunda mulher. Depois de dizer os meus sentidos pêames, os meus sentidos pêames, e de mirar demoradamente o corpo morto de Moisés, sentou-se ao lado da outra. Foi uns cogumelos venenosos que comeu, sussurrou uma delas. Elias passou a mão sobre os olhos do irmão, passou-lhe a mão sobre os lábios, e as lágrimas eram muito limpas a descenderem-lhe as faces. Triste, a manhã entrava aos poucos pela janela.

Pelo dedo que nos une, a tua morte tem avançado para dentro de mim como uma doença a querer progredir. Sinto a minha mão tão gelada como a tua, sinto o sangue a passar-me pelas veias da mão e a correr gelado pelo corpo todo, sinto o meu corpo tão gelado como o teu. Irmão, ouvi-te antes de morreres e tu não me ouves agora. As minhas palavras aqui são como palavras escritas num papel branco que se mantém branco com essas palavras invisíveis de alguém que as leia, palavras a envelhecerem por não haver quem as compreenda, a perderem o seu significado, a misturarem-se imperceptíveis numa brisa em que ninguém repara. Irmão, todo o meu olhar é desperdiçado por saber que tu não vês nada. Todo o meu olhar é inútil no teu silêncio, todo ele se torna nesse silêncio que recorda a tua vida e a tua morte. A luz da manhã, calada por estares morto e seres tu que lhe davas voz; a luz da manhã, a iluminar cada canto escuro como quando o teu sorriso. Se aqui estivessem os teus olhos abertos, havias de gostar de ver esta manhã. Não seria triste, sentiríamos esta manhã no rosto e aquecer-nos-ia. Quero mais uma vez ser pequeno a brincar contigo. Estarmos sentados na terra, e um amanhecer como este descer sobre a nossa brincadeira para se sentar ao nosso lado e brincar connosco e ser talvez o nosso brinquedo. Quero adormecer contigo, como adormecíamos descansados nas noites de um agosto tão distante deste. Nus, com o lençol enrodilhado aos pés da cama, com a janela aberta para a noite do quintal, adormecíamos e, com a primeira aragem da madrugada, acordávamos ao mesmo tempo e tapávamo-nos com o lençol e, nesse tempo de sermos crianças dormíamos até querer, acordávamos simultâneos quando a luz do sol nos chegava aos olhos fechados e logo abertos. Quero estar contigo na courela do marcos, e o nosso pai a abrir regos com o arado, e a dizer-nos vão levar este molho de couves e este de nabiças ao senhor marcos, e todo o caminho falávamos as tantas coisas que tínhamos para dizer e que tantas vezes dizíamos sem falar; e quando chegávamos à porta grande, era eu que levantava a mão de ferro a segurar uma bola e a batia de encontro à porta, eras tu que falavas à criada, dizias o nosso pai mandou este ramo de couves e este ramo de nabiças para o senhor

marcos, e a criada dizia estão entregues; nem obrigado, nem escusavam de se incomodar, dizia estão entregues, e fechava-nos a porta. A tua voz é o que nunca mais poderei ouvir, e que só queria ouvir agora a dizer vamos descansar, a dizer irmão irmão. Irmão. Chorei muito, e esta noite foi a eternidade de muitas vidas a sofrer, o desespero igual dentro de muitas vidas sem esperança. Sei o sabor das lágrimas. Lembras-te de quando chovia? Lembras-te do nosso pai, na feira, a comprar as nossas duas sombrinhas iguais e pretas? Passávamos nas ruas, as duas sombrinhas juntas, rodeávamos as poças, a chuva descia rios nas regadeiras, as duas sombrinhas juntas, a chuva caía em fios das varetas. As lágrimas lembram-me agora essa chuva, mas a tua ausência de tudo o que é esta manhã torna esta manhã e tudo num encontro com a tristeza, e não há lágrimas aqui que se possam comparar à chuva a teu lado. Tudo contigo era bom, porque foste bom, irmão. E esta noite sepultou-me. E esta noite sem ti foi muito tempo, muito mais que uma noite, muitos anos a gastarem-me. Sou mais velho do que se estivesse morto há muitos séculos, mais exausto do que se fosse já só a minha memória não lembrada por ninguém. Partiste para o lugar eterno da tua solidão infinita e deixaste-me sozinho neste lugar de tanta gente longe de mim. Irmão, se estando morto continuasse pegado a ti, queria morrer agora para seguir vivendo. Mas a minha vontade não conta. Espera-me uma noite que é outra e a mesma que enfrentas já. Para cada um existe uma morte, e essa morte que é diferente de homem para homem, como é diferente a vida, faz-nos caminhar entre tudo o que é negro para nós, entre toda a solidão, gritando para ninguém tudo o que podemos amar. Aqui, a manhã, as manhãs indiferentes. Às vezes, olho o teu corpo estendido sobre a colcha nova que nunca usámos, neste quarto que não é nosso e onde nos acostumámos a acordar, e dói-me seres frio, dói-me a tua pele ser mais macia, dói-me as pessoas passarem a olhar-te e seres morto: o teu olhar nunca mais; o teu sorriso nunca mais; tu a ouvires-me nunca mais; tu a existires e a presenciares o que fui e fomos, nunca mais. Irmão. As botas por estrear, as botas que nem estavam ainda enebadas, que tinhas guardado para o inverno, apumadas nos teus pés: as solas sem estarem gastas, limpas: as botas que usas hoje para sempre, por já não terem préstimo aqui, por já nada do que foi teu e estimaste ter préstimo para ninguém. As calças passadas, o casaco, a camisa branca com as pontas do colarinho tão bicudas. A tua cara transfigurada: a testa mais serena que alguma testa de homem vivo; as sobrancelhas ralas por terem perdido o uso; as pálpebras grossas e pesadas a cobrirem para sempre os olhos cegos com uma pedra de túmulo; o nariz mirrado, inerte, os lábios, lavados da espuma seca e das palavras e dos risos inconscientes, mais finos, mais finos; o queixo inútil. Olhar a tua cara cansa-me dentro do

cansaço. O meu corpo e o que não é o meu corpo e ainda assim sou eu, tudo em mim, eu, o pedaço negro de céu ou de pedra, céu dentro do interior de uma pedra, fechado na solidão sólida de uma pedra, a nunca ter visto o sol, a nunca ter respirado, eu, mesmo eu, eu sou uma exaustão terminal. Sou o maratonista que deu a volta ao mundo para levar uma carta a si próprio e que, agora que se encontrou, já não é o mesmo, e que agora, ofegante, só quer inclinar-se de um precipício e respirar, e lhe tapam a boca, e muitas pessoas com muitas mãos lhe tapam a boca. O meu coração é o vácuo nos olhos de um condenado. A minha sombra é a minha solidão. Todo eu me cansei. Todo o meu cansaço colidiu com o meu cansaço, e todo eu sou isso. A noite onde morreste anoiteceu no que sou. Começou a manhã, e a noite passada é um cadáver a apodrecer dentro de mim. Irmão, não posso com os meus braços, e a claridade é a escuridão a segurá-los. Estou estafado e moído, como se tivesse sido pisado por mil pés, e preferia ter sido pisado por mil pés. Estou morto, como se tivesse morrido na hora em que morreste, e preferia ter morrido contigo. Sou aquele que só é irmão e que não tem irmão. Sou o que espera ainda. Ao menos um último olhar teu, ao menos a esperança pequena de um último olhar teu. Perdi tudo. Perdemos tudo, irmão. Estou cansado. Espero uma palavra a nascer dos teus lábios. Diz-me, por favor, que posso descansar.

Era um quarto singelo. Sem um retrato nas paredes, sem um calendário, um espelho. Era um quarto de paredes brancas. Antes de os irmãos terem sido trazidos do lagar, mulheres, a serpentearem entre a dor da cozinheira viúva, tiraram o berço do quarto, fizeram a cama de lavado e dispuseram todas as cadeiras que conseguiram juntar, e que couberam no quarto, de roda da cama. Ficaram as mulheres admiradas com o tamanho da cama e foram precisas três delas para conseguirem esticar a colcha e os lençóis. Como formigas, passavam as mulheres pela cozinheira viúva. Perdida na lonjura do seu luto, como esteve durante todo o velório e todo o enterro. A cozinheira viúva, o Elias e o Moisés morto, passaram a noite sós e em silêncio. Quando o dia despontou, tinham a pele mais baça, como uma camada de pó que fosse uma camada de tristeza. E chegaram as primeiras mulheres com a chegada do dia. Aos poucos, chegaram muitas, mulheres de preto a sussurrarem e a olharem com piedade. Elias chorou até meio da manhã. Num momento, as lágrimas que lhe desciam pelas faces em veredas tortuosas pararam. Secaram-se-lhe nos olhos e o rosto ficou num sofrimento silencioso e imóvel. Quando entraram os primeiros homens, já tinha passado metade da manhã, já o quarto estava cheio de mulheres e Elias dentro do silêncio. Aos pares

ou sozinhos, os homens entravam com a boina na mão, olhavam Moisés num momento suspenso, diziam os meus sentidos pêsames os meus sentidos pêsames, e saíam. Na rua, à porta, os homens deixavam-se ficar numa roda que se alargava cada vez mais, e enrolavam cigarros colados com a língua, e fumavam-nos a cismarem na sua própria morte, e algum dizia é a vida.

Ninguém avisou no monte das oliveiras o que tinha acontecido na vila, mas o velho Gabriel acordou de repente com uma pontada no peito, e a primeira coisa em que pensou foi no Moisés. Solene, acendeu as achas do lume com uma pinha. Bebeu o café sentado ao lume, assistindo à dança feminina das chamas e esperando o nascer do dia. Começava a terra num despertar vegetal, quando o velho Gabriel tomou a estrada para a vila. O seu pensamento contornava um caminho que era cheio de sombras por ser cheio de dúvidas. Nunca se sabe tudo do mundo, pensava. Aquela manhã escondia-lhe qualquer coisa. Avançava por entre a quietude da luz e, para si próprio, repetia o que terá acontecido?, o que terá acontecido? Os seus olhos fixos só viam a incerteza que o preocupava, a certeza de ter acontecido o que não sabia. Avançava com passos rápidos, como gadanhas a cortarem braçadas de ervas. Quando chegou a meio do caminho, sem que o velho Gabriel desse fé, um ciclone de pássaros agitava-se no céu sobre ele. Todos os pássaros que sobrevoavam a vila e os campos em redor da vila juntaram-se naquele pano pontilhado de negro, a ondular em no céu, sustido por milhares de corpos frágeis e por um restolhar de asas. O velho Gabriel continuava cego na sua vontade quando avistou a primeira casa da vila. Nesse momento, os pássaros todos desceram sobre ele e, apesar da sua resistência de pés e braços, todos os pardais, pombos, tordos, andorinhas, todos os pássaros o envolveram numa nuvem densa e o levantaram no ar, no céu. Em pouco tempo, quase à altura das nuvens, se nuvens houvesse, fizeram de volta a distância até ao monte, e pousaram o velho Gabriel à porta da sua casa. Enquanto via os pássaros, cada um para seu lado, dispersarem-se, tinha os braços estendidos na direcção da terra; tinha, no olhar de pássaros e de céu, o desânimo de não haver nada que pudesse decidir. Preso na sua condição de homem, foi buscar a enxada e passou o dia na horta.

Começou a tarde e eram já muitos homens diante da porta. O calor era um castigo, e os homens aproveitavam um retalho de sombra. Lá dentro, para o fresco não fugir, tinham fechado uma portada da janela e deixado a outra entreaberta. Era nessa penumbra que estavam. As mulheres sentadas nas cadeiras encostadas à parede; a cozinheira viúva numa cadeira mais próxima da cama; e Elias de pé, com o braço direito sobre o irmão morto. Ninguém tinha tido coragem de propor a separação dos irmãos ou de mencionar sequer esse assunto. Quem via os irmãos, via dois mortos; e o luto não se reforçou, o sofrimento não

se tornou maior, quando, antes do fim da tarde, Elias desfaleceu sobre a cama. E morrer, para Elias, foi perder as forças. Morrer foi a fronteira insuportável de uma exaustão em tudo. Um silêncio demasiado. Uma falta demasiada. Após um momento negro nos corações, uma mulher foi à rua chamar dois homens que estenderam Elias ao lado do irmão. Na morte, tinham o mesmo rosto, a mesma cor, a mesma expressão. Quando a noite escureceu totalmente o quarto, alguém acendeu um candeeiro de petróleo e as mulheres começaram a sair. As suas sombras passavam sobre os corpos mortos dos irmãos e levavam um pouco daquele quarto triste para onde iam. Ficaram sete mulheres. Não estava frio, mas todas elas tinham xales negros pelos ombros. Foi uma noite muito grande. Passaram mais anos do que uma vida, naquela noite. Quando as lágrimas pararam nos olhos da cozinheira viúva, já a manhã se imaginava. E foi entregue a um silêncio mais custoso, por ser um silêncio de querer chorar e não conseguir e só sentir uma escuridão profunda: escuridão debaixo de escuridão debaixo de escuridão; e foi entregue a um silêncio negro que a cozinheira viúva sentiu a primeira luz da madrugada. E, de novo, chegaram as mulheres, os homens. E a cozinheira viúva não teve reacção quando, ao longe, se começou a escutar a carroça que levava os mortos ao cemitério. Não teve reacção quando os homens, carregando o caixão enorme, entraram no quarto e dispuseram os irmãos lado a lado. Cobriram o caixão com a tampa e, com dificuldade, atravessaram a cozinha e, na rua, assentaram o caixão dos irmãos sobre a carroça funerária. Esta era uma carroça mais pequena que as outras, pintada de preto brilhante e puxada por dois homens. Com o peso anormal do caixão duplo, as molas gemeram um guincho de pouca agilidade. A cozinheira viúva levantou-se da cadeira com a ajuda de duas mulheres e, inconsolável, moribunda, fez o caminho longo até ao cemitério. E todas as ruas, e tudo lhe lembrava os irmãos, lhe lembrava o ano de mais alegrias do que toda a sua vida, lhe lembrava a casinha que tinha querido, a vida que tinha desejado construir, as horas a cozinhar para os irmãos e a imaginar-lhes o sorriso quando chegassem, tudo lhe lembrava os planos que tinham feito para a menina, e que nunca a iriam ver mulher. A cozinheira viúva era muito velha e sem nada. Quando chegaram ao cemitério, o sol era um reflexo baço de si próprio no céu. Ao lado da cova, abriram ainda o caixão, e os rostos dos irmãos, o seu melhor fato. Depois, a terra. Pás cheias de terra a fazerem, primeiro, o ruído de pás a furarem um monte de terra e, depois, lançadas no ar, o som único da terra sobre a madeira dos caixões: e muito da memória daqueles mortos que foram gente a ser enterrada para sempre. Rodeada de mulheres a ampararem-na e muito só, a cozinheira viúva voltou para a vila. Levaram-na à casa da vizinha que estava a tomar conta da

menina. E, sem que a menina pudesse perceber, a cozinheira viúva olhou-a com uns olhos muito sinceros a tentarem contar-lhe tudo. E abraçou-a com muita força antes de enlouquecer.

A cadela de José estava deitada com o pescoço erguido, numa pose nobre, com as orelhas estendidas, com uma expressão serena, com os olhos fechados, como se sentisse a suavidade da brisa. E sentia a suavidade da brisa: uma parede frágil, um véu muito fino que passava imperceptível, a memória de um vidro a atravessar lento a planície. À sombra, adormecidas, as ovelhas remoíam as ervas secas na maneira diferente que as ovelhas têm para mastigar: movendo os maxilares na horizontal, desencontrados, de um lado para o outro. Erguido, José tinha o cajado fincado no peito e cismava. Nessa noite, as ideias, a torturarem-no, tinham-no mantido numa espertina aflitiva. Deitado na cama, de olhos abertos para a escuridão, ouvia a respiração da mulher e a respiração mais breve do filho, e pensava na mulher e no gigante, pensava na mulher abraçada ao gigante e no gigante a abusar dela, vezes e vezes, vezes e vezes. Abruptamente, rematava na ideia a imagem da mulher e do gigante, pensando não pode ser verdade. Ficava um momento nesse conforto, mas de novo, aos poucos, materializava-se-lhe no que assistia o rosto da mulher e o rosto do gigante, o corpo puro da mulher misturado com o corpo repelente do gigante. Uma vez, uma só vez, chegou ao ponto de pensar e se o menino não é meu filho?, mas sentiu um poço muito fundo no peito, um poço demasiado fundo de tanto medo, e logo a seguir pensou não pode ser verdade. Um pavor profundo impediu-o de refazer esse pensamento, mas, dentro, ficou-lhe a sombra: os contornos negros, quase imprecisos, desse pensamento: a presença imposta e constante de um punhal que se quer arrancar do coração. A certeza é feita de muitas dúvidas, uma certeza é feita de mil vezes mil dúvidas, e uma dúvida é o pior, pensou José. De cajado fincado no peito, diante das ovelhas, cismava em coisas como estas. E a tarde era propícia a cismar. A hora do calor diluía-se numa lentidão indistinta aos olhos dos homens. As planícies estendiam-se mais infinitas.

Num assobio que desenhou no ar o movimento de uma chicotada, José chamou a cadela. As pontas das orelhas da cadela levantaram-se, como se tivessem sido puxadas por um fio de pesca; os olhos abriram-se, como se tivesse cheirado caça; saltou do seu lugar, como se fosse

perseguir uma lebre. E ladrou às pernas das ovelhas. As ovelhas, assustadas, acordavam para um pesadelo que, na sua ideia pouco inteligente de ovelhas, rapidamente esqueciam, ao encarreirarem-se no rebanho e seguirem em frente, sempre em frente, porque as pernas das ovelhas não servem para andar para trás. E, ativa, orgulhosa, quase humana, a cadela seguiu para o monte ao lado de José. Era mais cedo do que o costume quando as ovelhas entraram, empurradas por latidos que estalavam no ar, pela cancela que servia de porta. Era verão, era agosto, e o dia, maior, ainda tinha muito da tarde. O ar era a claridade. José atravessou o pátio, e não entrou em casa senão o seu pensamento: olhou a mulher e ela não o olhou, quis dizer-lhe algo que não disse e que ela não ouviu. Com a pele negra da ovelha pelas costas, com o saco preso por um barão ao ombro, passou diante da porta fechada do velho Gabriel e prosseguiu para a vila. Pensou no vulto do velho Gabriel e no vulto de Moisés, ambos estilizados numa multidão indefinida de cores, uma explosão de cores na cara e no corpo de Moisés; ambos diante dele a dizerem coisas que não podia entender, de ouvidos cegos, de olhos mudos. E pensou que gostava de ter ouvido Moisés e o velho Gabriel, e pensou que gostava que o mundo não fosse uma queda: onde se desce cada vez mais, cada vez mais próximo do fundo, cada vez mais longe da luz, irreversível. Prosseguiu para a vila. Não por querer chegar. Não por querer, mas porque a tarde, porque o sol e a luz, porque uma solidão tão grande.

Com um olhar levantado da cabeça baixa, a cadela seguia-o. Um olhar grande como um céu doce e castanho, um olhar de filho ou de mãe que era, contudo, um olhar de cadela. Chegaram à vila. José pensava. A minha mulher. O gigante. José pensava a minha mulher, o gigante, e todas as pessoas que o viram passar não lhe disseram boa tarde, porque todas as pessoas reconheceram o luto e a condenação, o sofrimento. Entrou no terreiro, e a sua sombra, rasante na terra, era firme, porque era uma sombra que sabia aonde ia. De muitos lugares, vieram cães que rodearam a cadela num namoro que era meio cortês e meio bestial. Numa linha recta, José dirigiu-se à venda do judas e entrou sozinho. Ao balcão, o demónio olhava-o dentro de um sorriso. Sem sorrir, José olhou-o e avançou assim. Sem que deixassem de olhar um para o outro, a verem-se realmente, de olhares fixos, a segurarem uma barra de ferro que era o olhar, o demónio disse dois copos de tinto. Apareceram os copos cheios sobre o mármore. Bebe. E José não se mexeu, absorto que estava nos olhos de brasas do demónio. Olhando-o por cima do copo, sorrindo ao beber, o demónio estudou uma pausa, e disse a tua mulher não é quem tu julgas. José impassível no tremor que o consumia por dentro. E o tentador, sorrindo, disse se não acreditas em mim, vai agora ao monte; a janela do teu quarto tem as portadas abertas, há uma nesga de cortinas aberta, espreita por aí.

José saiu por entre as mesas, os homens deixaram cair os braços e os olhares, o demônio sorriu muito, o copo quase a transbordar de vinho tinto permaneceu único no balcão, como uma testemunha daquele instante, como um órfão, como uma vela acesa. José atravessou o terreiro e a cadela olhou-o e chorá-lo já, e apesar das suas tentativas desesperadas, não pôde segui-lo, pois estava rodeada de muitos cães subitamente desinteressados, e estava pegada a um cão de língua de fora.

Na estrada para o monte, as botas de José foram mais rápidas. Faziam o ruído grosso de pás a serem espetadas num monte de areia e, tal era a velocidade com que patinavam, atrás de si, lançavam grãos de areia a grande distância. Visto do céu, José era uma pequena coisa a avançar num veio traçado na planície, um pontinho com pernas e braços a avançar num veio que separava duas planícies ou duas partes de cor diferente da mesma planície; visto do céu, José era quase nada, e nem pensava não pode ser verdade não pode ser verdade, nem andava depressa; e, visto do céu, tudo o que ele pensava, e que para ele era maior que o céu, era menos que uma pena de andorinha entre as nuvens, que a lembrança de uma gota de chuva num dia de tempestade. Estava quase a chegar ao monte, quando as carroças dos homens que trabalham no campo passaram por ele. Uns após outros, os homens olharam-no e nenhum lhe disse boa tarde, olharam-se entre si e nenhum disse nada ao olhar dos outros, guardaram um silêncio que era o respeito. E, sozinho debaixo do sol, José chegou à barreira antes do monte; e, pela primeira vez depois de sair da venda, José pensou em não avançar. Parou na barreira, procurou o sol e olhou-o de frente. Um túnel de luz onde caminhou, parado na estrada do monte. E, como uma voz a falar dentro de um sonho, lembrou-se do a tua mulher não é quem tu julgas. Lembrou-se do se não acreditas em mim, vai agora ao monte; a janela do quarto tem as portadas abertas, há uma nesga de cortinas aberta, espreita por aí. Esfregou os olhos a lavar a luz da vista e avançou. O portão, noite e dia, aberto. A casa dos ricos era a imagem dolente de uma memória ou de uma antevisão magoada ou da memória de uma antevisão. Passou a nora. Passou o jardim por regar. A janela do quarto. A pouco mais de meia dúzia de passos, a janela do quarto. A madeira velha, mas arranjadinha; os vidros velhos, mas limpos. O sítio de um buraco na parede arredondada de cal, na parede de creme branco. Os passos cuidadosos de José. E o tempo dos passos era longo de envelhecer muitas vezes, mas os passos, depois de serem dados, na lembrança, eram breves e pouco reais. Inclinou-se, e as portadas estavam abertas, e havia uma nesga por entre as cortinas. E a mulher estava debaixo do gigante. José sentiu-se morrer estando morto, e sentiu-se morrer e morrer, e a mulher estava debaixo do gigante. O menino dormia no berço. E havia

uma noite muito escura, que era uma caixa ou um saco, onde José estava fechado, e onde lhe faltava o ar, onde já tinha morrido e só esperava perder o último sopro frágil de vontade. Olhou o menino, a sua face serena, os olhos, as suas mãozinhas fechadas e erguidas ao lado da cabeça, o seu sono. Olhou a mulher, e a mulher olhava-o agora de frente. Pela primeira vez desde há muito tempo, deitada debaixo do gigante, a mulher olhava-o de frente. E era o seu olhar de uma mágoa sincera, de um sofrimento. E era o olhar de José. Luto. Negro. Morrer. Olharam-se e conheceram-se então. E, dentro do quarto, debaixo do gigante, a mulher viu José afastar-se e sentiu a sua falta infinita, a sua saudade para sempre num momento. E José, afastando-se, soube que a mulher não tinha culpa, e soube, nesse dia, que lhe tinha muito amor.

Sob o céu, caminhou até ao curral. As ovelhas pressentiram-no desinteressadas. Atrás das manjedouras, José tirou o saco do ombro e prendeu o barão num prego dos troncos de pinheiro que seguravam o telhado, despiu a pele preta de borrego e pendurou-a noutro prego próximo. Largou algumas braçadas de feno nas manjedouras. Mudou a água. Agarrou a corda que tinha pendurada numa cancela, enfiou-a no braço direito, firmou-a no ombro e tomou a estrada para o outeiro da forca.

O teu olhar ficará no meu olhar quando morrer e, morto, contemplar as planícies que serão o teu olhar a anoitecer lento. O teu olhar ficará nas minhas mãos esquecidas e ninguém se lembrará de o procurar aí. Penso: nunca ninguém se lembra de procurar as coisas onde elas estão, porque nunca ninguém sabe o que pensa o fumo, ou as nuvens, ou um olhar. E tu. Continuarás perdendo o silêncio por mãos esquecidas, irá a enterrar o teu silêncio dentro do meu peito. Mulher tantas vezes. Mulher repetida na respiração de um lugar passado ou morto. Tempo e vida. Mulher, não sei o que fomos. Sei que, hoje, te possuo. Hoje conheço-te. É meu o teu olhar e o teu silêncio. E de nada me serve já, porque avanço para onde os homens deixam de ser homens. Faço o caminho solitário por entre as ruínas da vida. O caminho onde tudo é muito pouco, e cada uma dessas coisas pequenas é demasiada. Ao meu lado, os destroços de tardes entre as ovelhas e pensamentos que não recordo. Ao meu lado, fragmentos de ti, do meu filho, do meu pai, da minha mãe, da minha irmã. Tu, a estenderes roupa, na boca do demónio e das pessoas, desmancho, fez um desmancho, rapariguinha, deitada debaixo do gigante, a dares comida ao nosso filho, rapariguinha rapariguinha, a tua pele, aquele fim de tarde em que fizemos amor. O meu filho, depois de nascer, o olhar sério de criança, a primeira vez nos meus braços, dentro do meu coração, um calor, a

descansar no berço. O meu pai, amigo, a ensinar-me as habilidades todas, a bater-me com o cinto, a chorar, a puxar as calças para cima, a olhar-me e a falar para mim, sentado diante da capoeira da minha irmã, a entrarmos na venda do judas, a passearmos na feira de gado. A minha mãe, a mandar-me aviar recados à vila, a dar-me beijos, a morrer na cama, viva, morta, no caixão, a contar-me contos no quintal. A minha irmã, a ajudar a minha mãe, a querer casar-se, a brincar sozinha aos pais e aos filhos, a minha mãe de roda dela a espetar-lhe alfinetes no vestido, a esperança nos olhos dela, a falar tantas palavras, a tratar do meu pai, o ferrador a casar-se bêbado com ela, a chorar, a tratar da criança com um amor desajeitado. Avanço sozinho e tenho-vos todos aqui. Levar-vos-ei sempre comigo. Olho de frente o último raio de sol antes de o sol desaparecer. Penso: um homem é um dia, um homem é o sol durante um dia. E é preciso continuar. Avançam os meus pés sobre a terra. Filho, dormes ainda, e quis mostrar-te o sol-pôr. Quis mostrar-te a terra, ensinar-te a cor da terra por dentro, porque quem conhece a cor da terra por dentro conhece o mundo e os homens. Filho, o sol desapareceu agora e deixou uma aura vermelha de sangue à volta do cabeçaço onde entrou, e quis ensinar-te que amanhã estará calor. Quis ensinar-te que, se não vires as estrelas de noite, espera chuva no dia seguinte. E saberes isto é saberes tudo. São estas as poucas coisas que nos dão a saber. O resto, filho, são mistérios sem explicação. O resto são punhais apontados dentro do nevoeiro. O resto são punhais que vemos aproximarem-se do nosso peito, e estamos atados, filho. Dormes ainda. A tua mãe tem-me no olhar. Tenho o olhar dela. Mulher, tu que me segues e me vês, sabe que te tenho estima. E dizer-te isto é dizer-te muitas coisas que não entendo, é dizer-te um céu vermelho em roda do cabeçaço do meu coração, é dizer-te o que sinto, sem que se possa dizer o que se sente. E isto que és dentro de mim ficará cristalizado no rosto em que me tornar. E não serás um ressentimento, serás a rapariguinha nova que espreitei a estender a roupa. Serás o que escrevi nos cadernos do meu desejo por ti. Os cadernos que decorei por serem as suas páginas a minha pele. Sábado, seis da tarde, regou o jardim, passou a mão por uma rosa, sorriu sozinha. Sexta-feira, cinco e meia da tarde, saiu da casa dos ricos, olhava o chão. Quinta-feira, cinco da tarde, veio à porta, a pele serena da cara, os olhos como o céu. E, onde estiver, não poderei tocar-te, como nunca pude. E essa angústia será maior, porque nunca mais poderei ver-te, nunca mais poderei ouvir o teu silêncio e toda a esperança que um dia tive será nula. Morto, assistirei ao negro absoluto que nenhum homem pode suportar em vida. Nenhuma luz, nenhuma luz. Nunca nenhum homem suportou a escuridão sem nenhuma luz. E é para isto que tenho de caminhar. E poucos metros me separam da lonjura imensa desse sítio. Sofrer será a continuação

de sofrer. A vontade que nunca tive, não terei. E os meus passos já não são meus, nunca foram. Tudo é último. Os campos resistiram um dia mais, e amanhã não existe. O céu vermelho será para sempre vermelho, e o outro céu que conheci será sempre uma recordação do que conheci um dia. Adeus mulher. Adeus filho. Adeus pai. Adeus mãe. Adeus irmã. Estão os vossos rostos diante de mim. Estarão para sempre. Penso: sempre e nunca mais são o mesmo lugar. Mulher, filho, pai, mãe, irmã, não chorem por mim. Ainda há as searas para as crianças. Ainda há as crianças. Guardem as lágrimas para um dia de mais alta nomeada. Guardem as lágrimas para o dia em que morrerem as searas nos olhos das crianças, para o dia em que morrerem as crianças. Hoje, morro eu. E eu morrer não é nada na ordem implacável do mundo.

José aproximou-se da azinheira torta que era única no cimo do outeiro. Era uma azinheira cujo tronco tinha várias curvas abruptas. José fez um nó paciente na corda. Passou a corda por uma pernada forte e firmou-a aí. Subiu a um dos degraus do tronco. Enfiou a argola da corda pela cabeça e apertou-a no pescoço. Não olhou o mundo por uma última vez. Deu um salto breve em frente. O pescoço estalou num ruído de ossos a separarem-se. Baloiçou por momentos, até ser aprumado e imóvel, como imóvel foi a aragem sobre a terra. Um pardal que por ali andava olhou-o e viu-lhe os olhos vazios de esperança, as mãos vazias, e levantou-se no céu a voar. José diminuiu, diminuiu, e, quando o pardal o olhou lá de cima, José era apenas uma pernada caída de uma azinheira torta de encontro ao horizonte vermelho de sangue.

LIVRO II

A terra era o seu silêncio a arder. O sol era o calor de um lume a iluminar o ar, ar da cor de chamas: a aura de um fogo a ser a aura da terra, a ser a luz e o sol. Dispostas sobre a pele da planície, pequenas pedras e calhaus imateriais eram brasas fechadas na mão. José e as ovelhas, a cadela, os sobreiros e o sobreiro grande eram figuras delineadas na exaustão de uma asfixia, congeladas na combustão de um instante que era muito tempo e que não era mais do que um instante. E o vento suão avançava sobre uma seara e, à sua passagem, as espigas de trigo mirravam, subitamente secas, subitamente velhas, por ser aquela brisa lenta um inferno espesso que era toda a atmosfera e que todas as coisas que respiram eram forçadas a respirar, porque aquela brisa sólida e tórrida era a única coisa que as envolvia. E o vento suão era o horizonte a avançar lento e inevitável. Inevitável. Passou pela última espiga do fim da seara, secou-a mais, e passou por um monte de cardos que se encarquilharam debaixo e dentro do seu calor. Ao fundo, distinguia-se José na sombra do sobreiro grande, e distinguiam-se as ovelhas, à sombra, encolhidas em montes de muitos corpos encolhidos. O vento suão avançava dentro da luz e sobre a terra. José e as ovelhas aproximavam-se mais e mais. Lentamente, mais e mais. E o vento suão passou por José e pelas ovelhas e pelo sobreiro grande e pelos outros sobreiros. Dentro do vento suão, os olhares permaneceram, a pele crestada, o sangue a ferver.

Conheço esta quietude. Conheço esta tarde. As ovelhas debaixo dos sobreiros, como mortas. A cadela deitada ao pé de mim. As ervas miúdas a vergarem-se numa aragem fraca. O céu de encontro à terra, a terra a reflectir o vagar do céu, o céu a reflectir o vagar da terra. Conheço esta tarde, porque a vivi muitas vezes, porque muitas vezes escutei esta quietude e esta certeza serena. Penso: talvez haja uma luz dentro dos homens, talvez uma claridade, talvez os homens não sejam feitos de escuridão, talvez as certezas sejam uma aragem dentro dos homens e talvez os homens sejam as certezas que possuem.

Um ardor no lugar do coração afiança-me que vem aí. Caminha

nesta direcção. Sinto no meu corpo o seu corpo a caminhar, os seus passos, nem lentos, nem rápidos. Sinto no meu corpo as suas ideias simples e as suas intenções sinceras. Sinto no meu rosto a sua expressão de homem e criança, de criança tornada homem por leis apressadas. Vem aí. E, quando a tarde for mais branda e o calor principiar a desistir, chegará. Vindo da direcção do monte, chegará e, vendo-me, começará a correr, como corre uma criança com medo para os braços da mãe. E, como se nos abraçássemos, olhar-me-á com olhos sempre sinceros. Acreditará em mim. E partirá no sossego dos simples. Eu, com a tarde moribunda numa limpidez clara e quase nocturna, serei o tormento que sou, serei o desalinho das minhas dores e esperanças. E, aqui, sob este céu a tocar-me com o seu incêndio, agora, sei que assim será. Afiança-mo um ardor no lugar do coração.

José era o filho de José. Tinha o mesmo nome do pai, e dele sabia as poucas respostas que lhe tinham dado às poucas perguntas que fizera, sabia que era igual a ele, porque era o que o velho Gabriel sempre lhe dissera desde criança. És igualzinho ao teu pai. Nunca ninguém tivera coragem de contar a José a forma como o pai morrera, mas José tinha aprendido com o luto carregado da mãe que esse não era um assunto do qual se falasse. José tinha ouvido pouco acerca do pai, mas adivinhara tudo. Em tardes, como aquela em que esperava Salomão e guardava as ovelhas, José adivinhava que era filho de um grande amor triste. Adivinhara o rosto do pai ao ver o seu próprio rosto reflectido no tanque do monte. És igualzinho ao teu pai, dizia-lhe o velho Gabriel, quando estava na terra do pátio a brincar, quando ao fim da tarde chegava do campo, quando visitou pela primeira vez a prostituta cega. E José sabia que era verdade, porque adivinhara uma força dentro da sua força, porque adivinhava gestos iguais dentro de cada um dos seus gestos.

E José, filho de José, esperava Salomão. O sobreiro grande queria envolvê-lo com as suas folhas miúdas, como havia trinta anos quisera envolver seu pai; a terra ardia diante dele, como havia trinta anos ardera perante seu pai; as ovelhas vagas e tristes olhavam-no de lado, como havia trinta anos tinham olhado seu pai, mas isto José não sabia ou pensava sequer. Segurava o cajado com a mão esquerda e, para si próprio, repetia a sua certeza. Vem aí. A cadela, o sobreiro grande e as ovelhas sabiam muito daquela tarde, ao ponto de se lembrarem dela antes de acontecer. Sabiam exactamente qual seria o momento em que Salomão surgiria no horizonte. Muito velha, deitada, como se estivesse a dormir, a cadela recordava a noite em que, trinta anos antes, tinha

visto o seu dono pendurado na azinheira torta do outeiro da forca; e lembrava-se de ter voltado à vila e de ter reunido todos os cães no terreiro; lembrava-se de terem esperado, pacientemente, terem esperado e, no momento em que o vulto do gigante abandonou a venda do judas, lembrava-se de o terem seguido por ruas escuras, mal iluminadas por uma noite estrelada. Ali, sob a escuridão das suas pálpebras, lembrava-se daquela noite há trinta anos, lembrava-se do seu corpo e dos corpos dos outros cães a saltarem sobre o gigante e a derrubarem-no, lembrava-se do ruído envolvente de todos os cães a rosnarem, lembrava-se da sensação dos seus dentes a rasgarem uma orelha, os seus dentes a arrancarem um olho, os seus dentes a abrirem um buraco no pescoço, a esgarnarem um canto da boca. Lembrava-se do corpo do gigante todo separado no chão, do sabor quente a sangue; lembrava-se do caminho solitário até ao monte das oliveiras, e a noite; lembrava-se de ter ficado deitada à porta da casa de José; lembrava-se de ouvir o menino chorar de vez em quando. Muito velha, a cadela esperava Salomão, como havia trinta anos tinha esperado o gigante.

A cadela tinha a cabeça pousada sobre as patas dianteiras e levantou-a. O calor misturava-se progressivamente com o fresco da terra. O sol não amarelecia já o céu. A luz era agora etérea. Um silêncio mundial despontava do horizonte. Havia chegado o momento. José tornou o olhar nítido e parou-o na direcção do monte.

Os meus passos aproximavam-se da venda do judas, e o rebuliço dos homens, a jogarem e a beberem e a falarem, formava um novelo de vozes que rolava lento pelo terreiro, como se fosse arrastado pela aragem lenta. Entrei e, antes de chegar ao balcão, disse boa noite. Sim, disse boa noite. Os homens, daqui e dali, as mesmas caras, responderam boa noite, Salomão. Lembro-me bem desse saltitar de boas noites, pois foi a primeira vez que reparei nele. Às vezes acontece-me reparar assim nalguma coisa que sempre ali esteve, e essa vez torna-se aos meus olhos a primeira vez, e sempre me recordo dela se porventura mais tarde me recordo disso. E assim foi com aquele disparar aleatório de vozes, ora finas, ora grossas, ora animadas, ora fastidiosas, ora breves, ora demoradas. Aproximei-me do balcão. Um copo de tinto. Ao meu lado, quatro homens rodeavam um prato de esmalte com uma tira muito estreita de toucinho frito, bebiam vinho e, de cada vez que um deles esticava a ponta gasta da navalha e cortava uma falhinha, fina como uma folha de papel, fazia-o com grande cerimónia e os outros paravam regalados a contemplá-lo. O filho do judas, de mangas arregaçadas, andava de um lado para o outro, a recolher copos e a participar em todas as conversas. Cruzámos o olhar. Um copo de tinto. Pousei o copo vazio no balcão. E, naquele

momento isolado, fez-se um silêncio de temor. Os homens que falavam calaram-se. Os homens que petiscavam afastaram-se. Atrás de mim, estava o demónio. Senti nas minhas costas o seu calor, o seu sorriso. Dois copos de tinto disse, sorrindo. Cheios, cheios, os copos apareceram-nos à frente. Levantou o seu e bebeu-o, olhando-me e sorrindo-me com os olhos. O meu copo permaneceu intocado, brilhando. Os homens olhavam-me. Olhando-me, olhando-me, sorrindo, perguntou onde está a tua mulher que não a tenho visto? Dei três passos ao longo do balcão. Acompanhou-me. O silêncio era a asfixia antes de morrer, antes de morrer de garganta tapada, a querer respirar, a querer prender o ar com os braços, a enfiar nacos de ar na boca, a enfiar os dedos na garganta, e a garganta tapada, antes de morrer. Sabes, disse o tentador sorrindo, disse-me o teu primo José que sabe melhor do que tu onde ela está, agora e sempre. Recuei dois passos. Os homens olhavam-me assombrados e mudos. O diabo olhava-me, sorrindo, sorrindo. Num sorriso aberto, do tamanho inteiro da venda, disse o teu primo José contou-me que tem mais mão nela do que tu. É verdade, Salomão? A luz cobriu-se de uma nuvem fosca de fumo luminoso, levantou-se um ciclone de espelhos a mostrar-me em todo o lado, quando o mais que queria era esconder-me. É verdade, Salomão? Os homens olhavam-me. O demónio olhava-me. As minhas pernas eram um monte de areia solta, a segurarem uma casa de tijolo, sob um vendaval. É verdade, Salomão? Saí a fugir pelo terreiro. O sorriso do demónio à porta da venda. A noite escura. As ruas vazias. Entrei em casa, entrei no quarto. Despi-me, deitei-me ao lado da minha mulher, a tremer.

Salomão caminhava no carreiro que ia do monte ao serrado onde José guardava as ovelhas. Atrás de si, a estrada da vila ao monte, o cansaço, o sol. Consigo, a memória da noite anterior, o medo, o cansaço, o sol. Salomão caminhava e, no seu rosto, outro rosto se contorcia; no seu medo, outro terror; em si, outro. Levava uma aflição. Caminhava e o silêncio adensava-se num silêncio cada vez mais obsidiante, um silêncio a repetir-lhe palavras, a repetir-lhe palavras, palavras, palavras. A noite anterior. As palavras da noite anterior. Palavras. A noite, noite anterior. Palavras. Palavras. Palavras. Tudo se ofuscava numa vertigem que era uma confusão na sua cabeça. Tudo se misturava e confrontava numa tempestade a reflectir e a transfigurar. Salomão caminhava e não entendia. Apressava-se. Parava. Apressava-se. E as vozes todas na sua cabeça. A noite anterior. Palavras palavras palavras.

Salomão era filho da irmã do pai de José, era seu primo. Salomão era mais velho do que José, mas sempre parecera o contrário. Sempre

fora José quem liderara as brincadeiras, quem decidira o que deviam fazer, quem decidira aonde deviam ir. Em pequenos, juntavam-se a brincar. José queria subir às árvores, Salomão tinha medo; José queria jogar às escondidas, Salomão tinha medo de ficar sozinho; José queria jogar à apanhada, Salomão nunca o apanhava. Quando Salomão falava de José, chamava-lhe o meu primo; quando José falava de Salomão, chamava-lhe Salomão.

Depois do monte, quando viu o último cabeça e soube que José e as ovelhas estavam do outro lado, apressou o passo, correndo desajeitado, como um coxo, como uma criança coxa.

Penso: talvez o céu seja um mar grande de água doce e talvez a gente não ande debaixo do céu mas em cima dele; talvez a gente veja as coisas ao contrário e a terra seja como um céu e quando a gente morre, quando a gente morre, talvez a gente caia e se afunde no céu.

Parou o crepúsculo. Suspendeu-se o que era ainda a tarde ou um cântico sereno. A claridade permaneceu no seu tom mais luminescente. O canto dos pássaros permaneceu num silêncio que era uma melodia cruel. A aragem parou numa frescura. Salomão surgiu aos poucos no cabeça, como se subisse uma escada: a cabeça, o peito, a cintura, as pernas. José olhava-o. Quando, finalmente, apareceu inteiro, começou a correr em passadas pouco ligeiras, não tropeçando, mas como se tropeçasse, como se fosse muito gordo. Aproximando-se de José, abrandou e ambos puderam distinguir a cara um do outro. Salomão disse é verdade, José? Passou um momento, e José não o olhou. Como se tivesse motivo para fazê-lo, Salomão descansou o rosto e contou o que tinha acontecido na noite anterior. As palavras. José ouviu. No fim, ainda a noite estava no outro lado daquela claridade esplendorosa, Salomão perguntou não é verdade, pois não? Sei que não. Salomão olhou-o e foi isso um abraço de homens. Afastou-se. Desapareceu no cabeça que ficava na direcção do monte. José olhava o céu. O canto dos pássaros retomou a sua misteriosa simetria. A aragem retomou o seu corpo seco e fervente. A tarde resistiu o tempo de ser atravessada por uma andorinha. Anoiteceu.

As janelas abertas deixavam entrar a manhã por toda a cozinha. A mulher de Salomão dava voltas à mesa e corria para o quintal, a dar fé ao que a mãe estava a fazer, e chegava-se ao fogão, mexia a sopa. Salomão acordou já tarde. Antes de sair, não bebeu o café pois não havia café para beber. Disse até logo, e a sua mulher, acordada desde os primeiros sons da manhã, já tinha dado banho à mãe, esfregado o chão, lavado um alguidar de roupa e encetado a sopa. Sem pensar em José, Salomão correu pelas ruas, como se as botas fossem muito pesadas ou muito grandes. Ao entrar na serração, tirou instintivamente a boina e parou. O mestre Rafael olhou-o. Indiferente, tirou o lápis da orelha e marcou dois riscos numa ripa. Sem outras palavras, disse traz o formão e ajuda-me aqui. Salomão voltou a enfiar a boina e apressou-se.

Com dois homens a trabalhar e um aprendiz, a serração não era muito grande. Tinha um pequeno pátio, repleto de troncos empilhados e com o chão forrado de cascas de pinheiro. As manhãs eram especialmente bonitas no pátio da serração. O sol escorria liquefeito, nunca abrasador, suave; passava pelas ervas que rompiam entre as cascas de pinheiro e era isso um conforto. As tardes eram difíceis. O mesmo sol, diferente, concentrava-se nas costas e no peito descoberto dos homens a serrarem os troncos. O suor fervia sobre a pele. No interior da carpintaria, estavam dois bancos de carpinteiro e uma mesa ao centro. O banco do mestre Rafael era arrumado e limpo; as ferramentas estavam na caixa de ferramentas, cada uma no seu lugar e tudo estava como é devido. O banco de Salomão era desarrumado e cheio de serradura e maravalhas; as ferramentas estavam no último sítio onde as tinha deixado, e tudo era um desleixo. A mesa ao centro, cheia de escapadelas dos serrotes, buracos involuntários de brocas, buracos de pregos e marteladas pouco certeiras, era comum aos dois e usavam-na para pousarem as peças maiores. Num canto, ao pé da bilha que tinha desenhados os riscos brancos do calcário a descerem-lhe pelo gargalo, estavam duas prateleiras carregadas de caixas de pregos; e, apesar de não terem nada escrito, o mestre Rafael dizia dá-me dois pregos de sétia, ou dá-me três pregos de meia galiota, ou dá-

me três pregos fasquiados de seis, e Salomão sabia exactamente quais eram, dava-lhos, e isso era natural. Nessa manhã, nem assobios, nem conversas. Trabalharam em silêncio.

Faltava pouco para a hora do almoço, quando o mestre Rafael disse ao aprendiz podes ir almoçar. Dando um passo com a muleta e outro com a perna, aproximou-se de Salomão. O mestre Rafael tinha herdado a serração do pai, aprendera com ele os modos rígidos e a sinceridade nos sentimentos. Com ele, aprendera tudo quanto sabia de madeiras e de tudo o resto. Vivia na casa pequena que fora do pai. E todos os trabalhos, os sábados e os domingos passados na serração, serviam-lhe apenas para se sustentar e para ir à casa da prostituta cega, semana sim, semana não. Havia mais um ou dois carpinteiros na vila, mas nenhum sabia tanto da sua arte como o mestre Rafael. Tudo aprendera com o pai. Nascera no dia em que a mãe morrera e, ainda que não o soubesse, o seu pai olhou-o e, de olhos inundados, disse hás-de ser um homem. O mestre Rafael tinha a perna direita cortada pelo risco da virilha, o braço direito era apenas um pequeno coto onde encaixava o extremo da muleta, não tinha a orelha direita e era cego do olho direito. Era um homem. Aos dez anos, ajudava o pai na serração como uma pessoa grande. O pai orgulhava-se. Sorria. O pai morreu no dia em que o viu feito homem. E, naquela manhã, avançando entre as maravilhas, aproximou-se de Salomão. Disse o que tens? Salomão não respondeu logo, olhou-o afectuosamente e disse está tudo resolvido.

As janelas abertas deixam entrar a manhã por toda a cozinha. Tirei a sopa do fogão, que são horas, e apetece-me agora descansar. O Salomão entrará por aquela porta. Irá talvez olhar-me. Não me dirá nada, porque nunca falámos e hoje é demasiado tarde. Migará tiras de côdea no prato, cobri-las-á com sopa e comerá, em silêncio, olhando a mesa. Nesse instante, irei ao quintal. Puxarei a minha mãe para um canto, enfiar-lhe-ei um pano na gola e dar-lhe-ei colheres de sopa ao olhar de olhar de boneca; com o bordo da colher, recolherei o caldo que lhe escorrerá pelo queixo, misturado com saliva, e enfiar-lho-ei pela boca numa colherada cheia. A minha mãe engolirá a sopa sem lhe fazer proveito, porque nunca parará de murmurar as palavras que repete há trinta anos. E as palavras farão bolhinhas de sopa nos cantos da boca, e engasgar-se-á às vezes.

Aproximo-me da porta do quintal e vejo-a. Está de roda dos seus brinquedos: os seus tachinhos, as suas panelinhas, os seus pratinhos. Recordo-me de quando lhos comprei. Logo depois de me casar, poupei aqui e ali durante seis meses. Comprei-lhe o pequeno estojo de cozinha, e ela, habituada a trabalhar com paus e arames, foi

agarrando as peças uma por uma, e ficou toda a tarde a admirá-las. O Salomão não reparou na mudança. E eu não lhe disse nada. Vejo-a. A sombra encurtou e está ao sol. Onde a ponho é onde fica. Enche as panelinhas de terra, de pedrinhas e de ervas miúdas, e esculpe formas prodigiosas. Já a vi fazer a casa dos ricos do monte das oliveiras, já a vi fazer o exterior e o interior da capela, já a vi fazer o cemitério inteiro. Mas, mais do que qualquer outra coisa, há muitos anos que a vejo fazer, vezes e vezes, a cara de um homem, muitas vezes a cara de um homem ou muitos homens de cara igual. E repete a sua história. Há trinta anos que repete a sua história, a mesma história. Sempre. Uma toada interminável que começa onde acaba, que começa em cada palavra, que não acaba. Como uma reza, constante, com palavras monótonas, como um zumbido, como um insecto a voar, como uma mosca contínua, como dentro de um mosquito. Todo o dia. Durante toda a noite. Antes de dormir, ouço-a, sempre, a moldar as mesmas palavras, a mesma toada, a mesma história: não com a voz, mas com a respiração. Durante trinta anos. Mãe, mãe. O seu rosto, longe, aqui. A sombra encurtou, e estás ao sol.

Quando Salomão saiu da carpintaria, sentiu, aos poucos, o cheiro intenso da madeira ser substituído pelos cheiros da rua, pelo sol. Às portas, apareciam mulheres a despejarem baldes de água e a cumprimentarem-no. Salomão pensava em José e lembrava-se de o ir ver ao monte das oliveiras, e de passarem muito tempo a correr no campo e a brincar. A primeira vez que viu o primo foi no enterro do avô. Tinha uns seis anos. Sem lhe largar o braço, a mãe apresentou-o a José. Quis obrigá-los a darem um beijo, mas José fugiu com a cara. Do enterro do avô, de todo o funeral, a maior lembrança que lhe ficou foi a cara daquele rapazinho a olhá-lo assustado e orgulhoso, aquele rapazinho que era seu primo. E, no entanto, lembrava-se bem de tudo o resto, das mulheres pouco chorosas, a fazerem-lhe festas nos cabelos e na cara e no pescoço, a dizerem este é que é o neto?, este é que é o neto?; da mãe, enegrecida pelo luto, a chorar de vez em quando, e logo um grupo de mulheres a sufocá-la, e a sensação proibida de que a mãe não chorava a morte do pai, mas as suas mágoas, as suas próprias mágoas. E lembrava-se dos velhos à porta de casa, profundos, de boina na mão, e lembrava-se das mulheres a dizerem já não era vida, a sussurrarem ainda foi depois do filho. Lembrava-se de, nos momentos em que conseguia ficar sozinho na sua cadeira quieta, pensar no avô. Perante o seu corpo deitado e então morto, pensava no rosto imóvel do avô. Perante o seu corpo deitado e então morto, pensava no rosto imóvel do avô, no olhar imóvel, diante da capoeira; e Salomão compreendia o que era aquele silêncio em todo o corpo, aprendera a

compreendê-lo durante todas as manhãs dos seus seis anos. E Salomão pensava na luz que assentava na pele do avô nos dias em que brincava com ele, à volta dele, como se ele fosse um boneco ou uma árvore. E pensava na véspera desse dia, lembrava-se de ter regressado das brincadeiras no quintal e, ignorante de tudo o que iria provocar, nem assustado, nem grave, ter dito o avô parou de respirar. E, com seis anos, Salomão não percebia qual era a diferença entre o avô respirar ou não. Diante do seu corpo, no seu velório, Salomão pensava que a mãe o tinha deitado na cama, como fazia todas as noites, e não percebia porque vinham as pessoas vê-lo, e diziam coitadinho, e sussurravam foi uma caridade. De tudo se lembrava, mas recordava com uma nitidez absoluta, perfeita, nítida, o olhar crescido daquele menino que era seu primo. Este é o teu primo, dizia a sua mãe e, lá atrás, os homens atiravam pazadas de terra sobre o avô. As pessoas apertavam-se no corredor grande que levava à saída, ao portão alto e pesado e negro, o portão que chegava ao céu. Disse este é o teu primo, e não disse bom dia à mãe de José, não a olhou, de propósito. A mãe de José era um lugar negro, de negro, era o lugar vazio de um gesto nas mãos, de uma expressão nos lábios, de um olhar nos olhos. A mãe de José era um nevoeiro muito fundo, muito frio e muito espesso; era uma mulher morta, um respirar de morto, pele de morto, sem rosto, sem olhar, com noite no olhar. E, nessa manhã, as mulheres ignorando-se mutuamente, e os rapazes sem que tivessem alguma coisa a dizer, caminharam os quatro, em silêncio, devagar, até à campa de José. A mulher dele permaneceu vergada, abstracta; o filho baixou o olhar e juntou as mãos sob a barriga; a irmã tirou um lenço do bolso e passou-o pelas letras do nome; Salomão olhou-os. E quando a mãe o puxou pelo braço, quando chegaram ao portão do cemitério, ainda José e a mãe estavam parados junto da campa. Salomão levantou-se subitamente da profundidade destas memórias. De repente, sentiu todo o sol e todo o calor como um aconchego. Estava já próximo de casa. Lembrou-se uma vez mais de José. E prosseguiu, descansado, satisfeito, criança.

A mulher de Salomão tinha puxado a sua mãe para a sombra. E, enquanto a cozinheira viúva reorganizava os seus cozinhados dementes de terra e pedras e ervas e paus, a sua filha parou-se a vê-la. Estava muito velha. Tinha a pele da cara enxovalhada numa massa espessa de pregas; não tinha dentes, mas, por repetir permanentemente as suas conversas, tinha a língua retalhada pelas gengivas; tinha as mãos descarnadas; e os seios, sabia-o a filha por ser ela a dar-lhe banho, eram dois sacos de pele longos e vazios. Estava muito velha. Quando o sol se começava a pôr, dizia o velho Gabriel que a cozinheira já devia ter mais de cem anos. Na sua opinião, era a pessoa mais velha da vila depois dele. O velho Gabriel era a única

pessoa que a visitava. E, apesar de ter, pelo menos, mais de cento e trinta ou cento e cinquenta anos, o velho Gabriel chegava um pouco antes do fim da tarde. Como se não sentisse o caminho distante do monte à vila, chegava folgado, com um molho de folhas de couve ou de espinafres, ainda viçoso, debaixo do braço. A mulher de Salomão punha-lhe um banquinho, um mocho do lume, no quintal, e ele sentava-se a ouvir e a ver a cozinheira viúva. Não lhe dizia nada, pois sabia que ela estava fechada dentro de um tempo passado, e porque não tinha realmente nada a dizer-lhe. Por hora do sol-pôr, a mulher de Salomão entrava no quintal, equilibrando com ambas as mãos um copo de água. O velho Gabriel bebia-o, sôfrego, num instante longo em que só isso acontecia. Ao devolver o copo, dizia qualquer coisa; normalmente, dizia a tua mãe já deve ter mais de cem anos; depois de mim, é a pessoa mais velha da vila. A mulher de Salomão dirigia-se para dentro de casa, ele seguia-a. Atravessavam a cozinha e ela abria a porta da rua. Antes de abalar, o velho Gabriel dizia até amanhã e, pela rua deserta, seguia sozinho. Dizia até amanhã, porque se viam todos os dias. De dois em dois dias, ela ia ao monte lavar e limpar a casa dos ricos; nos restantes dias, vinha ele à vila visitar a cozinheira viúva. Erguendo o olhar e pousando-o, como uma folha morta, na terra, a mulher de Salomão lembrou-se de que também nessa tarde iria cansar-se até ao monte. Entrou na cozinha, organizou o prato, a colher e o pão. Esperou um instante que já conhecia. E, sem se assustar, sentiu Salomão sacudir o trinco da porta.

Não me lembro ao certo dos outros pensamentos que tive, mas a verdade é que, assim que acordei, ainda não me tinha levantado e os lençóis estavam mornos, a primeira coisa em que pensei foi no seu rosto. Tem no olhar, ao mesmo tempo, o cansaço macerado do Elias e o vigor ingénuo do Moisés, o silêncio do Elias e a voz do Moisés. Reparei nisso ontem, quando ela se aproximou de mim, trazendo-me um copo de água e um olhar que sorria e que era triste. Quando lhe arranjei trabalho na casa dos ricos, olhou-me dessa mesma maneira. Nesse dia, os filhos do doutor mateus apareceram aqui de surpresa e eu não reconheci os meninos naqueles homens engravatados, a falarem bem e a olharem-me desconfiados. Perguntei-lhes pelo doutor mateus, e tinha morrido; perguntei-lhes pela senhora, e tinha morrido. Diziam que vinham conhecer o monte. Espantei-me de o não conhecerem já, pois tinham nascido aqui, mas calei-me porque conheço o tamanho curto da memória dos homens. Quiseram ver o jardimzinho, pois, segundo eles, a senhora passara os últimos anos da sua senilidade a falar dele; quiseram ver o rebanho de ovelhas; desinteressados, viram também a horta e, antes de partirem pelos campos a conhecer as searas, quiseram entrar na casa a que chamavam sua. A mãe do José estava fechada lá dentro. Bati à porta da frente. Bati com os punhos. Bati com as palmas das mãos. Os filhos do doutor mateus olharam-me. Disse-lhes ela deve estar a chegar. E dei uma volta à casa, a bater em todas as janelas e em todas as portas. E dei outra volta à casa. Esperámos. Ouvimos uns passos muito ténues aproximarem-se. E ela abriu a porta. Era o seu olhar o de um cadáver. A pele era branca, branca a sobressair do preto profundo do seu luto. Era o seu olhar de uma escuridão intensa. Tinha os cabelos despenteados e cinzentos. Entrámos, e todas as janelas estavam fechadas. Respirávamos um ar cativo, um ar que estava ali há muito tempo, que me fazia recordar a presença do doutor mateus e da senhora. Havia pó sobre os armários e as mesas e todos os móveis, e era o pó como uma segunda pele nos objectos. Teias de aranha, grossas como naperons de renda, atiravam-se suspensas nos cantos das paredes e atravessavam os corredores. As tábuas do soalho suspiravam

ou gemiam à nossa passagem. Os filhos do doutor mateus olhavam-se aterrorizados, sem, no entanto, dizerem nada. E, à medida que avançávamos na casa, começámos a sentir um cheiro cada vez mais forte a podridão. Era como o cheiro de um animal morto a decompor-se, e caminhávamos para ele. As fendas nas paredes traçavam raios finos diante de nós; e, quando entrámos no corredor maior, apercebemo-nos de que era daí que vinha todo o cheiro. Diante da voz que está fechada numa arca, estava um banquinho; e à volta, por todo o corredor, havia montes altos de excrementos, ora secos, ora frescos; e o cheiro a urina e a fezes era sólido e nauseabundo. À excepção do mais novo, os filhos do doutor mateus tinham lenços a tapar a boca. E foi o mais novo que não conseguiu reprimir um arranque, e vomitou um jorro aguado sobre o corredor maior. Saíram a correr, e quando os apanhei na rua, recuperando ainda o fôlego, um deles disse-me queremos que arranje outra pessoa para tratar da casa. Queremos que a casa se mantenha como quando os nossos pais eram vivos. Nesse dia, falei com ela. Ainda não estava casada com o Salomão e começou a trabalhar no dia seguinte. Vem cá de dois em dois dias. Logo à tarde, depois do almoço, aparecerá na entrada do monte, dir-me-á um boatarde sumido e prosseguirá. Hoje acordei e pensei no seu rosto.

Tinha feito dezassete anos há uma semana quando fiz pela primeira vez este caminho. Logo nesse dia, atentei nesta oliveira em que reparo agora. Não é uma oliveira especial ou diferente das outras, mas nesse dia tudo era especial e diferente. Reparei nesta oliveira. Hoje, reparo nela, por me lembrar desse dia. Na véspera, o velho Gabriel tinha-me dito que havia trabalho para mim no monte, e nessa noite dormi descansada. Ele disse-me para ir só de tarde e, como hoje, também nesse dia estava este sol a arder rente à pele. Pelos anos, a mulher do tiago tinha-me dado três saias que já não lhe serviam e um lenço de que não gostava. Escolhi o lenço da mala, passei-o a ferro e ateio-o na cabeça. Estreei-o então: cheirava a novo e era macio: estreei-o; e ainda hoje o levo: desbotado, ruço, áspero. A distância pareceu-me mais curta do que me parece hoje e, quando cheguei ao monte das oliveiras, o velho Gabriel deixou o que estava a fazer e foi comigo. Dirigimo-nos para a casa dos ricos e, quanto mais nos chegávamos, mais a casa crescia aos meus olhos. O velho Gabriel mostrou-me quais eram as chaves e, enquanto se esgadanhava por forçar a fechadura enferrujada com uma chave enorme, a mãe do José espreitava-nos escondida no seu próprio vulto. Um olhar, ao mesmo tempo, desolado, ameaçador e de medo. Entrámos. Os reflexos do sol nos olhos demoraram a dissimular-se naquela escuridão absoluta, mas, à medida que fui vendo, apercebi-me de que era aquela uma casa muito rica e

abandonada. O velho Gabriel avisou-me para tapar a boca e o nariz. Tirei o lenço da cabeça e entrámos no corredor maior. Calado, o velho Gabriel parou-se a olhar, como se olhando mostrasse, como se mostrando explicasse. E, de repente, a voz que está fechada dentro de uma arca disse: o vento passa e permanece nas folhas que ainda tremem depois dele; nenhum homem pode deter o vento, porque todos os homens são uma parte do vento. Afastámo-nos do corredor maior e o velho Gabriel disse não tenhas medo, não é mais do que uma voz. Passei essa tarde a acartar baldes cheios de morraça. Arrojava a pá no chão, atravessava a casa com um balde em cada braço e despejava-os no carro de mão. Quando o carro estava cheio, levava-o até à horta e dispunha-o num monte de estrume que o velho Gabriel havia de aproveitar. Com o lenço da cabeça atado à volta da cara, a tapar-me a boca e o nariz, parei por diversas vezes a escutar a voz que está fechada dentro de uma arca e percebi um pouco porque é que a mãe do José tinha querido passar ali tanto tempo. Numa dessas vezes, ouvi a voz que está fechada dentro de uma arca dizer: talvez haja uma luz dentro dos homens, talvez uma claridade, talvez os homens não sejam feitos de escuridão, talvez as certezas sejam uma aragem dentro dos homens e talvez os homens sejam as certezas que possuem.

Nessa tarde, conheci o José. Tinha acabado de prender as ovelhas no redil e vinha na minha direcção. O seu olhar era firme, quase feroz; meigo, como o de um filho; envergonhado, por ser o olhar de um pastor todo o dia entre as ovelhas e longe dos homens; nítido. E ao dizer boa tarde, já sabia quem eu era. Esperei talvez um instante, respondi boa tarde, e também eu, também eu sabia quem ele era. Durante uma semana, não fiz outra coisa no monte senão tirar porcaria do corredor maior. Passava muito tempo sentada diante da voz que está fechada dentro de uma arca, a ouvir. E, ao fim da tarde, na hora em que me preparava para voltar a casa, chegava o José e dizia boa tarde. E essas palavras simples eram tanto e cada vez mais. Boa tarde, como um pouco daquela claridade em declínio, como todo o silêncio do sol-pôr e da terra debaixo daquela luminosidade efémera e, no entanto, perene. Boa tarde, e muitas palavras no seu rosto, e eu a respirá-las como a uma aragem. Boa tarde, e o céu. Depois, ao regressar, a extensão toda das planícies, a profundidade toda da luz, o lugar até ao horizonte e para lá dele, tudo era aquela voz a dizer boa tarde e a olhar-me, tudo era o seu rosto. Fazia o caminho todo até à vila e, no momento em que entrava em casa, anoitecia. Dirigia-me para o quintal e a minha mãe ainda estava onde a deixara. No meio da terra do quintal, tinha construído talvez uma torre muito alta; ou uma árvore com todas as suas folhas; ou mais um daqueles rostos que, sendo da mesma pessoa, umas vezes sorriam, outras choravam, umas

vezes tinham toda a vida e toda a alegria, outras vezes estavam mortos e possuíam a expressão única da tristeza eterna. Nesses primeiros tempos, porque a casa precisava, ia lá todos os dias. E, antes de adormecer, para lá das palavras intermináveis que a minha mãe moldava no silêncio, só via o José a chegar do campo e a olhar-me, a olhar para mim, a ver que eu o via, a olharmo-nos.

Para quem sabe conhecer, este calor é soturno. Este sol intenso é um afago fúnebre na pele. Esta luz é a vida, ela própria, a consumir-se. Para quem sabe conhecer, este verão imenso é negro: negro atrás da luz, negro atrás do sol, negro atrás do calor. E é neste verão que ela vem, caminha pela estrada, e as forças são poucas, todo o cansaço. E a imposição de viver obriga-a a caminhar, a prosseguir, resguardando-se nas poucas sombras da estrada; e todo o calor, e toda a luz é uma sombra. E a tristeza é o seu olhar durante o caminho, os seus olhos a fixarem a terra. A tristeza será o seu olhar no momento em que ali surgir à entrada do monte. E, sobre a terra, na tarde, dentro da luz, a carregar uma morte pesada e dolente, passará direita à casa dos ricos. Não me verá, como não verá o silêncio das malvas à sua passagem. E, gastando-a, o tempo continuará. À saída, um pouco antes de o José prender as ovelhas ou um pouco depois de o José entrar em casa, dirigir-me-á um olhar piedoso e, como sabe que amanhã vou visitar a mãe, dir-me-á até amanhã.

Mas hoje não precisará de escolher um momento entre os momentos, porque hoje o José não foi para o campo. Fui eu que levei algum feno às ovelhas e lhe mudei a água. A janela do quarto do José esteve fechada todo o dia. Há um sossego distante, do tamanho inteiro de um homem. Farrapos rasgados de nuvens passam lentamente. A luz faz brilhar todas as coisas e todos os olhares dos bichos e todas as folhas nas árvores e todas as pedras. Sou velho e sei. Este sol mostra-nos mais as ruínas. O que vemos é o que ficou. Apenas nos foi oferecido o que desejámos para, nessa mesma ocasião, nos tirarem definitivamente isso que foi um sonho. Este sol mostra-nos o nosso próprio desespero impossível. Para quem sabe conhecer, este sol é a mão que nos afaga e nos mói. Este sol é a canção cantada pela nossa mãe para nos adormecer, e que nos desperta na escuridão insuportável de já não termos mãe e de ficarmos nesta solidão tórrida e sem esperança. Para quem sabe conhecer, este verão é negro. Para quem sabe conhecer, este calor é soturno.

Depois de Salomão desaparecer no seu caminho de volta a casa, depois dos primeiros sons da noite, José regressou com o rebanho.

Ouviam-se as pernas curtas das ovelhas a tropeçarem nas pedras, ouviam-se os seus passos rápidos, como uma saca de batatas miúdas entornada sobre o tampo de uma mesa. A noite era uma melancolia arrastada, era um véu de mármore negro a envolver os campos e dentro de José. Desembaraçou os arames da cancela, esperou que as ovelhas entrassem. Os seus gestos eram ausentes de si próprios, pois não existiam em nenhuma memória. O olhar de José era grande. A cadela velha, velha, velha, afastou-se. Na lonjura, ouviam-se as estrelas e a paz inatingível das cigarras. José contornou o curral. Chegou atrás das manjedouras e encostou o cajado, e pendurou o saco que trazia ao ombro num prego, e despiu a pele preta de borrego, e a camisa. E lembrou-se de todas as palavras de Salomão. É verdade, José? As palavras e a voz, ingênuas. Não é verdade, pois não? A cara do primo e o desgosto verdadeiro de José, aquelas palavras e a mágoa de José espalhada por toda a planície e por tudo o que era o mundo. Sei que não. Em tronco nu, os seus olhos foram maiores que a noite, e todas as estrelas se lhe reflectiram no olhar. Segurou a corda que estava presa numa cancela e volteou-a num arco sobre o ombro esquerdo. Nas costas, primeiro, traçaram-se vergões roxos donde brotavam pontinhos vermelhos; depois, começou o sangue a cair em riscos direitos, alternados apenas pelo bater ritmado; por fim, eram as suas costas uma cortina inteira de sangue, e a corda levantava salpicos ao tocá-las. José permanecia de olhos abertos. A força do braço era constante. A corda rasgava o ar num uivo e estalava-lhe nas costas. José trocou de braço e continuou até as mãos lhe tremerem. Pousou a corda. Botão a botão, vestiu a camisa sobre o sangue. Vestiu a pele preta de borrego. Entrou em casa. Passou pela mãe que estava ao lume e não falaram. No quarto, deitado sobre a cama, na escuridão, José olhava o tecto e todo o sol que conhecia.

Saiu o aprendiz, saiu Salomão, e o mestre Rafael continuou a deslizar a plaina pela tábua que iria ser o aro de uma porta. Com a sua única mão, deslizava a plaina e a madeira ficava lisa e certa. Mesmo quando os dias se tornavam maiores, o mestre Rafael ficava sempre a trabalhar até à última réstia de luz e, naquela tarde, estava tão fechado nos seus pensamentos que nem ouviu Salomão dizer até amanhã, nem ouviu o aprendiz perguntar posso sair, que a minha mãe está à minha espera para eu ordenhar as cabras?, nem se ouviu a si próprio a responder vai lá. E quando, num intervalo de duas lembranças, despertou e se apercebeu de que estava só, sorriu perante a sua descoberta e aproximou-se da janela. Era uma janela muito larga, com os vidros baços de serradura, e estava aberta. Firmou-se no parapeito e, com o seu único olho e o seu único ouvido, bebeu toda a claridade e toda a sinfonia do ocaso. A serração não tinha muros, e a paisagem estendia-se pelas herdades do doutor mateus, por uma seara mansa que terminava num cabeço dourado onde o sol, entre as espigas, desaparecia. De dentro do calor, nascera uma aragem amena, e era essa respiração que passava pelo trigo em correntes que alastravam, como as ondas circulares de uma pedra atirada à água. Todo o céu, enorme, grandioso, afunilava-se de encontro ao sítio onde o sol tombava, calcinado e moribundo, querendo também ele descer a essa cova e, por fim, libertar a noite na sua vez. Numa mistura compacta de movimentos opostos, como um lençol de corpos atirados num turbilhão, aproveitando os últimos caminhos do dia, os pardais revolviam no ar uma explosão de piares. O crepúsculo. E, por dentro, o mestre Rafael era maior. Pensava na prostituta cega. E, ali, a superfície inteira do céu não era senão um gesto dela; a aura do sol sobre todo o horizonte da terra não era senão um cabelo dela; os pardais na sua melodia de mil vozes não eram senão o início de um suspiro dela; a distância infinita da planície não era senão a pele suave da ponta de um dedo dela. Pensava, e os seus pensamentos pareciam-lhe mais verdadeiros do que pensamentos, porque sabia que, nesse serão, iria visitá-la. Lentamente, a noite tocou a terra; e, só nesse

instante, o mestre Rafael continuou. Apoiou-se na muleta e fechou as janelas, fechou as portas. A muleta tinha sido feita pelo pai uma semana antes de morrer. Era leve, forte e não magoava debaixo do braço. Tinha substituído outra mais pequena, que tinha substituído outra mais pequena, que tinha substituído outra mais pequena. Mas, agora, o mestre Rafael era um homem e não iria crescer mais; e, quando às vezes se sentava a olhá-la, parecia-lhe aquela muleta mais resistente que as coisas eternas, tal tinha sido o cuidado com que fora feita e tal tinha sido a estima que lhe dera ao longo dos anos. Fechou o portão, batendo-o num estrondo de trovoadas. Caminhava para casa. Acompanhava-o o som único e repetido do picar da muleta na terra, e as vozes das pessoas sentadas à porta a cumprimentarem-no. Passou pela casa de Salomão, ao lado da casa do homem que está fechado num quarto sem janelas a escrever, e como sempre fazia, ao ouvir o ruído da muleta, ainda sujo de maravalhas e serradura, Salomão saiu à rua e disse até amanhã. O mestre Rafael levantou levemente o olhar e prosseguiu. Quando chegou à sua porta, abriu-a, fechou-a, e não acendeu o candeeiro de petróleo. Sabia o lugar de tudo. Agarrou um naco de pão duro e, com a navalha, como se fosse cortiça, retalhou-o em fatias para dentro de uma tigela; como tinha a cafeteira meia do que sobrara da manhã, regou-as com café frio; e sentou-se à mesa a engolir colheradas cheias de sopas de pão e café. No fim, levou a tigela à boca e sorveu o caldo, repleto de migalhas, e isso para ele era o melhor. Ficou um instante só a sentir-se confortado, arrotou e levantou-se. Encheu a bacia do lavatório. Era um lavatório de ferro pintado, com um jarro de esmalte em baixo, um espelho pequeno em cima, uma bacia ao centro, um sítio para o sabão e um braço curto de ferro para a toalha. Despiu-se completamente e organizou a roupa na cadeira do quarto. Voltou à cozinha e, diante do lavatório, na escuridão, lavou o braço até ao cotovelo, lavou a cara, o pescoço, ensaboando-se muito bem. Limpo e fresco, de novo no quarto, vestiu a roupa que, fosse verão ou inverno, sempre vestia nas noites em que visitava a prostituta cega: umas calças castanhas de fazenda, com a perna direita dobrada e presa com alfinetes de ama; uma camisa branca e um casaco cinzento, com as mangas direitas dobradas e presas com alfinetes de ama. Passou os dedos por entre os cabelos, a desfazer a forma da boina, e saiu.

Caminhei na noite. Os lugares por onde passei e que me levaram a ela não eram as ruas. Os meus pés pisavam a terra seca e o pó, mas eu não era isso, e eu avançava na noite. E o que agora digo assim, noite, era um silêncio fresco, negro e necessário; envolvia-me, e eu talvez flutuasse. Não eram as ruas. No entanto, se procurar na memória, sei

que encontro essas ruas que vão da minha casa à casa dela, sei que encontro a cara das pessoas a verem-me bem vestido e a dizerem-me boa noite num sorriso a querer dizer-me outras coisas, sei que recordo as estrelas lá em cima numa indefinição. E tudo isso em que não reparei, mas que me chega como uma lembrança esquecida, contada por alguém a afiançar que foi assim, aconteceu antes da única coisa que aconteceu verdadeiramente nessa noite, na minha vida. E todo esse tempo antes parece-me ter perdido o sentido. Desceu uma nuvem dentro desse tempo antes, ou estive sempre dentro de uma nuvem nesse tempo antes. Dentro de uma nuvem aprendi as cores desbotadas da névoa e acreditei que a terra era de castanho baço, que as ervas eram de verde baço, que a luz não existia. E nos últimos instantes desse tempo antes de tudo, ignorante e cego, caminhei na noite. Subi os últimos degraus da noite. Quase a chegar. Sem saber. Antes.

Bateu muito levemente na porta. Pousou muito levemente o punho na porta. Deixou apenas o som do punho a tocar na porta. Não se ouviram os passos da prostituta cega. A porta abriu-se. Ele procurou-lhe o rosto, mas ela entrava já pela penumbra da cozinha. O seu corpo, fino, era uma sombra debaixo da luz do candeeiro que tinha acendido para ele. A prostituta cega não tinha mais do que trinta e poucos anos. Diziam as pessoas que era trineta de uma baronesa. Toda a gente tinha ouvido dizer a alguém que tinha ouvido dizer. Ao certo, sabia-se que herdara a cegueira e o ofício da mãe, que herdara da avó, que herdara da bisavó. A prostituta cega tinha um rosto franco, de traços puros, e triste havia dez anos. No dia em que a mãe morrera, dez anos antes, não chorou. Nesse dia, pela primeira vez, levou os dedos às covas dos olhos e tentou assim descobrir o que era ver, o que era chorar. Nesse dia, soterrado por dez anos de luto, sentira um alívio no último fôlego da fraqueza da mãe, sentira uma desorientação grande nas mãos, depois, ao andar perdida pela casa que sempre conhecera, de parede em parede. E nesse dia, havia dez anos, ainda não tinha passado uma semana da manhã em que a mãe acordara com as cicatrizes antigas das costas e do ventre raiadas de pequenas gotas de sangue. A manhã em que a mãe se levantara e lhe dissera preparame a cama para morrer. E, com muito medo, numa rapidez sôfrega, a filha limpava-lhe as cicatrizes com toalhas, e novas gotas de sangue fresco substituíam as anteriores no seu exacto lugar. Passaram noites. As cicatrizes abriam-se lentamente, como chagas que fossem acabadas de fazer. O sangue aumentava. E a filha pousava toalhas sobre as feridas, e só as tirava quando começava a sentir o calor do sangue nas mãos. Ninguém as foi visitar nesses dias. E, na véspera de morrer, a mãe reuniu as poucas forças para passar as palmas das mãos na face

da filha, devagar, a vê-la. No quarto, havia sangue coalhado nas paredes, no chão, e todo o quarto cheirava a sangue. O sangue corria já como um rio descompassado na pele quando parou de repente. A filha não disse nada num momento. A mãe deixou de respirar. O mestre Rafael fechou a porta da rua e seguiu-a para o quarto. Havia dez anos, a mãe da prostituta cega tinha morrido naquela cama, fria, branca, sem um resto de sangue no corpo.

Primeiro ela, depois ele, sentaram-se na cama. A única luz era a que chegava da cozinha. O mestre Rafael não precisou de vê-la para perceber que havia novidades. Ela apontava o rosto numa direcção de cega, para um lugar onde não estava nada nem ninguém. O quarto cheirava a fechado, a vergonha. Ele depôs a mão dentro das mãos dela e, sem dizerem uma palavra, percebeu por um aperto muito ténue e morno que algo os iria ligar para sempre. E toda a eternidade se apoiou nesse instante. Todo o silêncio. E, quando ela levou a mão do mestre Rafael e a assentou, sobre a roupa, no seu ventre, os lábios dele desfizeram-se num sorriso, talvez um sorriso, e o seu olhar imenso procurou-a. Ela não sorria. E só quando ele, numa voz de criança, disse vamos casar, a sua expressão grave, mas serena, se dissipou num ligeiro aceno de alegria singela e sincera.

Caminhei na noite. Ao regressar a casa, imaginando o que seria avançar naquelas ruas com a certeza de que ela me esperava, caminhei na noite. Imaginando tudo igual, a vila adormecida, o fresco, a calma, mas com uma certeza enraizada e natural. Era assim que eu via a vida dos homens casados. Uma certeza a mais, profunda, segura. Uma certeza. Ela iria esperar-me, a minha mulher iria esperar-me, e o menino estaria a dormir, o meu filho estaria a dormir. Eu avançaria na noite, sabendo tudo isto, tendo esta certeza. E ali, atravessando o descanso da vila, todos os sons, os grilos, a lua cortada, os cães a ladrarem, os cães a responderem-se de um extremo ao outro da vila, os cães a uivarem, tudo isso me era absolutamente exterior, tudo isso era uma realidade distante, talvez impossível, depois da minha pele e do meu olhar. Mas, quando passei pela fonte pequena que está no princípio da rua do Salomão, o ruído da água a escorrer da bica, a cair na pedra, entrou no que em mim era noite e fez-me parar. Encostado a uma parede, numa mistura de vozes e lembranças, ouvi mulheres a falarem, homens a gritarem ao longe, crianças a cantarem numa lengalenga sem fim; ouvi aleijado, ouvi aleijadinho, ouvi metade de homem. Ouvi ou recordei. Quis esquecer. Apoiei-me de novo nas muletas e prossegui, enganando-me, pensando como isso era pouco, nada, como isso iria acabar no dia em que me casasse com ela, no dia em que o nosso filho nascesse. No silêncio, abri a porta de casa e,

fechando-a, devolvi a casa e o mundo ao silêncio. Devagar. A escuridão grande. Sentei-me numa cadeira e quis muito que o meu pai estivesse vivo. Pai, vou casar-me. Pai, vou ter um filho, vais ter um neto. Pai, estou feliz.

A cozinha, além das portas, tinha uma única janelita que dava para o quintal. No momento em que a manhã surgiu com os seus sons e com a pressa da sua claridade, foi por aí que entrou. O mestre Rafael estava ainda sentado na cadeira onde ficara quando chegou da casa da prostituta cega. E o quadrado de luz que passava pela janela alastrava num longo rectângulo que se estendia no chão, que tocou os pés do mestre Rafael, que lhe subiu pelas pernas, pelo tronco, até ao rosto. Era o seu olhar o de quem pensou em muitas coisas. Estalando-lhe as juntas dos joelhos e da espinha, levantou-se. No quarto, vestiu a roupa de trabalho. Não ateou o lume, não bebeu o café e saiu. Na rua, sentia que a aurora o saudava. Na nitidez de tudo, a cal era mais límpida, a terra e o pó e as pedras eram mais frescas. Quase adormecidos, cães lânguidos olhavam o mestre Rafael. Andorinhas passavam a rasar o chão, como disparos de uma fisga inofensiva. E o mestre Rafael ora se firmava na muleta de madeira, ora se firmava na perna; e a sua forma cambaleante de andar pareceu-lhe mais estável e certa nessa manhã. Quando chegou à serração, havia uma aura sobre o telhado e sobre o pátio em que não reparou. Ninguém o esperava junto do portão. Ninguém tinha ainda chegado. Sobre as maravalhas e a serradura, passou entre a mesa e os bancos e foi abrir a janela. O ar fresco, a respiração fresca. E, pela primeira vez, uma voz dentro dele disse-lhe ela faz favores a tantos homens, perguntou-lhe e se o filho não é meu? E logo após, sem um instante mediador, teve vergonha da sua fraqueza. Aproximou-se do banco e segurou a plaina. As tábuas do aro da porta que andava a fazer estavam onde as deixara na véspera, mas com mais tempo, com uma camada de tempo sobre elas, como uma camada de pó. Começou a aplainá-las. Pouco depois, apareceu o aprendiz. Bom dia. Pouco depois, apareceu Salomão.

O aprendiz esteve toda a manhã a recolher do chão da carpintaria restos de ripas, que depois transportava para um monte no pátio; e a juntar, com uma pá de madeira, montinhos de serradura e maravalhas sobre um panão, que segurava depois, unindo os quatro cantos na mão direita, e carregava às costas para o monte maior do pátio: uma pequena montanha de serradura. Quase todos os dias aparecia alguém com uma saca vazia, a pedir e a levar a saca cheia de maravalhas para fazer a cama dos coelhos nas coelheiras; todas as semanas, aparecia o padeiro a conduzir a carroça de pé e a levá-la cheia de restos de ripas e tábuas sem proveito para os trabalhos de carpintaria e boas para

arderem no forno do pão. Mas ninguém conseguia dar conta do monte de serradura e do monte de ripas, tal era a actividade da serração, e os montes cresciam direitos ao céu. O mestre Rafael e Salomão estavam no pátio. Atrás deles, passava o aprendiz, lesto quando ia carregado, vagaroso depois de se soltar do carregado. O sol era já quente, como de tarde, e levantava no chão de cascas de pinheiro uma névoa incandescente, como o rumor de uma combustão, como água, como um vidro que fosse transparente e fosco. O mestre Rafael segurava a sua ponta da serra, e naquela mão tinha mais força do que a maioria dos homens nas duas. Do outro lado da serra e do tronco que cortavam, com o suor a descer-lhe pelo rosto, Salomão fez sinal de que queria beber água. Inclinou a bilha até encher o corcho e, enquanto o mestre Rafael se aproximava devagar, bebeu com fartura. Depois, baixou-se novamente, encheu de novo o corcho e entregou-o ao mestre Rafael. Este recebeu-o e disse quero dizer-te uma coisa. E levou o corcho à boca, tapando toda a cara até ao olho cego e ao olho fixo em Salomão. O olhar dos dois homens ficou ligado por um instante. Descolando o corcho da boca, entornou uma réstia de água, enfiou-o no gargalo da bilha e, endireitando-o, disse vou casar-me com a prostituta cega. Salomão era um cachopo a sorrir, pousou-lhe a mão no ombro e felicitou-o. Também o mestre Rafael sorriu.

O corpo não me pediu para dormir esta noite. Deitei-me na cama, mas os olhos não se fecharam. Fiquei na luz que me encheu: desde o céu, desde o sol, uma luz a rasgar a noite e o telhado e o meu peito, uma luz a cegar-me de tudo o resto. Com as pernas estendidas, com os braços estendidos, sem os sentir, estive deitado. Penso: talvez a dor exista para nos avisar de um sofrimento ainda maior. Nas costas, debaixo da roupa, sinto dor em carne viva. Penso: a dor existe para nos avisar de uma dor maior. E durante toda a noite, durante todo o dia, a minha mãe esteve, está, ao lume. Como se estivesse frio, como se vivesse num inverno que não termina, está muito quieta, muito próxima das brasas, com a luz das chamas a iluminar-lhe o rosto e as cismas. E às vezes revolve as brasas com a tenaz, aviva-as com o abanico; às vezes, encosta uma panela ao lume, pouisa uma panela sobre a trempe; às vezes, levanta-se e vai buscar lenha: chamiços, achas, madeiros: lenha que acarta toda curvada, mas rápida, porque nunca se afasta do lume por mais de um fôlego. E fica, encolhida num luto nocturno, hipnotizada, como se o seu corpo pequeno e magro e fraco e frágil absorvesse todo aquele fogo, como se vivesse num inverno que não termina, como se estivesse frio. E lá fora, depois das paredes, o sol arde, como arde aqui no meu silêncio; o sol, inclemente, seca as ervas, a pele, as esperanças. E no entanto, mãe, sabes que te compreendo. Ainda que não o diga. Ainda que não o digas. Sabes que, quando passo por ti e me olhas com a súplica do teu olhar, me apetece ameigar-te como dantes, me apetece segurar-te as mãos como quando me puxavas para o colo e eras tanto minha mãe, como quando era pequeno. Mas hoje, quando passo por ti, já não sou a criança que chamavas com os braços estendidos; hoje, homem e indiferente, sou aquele que passa por ti e finge não ouvir os lamentos do teu olhar. E, no entanto, sabes que te compreendo. Entendo o teu frio glacial no meio de agosto, o teu luto a enfraquecer-te, fraca, fraca. Como te entendi na noite em que me preparava para ir ter com ela à vila, e me olhaste, com o corpo morto e a sombra, me olhaste, sem palavras, dizendo não vás. E entendi-te nessa noite em que ela me esperava, em que o entusiasmo me parou nas veias, e escutei-te, e larguei as mãos, e

entrei neste quarto solitário, e deitei-me nesta cama solitária, onde agora estou sozinho. Mãe, estás ao lume e tremes de frio, como tremem geladas as brasas a arder, e lá na distância onde és o espelho da noite sabes que nunca te odiei. Sou teu filho e teu reflexo. E, lá fora, o pátio dourou-se da luz do sol poente, e ela atravessa essa luz. Abandonada, de lenço na cabeça, olhar baixo, não interroga já o mundo. O velho Gabriel diz-lhe até amanhã. Falta pouco para a claridade se estender no seu féretro negro. E, aqui, dentro do que me envolve, permaneço num meio-dia quase perpétuo, numa solidão inviolável.

O velho Gabriel disse-me até amanhã, e não fui maior que um pedaço invisível da tarde a tocá-lo. Deixando-o mais, prossegui. O caminho entre as planícies levou-me aonde estou agora. Na estrada do monte das oliveiras, os meus passos. Já longe do monte e ainda próxima da tarde inteira que passei na casa dos ricos. E, aqui, cruзо-me comigo própria, depois de almoço, a ir para o monte. Vejo-me vir na minha direcção. Vou para o monte. Venho do monte. Venho do monte e vejo-me a ir para o monte. Vou para o monte e trago na memória o rosto do Salomão a comer e a sorrir sem motivo; trago na memória o Salomão a pedir-me uma agulha, a levantar uma mão grossa de encontro à luz e, com o bico da agulha, a esgravatar na pele do dedo e a extrair uma lasca de pinho. Foi isto que o Salomão fez durante o almoço e foi nisto que pensei. Passo por mim. Passo por estes pensamentos. A torrinha do sol faz-me suar. Atravessava a hora do calor. Quando chegar à casa dos ricos, vou limpar o pó e varrer e abrir as janelas dos quartos de cima e, depois, vou sentar-me no corredor maior diante da voz que está fechada dentro de uma arca. Foi isto que fiz. Passo por mim. Passo por estes pensamentos. Arranjei a casa em meia hora e passei o resto da tarde a ouvir a voz que está fechada dentro de uma arca. Ouvi-a dizer muitas coisas, mas prestei mais atenção quando disse: a dor existe para nos avisar de um sofrimento ainda maior. Ouvi a voz que está fechada dentro de uma arca dizer estas palavras e vejo-me desaparecer na estrada, em direcção ao monte das oliveiras, para ir ouvi-las pela primeira vez. Aqui, onde estão os meus passos, o sol desiste aos poucos. Prossigo. Espera-me a vila, as ruas e as mulheres a conversarem miudinho depois de mim, espera-me a minha mãe sem o saber. E, ao serão, falando para si própria, vou ouvi-la repetir a sua história infinita. A sua história pesadamente eterna, não por nunca acabar, mas por ser constante, por não haver uma pausa que distinga o fim do início. Ao serão, vou ficar só a ouvi-la, como naquela noite em que não dormi e em que, no dia seguinte, as janelas e as portas da casa do José estavam fechadas,

como estiveram hoje. Foi no primeiro abril que passei a trabalhar na casa dos ricos. Nesse fim de tarde, ameno como este, o José chegou do campo quando eu ia a sair. Parámos a olhar-nos. Disse boa tarde, e a sua voz era um pouco daquela luz suave. Dentro do céu, sobre nós, passou uma cegonha muito lenta, de asas muito abertas, a voar, levando um ramo seco na ponta do bico muito comprido. E esse momento foi nosso e enorme. Olhando-me sempre, disse espera por mim, vou hoje buscar-te. E, nesse dia, não senti o caminho para a vila como hoje sinto a distância de cada passo. Cheguei a casa, trouxe a minha mãe para dentro e, no quarto, organizei uma trouxa. Já tinha escurecido, dobrava eu uma camisa, quando, através da parede, me pareceu ouvir chorar o homem que está fechado num quarto sem janelas a escrever. O fio permanente da caneta de aparo suspendeu-se por mais tempo do que é habitual, e pareceu-me ouvir cair duas lágrimas no tampo de uma mesa. Talvez sejam duas gotas de tinta, pensei. Na cozinha, aqueci a água da açorda e dei-a à minha mãe. Colher a colher, o rosto imaginado do José aparecia mais nítido no espaço real da porta. Olhando para o que pensava, às vezes não acertava na boca da minha mãe, e via-o, ouvia-o dizer vem comigo. Nesse dia, quando recolhi o pano da gola, estava mais sujo do que o habitual, tingido de caldo coalhado. Olhei muito a minha mãe e sorri, tentando contar-lhe a alegria. Levei-a para o banco ao pé do fogão, e aprumei-lhe a roupa no corpo, e penteiei-a com os dedos. Sentei-me. Pousei as mãos sobre as pernas. E ficámos à espera. E ficámos à espera. E o tempo demorava-se mais. Um instante daquela noite era uma noite inteira. Uma aragem, que ia e vinha, agitava a porta e eu tremia por dentro. E o tempo, sólido, entrava muito devagar, muito devagar, pelos meus poros. Há-de chegar, vem a caminho e há-de chegar. E o tempo. A minha mãe repetia as palavras que repetia e repetia, repetia o olhar e a respiração, o olhar e a respiração, a respiração sôfrega entre as palavras, o olhar, repetia, repetia-se a si própria até ser muitas, sempre igual, no mesmo sítio, num tempo repetido. E eu olhava as minhas mãos, não acreditando que estivessem vazias, não acreditando que alguma vez as tivesse podido imaginar senão vazias. E o candeeiro de petróleo envelhecia-nos. As sombras, fracas, condenadas, curvavam-se e, no chão, nas paredes, avançavam lentas, como fumo. Há-de chegar, vem a caminho e há-de chegar. E, talvez já muito tarde, a respiração da minha mãe tornou-se mais longa, as palavras ocuparam-lhe o sopro. Tinha a cabeça tombada para a frente sobre o pescoço. Dormia. Levei-a para o quarto. Estendi-a na cama. Descalcei-lhe os sapatitos, despi-lhe o vestidinho e tapei-a com os lençóis. Fiz-lhe festas na cara. Gostava que ele a tivesse visto, gostava de lhe ter mostrado a minha mãe, gostava de lhe ter dito esta é a minha mãe. E a sua pele, descansada e distante, tão serena sob os

meus dedos. Fechei a porta devagarinho. Soprei o candeeiro. Sentei-me. Pousei as mãos sobre as pernas. Sozinha, dentro da escuridão, esperei até ao início da manhã.

Não vás. E não fui. Ainda que todo o dia, toda a vida, tivesse esperado aquele instante, único entre todos os instantes, ainda que tivesse imaginado o mundo ao pormenor depois da fronteira pequena daquele instante, não fui. Não vás. Ainda que se tivesse levantado uma cegonha a planar como um abraço que nunca demos, mas que julgámos possível, ainda que todo eu a tenha olhado, ainda que lhe tenha dito espera por mim, hoje vou buscar-te, ainda que o crepúsculo nos tenha visto onde só vão os mais sinceros, entrei neste quarto, e deitei-me nesta cama, e deixei que o instante único passasse indistinto e que toda a minha vida se tornasse um lugar penoso de instantes desperdiçados, instantes desperdiçados antes do tempo, durante o fastidioso do seu tempo, depois da memória má do seu tempo, no tédio de não ter e de não esperar nada. Não vás. E não fui. Não me perdeste, mãe. Perdi-me eu de mim próprio, desencontrei-me de mim onde nunca estive, onde nunca estarei. E não te culpo de nada, como não culpo a lua que nasce todas as noites, o sol, a terra que me puxa. Não te culpo de nada. E agora que sei onde estás, porque sempre te conheci esquecida aí, porque sempre te vi entre as ruínas de um silêncio amordaçado, aí esquecida, entre o que um dia os homens chamaram morte, entre o que um dia os homens chamaram noite e frio; agora que sei onde estás, tenho de levantar-me desta cama. É muito tarde já, e a escuridão cobriu os campos, e as planícies são apenas a escuridão: os guinchos dos morcegos, o piar dos mochos, os grilos e o grande silêncio mundial. Tenho de levantar-me desta cama. Lentamente, fecho as pálpebras a este sol que olho de frente, este sol que entra por mim não para me lavar de penumbra, mas para me sufocar. Lentamente, levanto as pálpebras, e nas trevas deste quarto vejo surgir este corpo que, parado, não me parece meu. Aos poucos, começo a tomar posse dele: primeiro, os braços, levanto-os; depois, as pernas, sento-me na cama. Sou de novo eu. Preciso de vestir-me de lavado. Dispo as calças, as minhas pernas finas e ridículas; começo a despir a camisa, e está colada ao sangue coalhado das costas, descolando de baixo para cima, e é uma película que vai arrancando crostas e levando-as agarradas ao tecido. Penso: a dor existe para nos avisar de um sofrimento ainda maior. Calço umas meias lavadas. Limpo as costas a uma toalha. Visto uma camisola interior branca, uma camisa lavada, umas calças lavadas. Não ponho a boina. Entro na cozinha. Achas secas estalam no lume, e a sua luz mortiça é a única luz. Do corpo da minha mãe, só a cara, triste e velha, está iluminada.

Atravesso o seu olhar. Abro e fecho a porta da rua. A noite é como a conheço: negra e profunda, a isolar-me dentro de si e a dizer-me que também eu sou a noite que a noite é. Não ponho as mãos nos bolsos, deixo-as e deixo os braços. Levanto a cabeça e olho a noite no céu, não as estrelas, mas o espaço negro que as separa.

Lembro-me, e sinto ainda nas mãos a madrugada, a luz devagar. E tudo era cruel por ser igual a todos os dias, por ser igual, por não haver nada que se compadecesse, por o tempo passar pelo mundo ou o mundo passar pelo tempo e eu, resto, ser um pouco do mundo, não o poder evitar. E a madrugada. Os primeiros sons da madrugada. Pássaros. A primeira leva de gente a passar na rua. E a voz da minha mãe. A minha mãe a repetir as mesmas palavras, as mesmas palavras, as mesmas palavras. Eu a ter de me levantar. E, para mim, cada movimento a ser isolado dos que o antecederam, dos que se lhe iriam seguir; cada movimento a ser dividido em múltiplos e ínfimos fragmentos; e cada pedaço de movimento, cada milímetro a ser penoso e cruel, a ser contra mim. No quarto, os olhos da minha mãe. Vesti-a. Dei-lhe o café. E, quando entrei com ela no quintal, a madrugada era já uma manhã nova. E sinto ainda nas mãos a brisa morna, a aquecer lentamente, a aquecer até ser um fole a soprar um hálito de lume. Como a aragem que vem do lado da vila e aqui me toca o rosto e o pescoço, e aqui me tenta segurar para que nunca chegue à vila e nunca seja noite. Como as papoilas, aqui entre as chamas das searas, como brasas mais vivas. E depois, quando os dias deixaram de distinguir-se uns dos outros, quando o caminho para o monte das oliveiras se tornou mais longo, como longo e imenso é agora, quando deixei de ver o José, quando comecei a sair um instante mais cedo para não encontrar o José, quando os dias se misturaram todos num dia que é todos os dias, depois, o velho Gabriel bateu-me à porta e, antes de se instalar ao pé da minha mãe no quintal, disse trago aqui uma pessoa que te quer conhecer. E o rosto assustado do Salomão apareceu muito sumido na soleira da porta. O velho Gabriel mandou-o sentar, puxou-lhe uma cadeira, puxou-me uma cadeira e foi para o quintal. Juntei as mãos como uma menina, juntei os pés direitos e fiquei a olhar o chão, sem reparar no chão, fixando-me apenas na orla do olhar e no silêncio. Também ele permaneceu imóvel, mexendo-se apenas de tempos a tempos para se acomodar no desconforto da cadeira, e nunca parou de me olhar, com olhos de rato, como se examinasse um objecto temível. Ficámos assim talvez duas horas, sem falar, frente a frente, só a sentirmos a presença um do outro, intimidados com a presença um do outro. E, quando o velho Gabriel entrou, parou também a olhar-nos, talvez a sorrir, e para o

Salomão disse vamos?, e o Salomão disse hã, ou disse hum, e levantou-se de repente. Antes de saírem, o velho Gabriel disse-me até amanhã. O Salomão não me disse nada. E no dia seguinte, ou dois dias depois, de manhã, apareceu-me a mãe do Salomão. Bateu à porta e entrou. Passou à minha frente, sentou-se e começou a falar muito depressa. Disse que o filho se queria casar comigo, e disse que nos íamos casar daí a três semanas, e disse que íamos namorar a casa dela, dia sim, dia não, sempre na presença dela porque não queria poucas vergonhas, e disse que começávamos a namorar já no dia seguinte porque não havia tempo a perder, e disse para eu ir ao fim da tarde, e disse que gostava de unhas cortadas e pescoços bem lavados. Disse que admirava a maneira como eu me tinha criado sozinha, e disse que tinha sido ela que dera a ideia ao filho para se casar comigo, e disse que o filho precisava dos cuidados de uma mulher bondosa, e disse que me achava uma boa rapariga para ele. Disse que o maior transtorno que ele lhe causara fora nunca ter querido trabalhar com o pai, e disse que o pai dele era ferrador e que ele sempre tivera medo das bestas. Disse que o pai dele tinha morrido com o coice de uma mula nas têmporas, isso eu já sabia, e disse que lhe tinha arranjado um lugar na serração do mestre Rafael, onde ainda trabalhava. Disse que estava sozinha. Eu não disse nada. Ela levantou-se, disse até amanhã e saiu porque estava com pressa. E foi assim durante três semanas, em dias salteados, ao fim da tarde, namorei com o Salomão. Ficámos ao lado um do outro, em cadeiras separadas, a mãe dele ficava sentada à nossa frente, a fazer malha: um casaquinho para o filho que, segundo ela, íamos ter daí a dois anos. Ele pasmado a olhar para mim, eu a olhar para o chão, a mãe dele a falar. Contava histórias de quando o Salomão era pequeno e tinha medo das alturas, do escuro, dos ratos, das aranhas, das lagartixas, dos gafanhotos, dos grilos, das centopeias, das formigas de asa. E passadas três semanas, casei-me. Não sei em que dia foi, nem quero agora fazer o esforço de calcular em que mês, sei que foi num domingo. Levei a minha mãe pelo braço até à capela. Com um vestido de noiva que a mãe do Salomão me emprestou, debaixo da força do sol, pelas ruas, a pé, chegámos a horas. O diabo já estava no altar. Eles atrasaram-se. O José, que é primo do Salomão, não foi porque as mães deles não se davam uma com a outra. Atrasaram-se, mas chegaram. A mãe puxava-o pelo braço como se o trouxesse à força, e vinha roxa, com um vestido muito apertado, com um colar de pérolas de imitação enterrado na carne do pescoço e um ramo de tulipas de plástico na cabeça. O diabo começou, e as palavras que dizia no espaço exíguo da capela, como se as dissesse no púlpito do mundo, misturavam-se com o seu sorriso. E, no momento em que o demónio se preparava para nos pedir os sins, a mãe do Salomão caiu no chão. Morta. De olhos

arregalados, asfixiada, apertada pelo vestido, pelo colar, vergada pelo peso das tulipas. E o diabo fez-nos muito depressa a pergunta, dissemos sim sim, e só depois voltámos a dar atenção à defunta. E foi uma mistura de casamento e funeral, porque assim que demos a resposta, atravessaram a mãe do Salomão num banco da capela, dispuseram-na diante do altar, e o demónio, com os lábios em jeito de sorriso, disse algumas palavras por ela. No adro, à saída, esperava-nos a carroça funerária com um caixão, porque um convidado, e todos os convidados eram vizinhos dela, tinha ido avisar. Ajeitaram a mãe do Salomão e assentaram-lhe a tampa em cima. Embora ninguém estivesse demasiado pesaroso, fizemos o caminho até ao cemitério em silêncio, a ritmo de procissão. Deixei-lhe a grinalda sobre o caixão e foram as únicas flores que teve. Com a minha mãe de um lado e o Salomão do outro, voltámos para a vila. Quando chegámos à rua dele, a bainha do vestido estava preta, por ter andado de rojo na terra e no pó. Ele abriu a porta, entrámos, e estava uma grande mesa posta na sala. Como estávamos cheios de fome, arranjámos três pratos e servimo-nos. Ele esperou que eu desse de comer à minha mãe, e depois almoçámos juntos. Andámos um mês a comer pastéis de bacalhau e bolinhos de coco embrulhados em papéis coloridos. Os escaldados e os bolos de banha duraram quase um ano. Hoje, agora, lembro-me bem de tudo isto, mas sei que um dia, ao acordar, não me recordarei de nada. O que nunca irei esquecer, por mais anos, por mais mortes, será aquela noite imensa, momento a momento, como uma noite que fosse um oceano, e eu um seixo bem lá no fundo, nunca tocado pela luz. E chego a casa na hora exacta em que a tarde desaparece. O Salomão ainda não chegou. Vou ao quintal e trago a minha mãe para a cozinha. Volto sozinha ao quintal. Levanto a cabeça e olho a noite no céu, não as estrelas, mas o espaço negro que as separa.

Era sábado. Ninguém ousaria afirmá-lo, mas o sol era mais brando, as galinhas eram mais soltas nas ruas, as voltas dos pombos eram mais largas no céu. Todas as mulheres andavam com sacos do pão e paravam a falar umas com as outras. Todos os homens tinham a cara lavada. As ervas aproveitavam a manhã para vingar. Era sábado. O mestre Rafael estava na casa da prostituta cega desde as primeiras cores da madrugada. Salomão e o aprendiz chegaram à hora a que costumavam entrar na serração. Há três sábados que a casa andava em obras. No primeiro, com três picaretas e três pás, abriram uma fossa com mais de cinco metros de fundura no quintal e, quando chegou a noite, já lhe tinham feito uma cobertura de tal maneira sólida que, mesmo que lhe plantassem um sobreiro de noventa anos em cima, a terra do quintal jamais iria ceder. No segundo sábado, montaram a pia num cantinho da cozinha e ligaram as tubagens à fossa. Foi um dia de trabalho mais leve e o mestre Rafael, que na semana anterior não tivera tempo para essas ambições, passou o dia a fazer planos. Vou fazer um louceiro para pôr ali, vou fazer uma prateleira para pôr além. E, à hora de almoço, quando esperavam que a prostituta cega chegasse com três malgas de açorda, cada uma delas excepcionalmente com duas sardinhas assadas, o mestre Rafael tirou o lápis da orelha, uma tábua pequena e fina do bolso e começou a desenhar o que planeava para o quintal, aproveitando o seu espaço na maior minúcia: laranjeiras enxertadas com limoeiros, pessegueiros enxertados com damasqueiros, parreiras, couves, canteiros de flores a fazerem desenhos coloridos, jarros, malvas e plantas inventadas. Outra mostra do seu entusiasmo foi quando, ao fim da tarde, lhes pediu que esperassem no quintal, pois queria estrear a pia. Salomão e o aprendiz ficaram de mãos nos bolsos, em silêncio, a ouvir os ruídos da cozinha, aumentados pela ressonância da pia e, com mais atenção, a água e a porcaria a passar pelos canos. O mestre Rafael, ainda com o cinto desapertado, chegou a saltitar na muleta. A prostituta cega chegou logo a seguir com três copos e uma garrafa de vinho tinto. No terceiro sábado, que era aquele em que estavam, iam abrir duas janelas. Uma janela na parede do quarto para o quintal e outra na parede da

cozinha para a rua. Começaram por abrir a janela do quarto. O mestre Rafael mediu-a, traçou-a com um lápis na cal e, com o único braço que tinha, começou a derrubar a parede com o martelo. O cabo do martelo tinha o tamanho do braço de um homem, e a cabeça do martelo era feita de um aço especial, com uma liga metálica que tinha sido segredo há muitas gerações e que se extinguiu para sempre quando um martelo, como aquele, acertara na cabeça do último filho do ferreiro, esmagando-lha instantaneamente. O martelo era mais pesado do que uma mulher, mesmo assim, o mestre Rafael pegava-lhe na ponta do cabo, girava-o e, num estrondo que vinha das profundezas da terra ou dos homens ou de alguma coisa, acertava exactamente onde queria. No quintal, o aprendiz peneirava pazadas de areia, e Salomão, com a enxada, misturava areia, cimento e água numa massa consistente, mas não dura, mole, mas não líquida. Quando o mestre Rafael acabou o buraco, Salomão foi à caixa de ferramentas, tirou o escopro e um martelo de carpinteiro, não tinha outro, e endireitou aquele buraco oval numa forma rectangular. Apesar de a cama estar tapada com um panão e do pó, o quarto parecia pela primeira vez um lugar alegre, perdera o aspecto lúgubre de muitas gerações e a luz descobria-lhe cada recanto. O aprendiz foi buscar a janela envernizada que o mestre Rafael fizera em três fins de tarde; e, depois de lhe pregarem pregos grossos e cruzados nas extremidades, começaram a assentá-la com colheres de pedreiro cheias de cimento. Salomão segurou no martelo e, para adiantar trabalho, dirigiu-se para a cozinha. O desenho da janela já estava traçado na parede. Com ambas as mãos, Salomão deu a primeira martelada no espaço rectangular da figura, e os tijolos não se moveram pois a parede era muito grossa. À segunda, solto, caiu o primeiro entulho. Um raio de sol varou a parede. E, espreitando pelo buraco, Salomão viu que o demónio estava do outro lado. Como se soubesse que ele ia abrir ali uma janela, como se o esperasse. O demónio estava na rua, a um palmo da parede, a olhá-lo, a sorrir.

Quando me sentei debaixo do sobreiro grande e as ovelhas se espalharam pelo pasto, também elas sabendo que havíamos chegado, lembrei-me da voz do Salomão. Quando éramos cachopos, já eu trazia aqui as ovelhas, às vezes, quando o sol estava na força do calor, ele aparecia sozinho, fugido da mãe, e durante uma tarde era livre comigo. Apanhávamos grilos. Eu ensinava-lhe a distinguir os grilos das grilas pelo número de rabos e dizia-lhe nunca leves uma grila para casa, porque elas chamam as cobras. Ele tremia de medo das cobras e o meu aviso era inútil, porque tinha igualmente medos dos grilos e das grilas. Jamais tocaria num e levá-lo para casa era impensável.

Escolhíamos bolotas. Eu ensinava-lhe a distinguir as bolotas das landes, explicava-lhe que as dos sobreiros eram boas e que as das azinheiras não prestavam. Dizia-lhe as landes são muito azedas, só servem para os varrascos. Ele dizia que sim, como se tivesse entendido, e depois tanto comia bolotas como landes, com os mesmos dentes de coelho e com o mesmo olhar infantil e ingênuo. Ao fim da tarde, sentávamo-nos a olhar as ovelhas, como se olhássemos uma ribeira, e eu ia chupando o talo de um vinagre. Quando arrancava um e lho oferecia, e várias vezes o fiz, ele abanava a cabeça como se recusasse um ferro em brasa. Aos vinagres, chamava-lhes azedas e contava que a mãe lhe tinha dito que eram venenosos. Ressentido, não o olhava e, com voz ríspida, dizia melhor, mais fica, e dizia isto como se os vinagres estivessem para acabar, como se os campos diante de nós não estivessem cheios daquelas florzinhas amarelas.

No entanto, naquela altura, a verdade que eu não confessaria sequer a mim próprio era que aquelas tardes me entusiasmavam. Nem eu, nem Salomão brincávamos com outras crianças. Eu não brincava com mais ninguém porque não havia outras crianças no monte e, quando ia à vila, não ia senão com a minha mãe visitar o cemitério. Ele não brincava com os outros cachopos da vila porque a mãe não o deixava e porque, na única vez que fugiu para ir brincar com eles, lhe fizeram uma barrela com urtigas: cercaram-no, despiram-lhe as ceroulas, encheram-lhas de urtigas e ele andou uma semana a regar as partes com vinagre para lhe passarem a comichão e o ardor. Só brincávamos um com o outro. E esse entusiasmo que partilhávamos, eu veladamente, ele sem saber escondê-lo, nunca o perdemos. Ainda da última vez que o vi, embora soubesse que essas tardes eram já impossíveis, foi isso que senti debaixo da mágoa. Um entusiasmo mudo, sufocado, solar como as tardes antigas, negro como as tardes de agora. E sinto aqui vontade de gritar Salomão, Salomão, como gritava antes, e vê-lo virar-se no seu sorriso permanente. Sinto a sua falta e sei que nunca mais poderei brincar. E eu só queria brincar. Só queria levá-lo pelo campo, a explicar-lhe as coisas, e a cadela a abanar-lhe o rabo por ele ser meu primo e meu amigo. Sinto vontade de gritar Salomão, Salomão, mas também isso se tornou impossível, como a terra, como o sol. E essas tardes, que eram longas e boas, são agora longas e fazem-me morrer muitas vezes, momento a momento. Como eu, junto do tronco do sobreiro grande, está o cajado. Abandono numa mão a navalha e na outra o pedaço de ramo onde tenho estado a esculpir uma forma, e olho o sol de frente. Penso: se o castigo que me condena se fechar em mim, se aceitar o castigo que chega e o guardar, se o conseguir segurar cá dentro, talvez não tenha de suportar novos julgamentos, talvez possa descansar. E, num instante, todas as árvores que cruzavam o céu desapareceram e deixaram-no límpido e

longínquo. E toda a combustão do sol avagou num calor estático. E todas as vozes do mundo: as vozes das pedras, das brisas, das árvores: todas as vozes do mundo se calaram. E, lá onde a terra termina nos olhos, vejo um vulto surgir aos poucos. É um homem muito grande e dirige-se a mim. É um homem do tamanho de uma casa ou de um monte de feno. É um homem muito grande, só a olhar-me e a andar muito depressa. E, como uma aragem que galopasse, está perto de mim. Para. Distingo-lhe o rosto. Olha-me. Olhamo-nos. Não aguento a força do seu olhar gigante e viro a cara num instante e viro a cara num instante. Lentamente, ao endireitar a cara, vejo que desapareceu. No seu lugar, só o voo rápido dos pássaros entre as chamas do sol, só a agonia das pedras, de uma aragem fervente, das árvores, sob o incêndio do dia. Levanto-me, enfio os dedos nos cantos da boca, junto-os sobre a língua dobrada, assobio e digo vai lá cadela, e assobio de novo. Tenho de ir ter com o Salomão. A cadela corre em dois lados ao mesmo tempo a recolher o rebanho. Tenho de ir ter com o Salomão. A caminho do monte das oliveiras, poiso o cajado nas costas das ovelhas mais atrasadas. Tenho de ir ter com o Salomão.

O martelo começou a tremer nas mãos de Salomão. O demónio, na rua, quase encostado à parede, sorria. E Salomão bateu meia dúzia de vezes com o martelo na parede, pois essas foram as vezes necessárias para abrir o buraco devido para a janela. E nenhum pedaço de entulho acertou no demónio, e nenhum grão de pó lhe perturbou a imperturbável harmonia da camisa limpa, das calças vincadas e do sorriso. Parado, segurando o martelo na horizontal, com a mão esquerda na ponta do cabo e com a direita próxima da cabeça do martelo, Salomão olhava o diabo. Parado, com a pala da boina assente nos bicos pouco afiados dos cornos, a espalhar-se uma pequena sombra que não chegava a tapar-lhe os olhos, o diabo sorria e olhava Salomão. E tudo o que disse, e que Salomão entendeu, não foi em palavras. Tudo o que disse foi naquele olhar suspenso, naquele sorriso tentador. Aquele olhar parado e cheio de formas, a rasgar Salomão e a mexê-lo por dentro. Aquele sorriso a dizer-lhe, num arco ténue dos lábios, num trejeito imperceptível e evidente, a dizer-lhe a tua mulher engana-te; quando a olhas e pensas que sabes o que ela pensa, não sabes o que ela pensa; quando a vês, não sabes quem vês; a tua mulher engana-te e estás sozinho, enganado, e todos fazem pouco de ti. Salomão baixou o olhar e viu a mulher a andar pela cozinha, lembrou, imaginou a mulher a andar pela cozinha, ele a vê-la, ela a ser diferente. Quando Salomão levantou a cabeça, viu o diabo a afastar-se e, no entanto, o seu sorriso e o seu olhar ainda estavam diante dele, dentro dele. O mestre Rafael e o aprendiz entraram a carregar a

janela. Como se ainda estivesse imóvel, Salomão segurou o escopro e, com as pancadas do martelo de carpinteiro, acertou o buraco pelos riscos. O mestre Rafael e o aprendiz começaram a fixar a janela na parede. Salomão pediu desculpa e disse que tinha de se ir embora. O mestre Rafael disse-lhe para beber um copo de vinho e chamou a prostituta cega. Salomão já não ouviu. A prostituta cega entrou na cozinha sem saber e sem perceber o que lhe queriam. O mestre Rafael inclinou-se na janela e viu Salomão a diminuir na extensão da rua.

Esta é a estrada que me destrói e que me puxa. Única e última. Este caminho que não é estrada. Este céu que não traz o silêncio, mas que o grita quando o silêncio é insuportável. Penso: talvez eu já não seja este corpo que me tornei, talvez eu já não seja esta forma dentro deste corpo, talvez eu seja eu já morto só a sofrer, sem vontade, só à espera da morte que nunca chegará. E no entanto, nesta tarde insepulta que une e divide o mundo, atravesso qualquer coisa que sou e que conheço. Aproximo-me de ti, Salomão. Nos teus e nos meus passos, avanço. E o cansaço que me prende liberta-me na imposição de continuar. Salomão. Os teus olhos.

Quando se viram e se distinguiram, a distância que separava Salomão da vila era a mesma que separava José do monte das oliveiras, e nenhum apressou o passo. À mesma velocidade, nem lentos, nem rápidos, caminhavam constantes, como se apenas se vissem um ao outro, como se não se vissem um ao outro. Aproximavam-se. O sol levava-os pela mesma linha recta. O restolho das searas, rente à terra, observava-os. A cortiça parou de crescer nos sobreiros. As feições das caras deles, ao longe, abstractas, baças, desenharam-se ao mesmo tempo na cara de José e de Salomão. Nem despreocupados, nem graves, eram os rostos de dois homens a verem-se, como se fosse pela primeira vez, mas sem a admiração, sem a surpresa, sem as palavras inúteis. Pararam. Os dois passos que os separavam, exactos: um passo de José e um passo de Salomão: exactos. Os dois passos que os separavam eram muito pequenos para impedirem que cada um deles se julgasse dentro do outro, a ver-se a si próprio com os olhos que não eram seus e pelos quais via. E, num instante recortado do instante em que também o mundo parou, Salomão olhou José, ou José olhou-se a si próprio. E nesse olhar silente e maior e mais forte que mil palavras a explicar cada palavra de mil palavras, José falou a si próprio, ou falou-lhe Salomão. Disse não é verdade, pois não? E José dentro de si, ou dentro de Salomão, sentiu num momento a pergunta ecoar perpetuamente. José, ou Salomão, baixou o olhar. E, de novo

distintos, ainda em silêncio, Salomão quase sorriu. Voltaram as costas e afastaram-se. Salomão chegou à vila antes de José chegar ao monte.

A casa dos ricos permanece. Vazia. E cheia do que um dia foi esperança sincera e hoje é o meu olhar morto. A cadela vê-me passar e não se levanta. O pátio é o mesmo depois de mim. O jardim, pequeno e amarelo e arrojado, não me sente. Toco uma cancela do curral, e as ovelhas olham-me da lonjura amodorrada dos seus olhos quase fechados. Atrás das manjedouras, dispo a camisa. Seguro a corda. Enrolo-a à volta do punho. Ouço-a sibilar. Como se fosse um pardal. Como um pardal que assobiasse como uma brisa a soprar como um pardal na primavera. Troco de mão. Ouço-a muito tempo. Muito tempo. Visto a camisa. Vou para casa. Olho o sol de frente. Estou cansado. Vou descansar.

Era dia de ir ao monte das oliveiras e, apesar do casamento do mestre Rafael, não queria faltar, como nunca quis e nunca faltei. Na véspera, o velho Gabriel tinha-me dito não faz mal se amanhã não fores. E era ele quem me pagava, pois há trinta anos, desde que o pai do José morrera, era ele o feitor. E, se esse cargo não lhe trazia benesses, também não lhe dava arrelias. Não precisava de contratar as pessoas para a cortiça ou para a azeitona, não precisava de escolher os ratinhos para a ceifa, pois há trinta anos que eram os mesmos, com a mesma força, com o mesmo trabalho esmarrido em suor; e, se por acaso algum morria, era substituído pelo filho na temporada seguinte. Não precisava também de fazer contas ao dinheiro, porque há trinta anos que os mesmos homens vinham nos mesmos dias certos, compravam as mesmas arrobas de cortiça, o mesmo peso de trigo e de azeitona, pagavam o mesmo que nos anos anteriores e, mais tarde, entregavam a mesma porção de farinha e os mesmos alqueires de azeite que eram guardados na despensa com vista à possibilidade de os filhos do doutor mateus quererem aparecer no monte. E todos os anos se despejavam as talhas de azeite velho e se enchiam de azeite novo, e todos os anos as sacas de farinha nova ocupavam o lugar das sacas ainda fechadas de farinha velha. Não faz mal se amanhã não fores, disse-me o velho Gabriel. Mas tinha de ir, como tenho de ir sempre, dia sim, dia não, até ao fim da minha vida.

E nessa manhã, já tinha dado banho ao Salomão e à minha mãe, já tinha vestido a minha mãe, passava a camisa branca a ferro, para lhe tirar os vincos de estar guardada e o cheiro a traça, e o Salomão cirandava descalço pela casa em ceroulas e em camisa interior. Raspava folhas de hortelã nos dentes e falava alto. Com um raminho de manjerico atrás da orelha, dizia o mestre Rafael isto, o mestre Rafael aquilo. E passava por mim, arrumava as cadeiras que já estavam arrumadas, lavava as mãos na bacia, nervoso como se fosse ele o noivo, mais nervoso do que se fosse ele o noivo. Pousei o ferro, e ele aproximou-se logo e começou a vestir-se. E tudo tinha uma ordem: depois da roupa interior, as meias, porque ficam debaixo das calças; depois a camisa, porque fica dentro das calças e sob o casaco; depois

as calças e o cinto assentes sobre as fraldas apumadas da camisa e as ceroulas desenxovalhadas; depois os sapatos; depois o casaco. E esta ordem, natural, lógica, só era seguida pelo Salomão em dias como aquele, especiais, como se nesses dias brincasse a ser rico e a vestir todos os dias casaco e a não ter mais em que pensar senão no seu ritual diário e lógico de vestir a roupa por ordem e a ser isso um traço distintivo do seu requinte e elegância. E, enquanto Salomão esticava um braço dentro da manga da camisa, devagar, sentindo calor brando e a suavidade alva e incorrupta, devagar, imaginando herdades e searas, agachei-me a um canto. Enfiei a mão dentro de um sapato, espalhei um borrão de graxa na biqueira e passei-lhe um pano com toda a força. Ao mudar de sapato, olhei-o directamente, sem perigo de ser surpreendida, porque o Salomão abotova a camisa com a cabeça levemente inclinada para trás e com as pálpebras cerradas. Estavam os sapatos negros e brilhantes à minha frente, e esperei que o Salomão acabasse de apertar o cinto. Lentamente, em movimentos nobres, beliscou as calças pelo vinco e sentou-se numa cadeira estendendo os pés. Desapertei os atacadores do sapato direito e tentei enfiar-lho. Estava muito apertado. Fui buscar a calçadeira. Instalei-a entre o calcanhar e o sapato. Fiz toda a minha força. Fiz toda a minha força. Creio que fiquei corada. E não consegui. Estava muito apertado. Parei um pouco para pensar e o Salomão, já longe das herdades e das casas ricas onde se tinha imaginado, apontou com o braço para a caixa das ferramentas. Vasculhei-a e tirei o martelo de carpinteiro. Acertei de novo a calçadeira, e dei três ou quatro marteladas no salto do sapato. Fiz o mesmo no outro pé. Salomão levantou-se e avançou com um andar amalucado até ao casaco. Vestiu-o e não voltou a imaginar-se rico e elegante, de tal forma o aperto dos sapatos o prendia à realidade.

Não passaram dez minutos e já eu estava vestida. Fui buscar a minha mãe que estava sentada, como uma rapariguinha órfã, com o seu vestidinho de veludo roxo e as suas meias de renda até ao joelho, como uma boneca sozinha. Fechámos a porta e fomos para a capela. O sol era o sol dentro de um forno. De mão dada, levava a minha mãe num pedacinho de sombra ao rés da parede. O Salomão, no meio da rua, tentava acompanhar-nos com o andar desajeitado de quem estivesse constantemente a subir e a descer degraus. A minha mãe, indiferente ao sol e à manhã e às ruas que parecia ver, repetia as palavras que repetia sempre. Sussurrando a grande velocidade, dizia mais do que cinco palavras em cada passo. E as mulheres mais velhas admiravam-se ao vê-la e diziam olha, aí vem a cozinheira viúva; e juntavam-se aos pares diante dela, a falar com ela, e a minha mãe não as olhava, porque olhava para baixo, e continuava sempre a sua história, sempre, as palavras; e as mulheres, em coro ou uma de cada

vez, diziam coitadinha, e deixavam-nos prosseguir. Quando chegámos ao adro da capela, só lá estavam o mestre Rafael e a prostituta cega. Ela estava agarrada ao braço dele e suavam dentro das roupas. Ele usava um fato preto de inverno e uma camisa de flanela grossa. Ela usava um vestido simples e um avental branco com um bolso a meio e um bordado colorido em baixo.

Logo na noite em que o mestre Rafael lhe falou em casamento, a prostituta cega lembrou-se do avental que a mãe lhe tinha bordado. Dias depois, tirou-o da arca onde estava misturado com cobertores. Sentiu-o e cheirou-o. Passou o avental devagar na pele da cara. E, sozinha, sorriu como tinha sorrido mais de vinte anos antes, ainda criança, quando a mãe lho dera, dizendo um dia vais casar-te e vai fazer-te falta. E a mãe, ao dar-lho, não tinha sorrido, como não tinha sorrido a sua avó, como não tinha sorrido a sua bisavó antes delas, porque todas sabiam que não havia homem que quisesse uma mulher assim para casar. E, após concluírem o avental para as filhas, sem que fosse uma tradição instituída, mas apenas pelo fim da esperança, todas tinham destruído o avental que as mães lhes tinham feito. E a prostituta cega conseguia ainda lembrar-se do som da tesoura a cortar, do som silente da agulha e da linha a atravessar o tecido. E quem visse o avental não podia imaginar que tivesse sido feito e bordado por uma cega, tal era a exactidão do corte, tal era a precisão das letras bordadas: as letras que tinham sido feitas a partir de um pano que o avô do doutor mateus tinha oferecido à bisavó da prostituta cega, as letras que tinham sido escolhidas por causa das voltas largas do *l* e pela pintinha isolada do *i*, e que diziam loiça. Quando Salomão e a mulher e a cozinheira viúva chegaram ao adro da capela, a prostituta cega e o mestre Rafael estavam de braço dado, esperavam, e ela passava a mão discretamente pelo avental, a confirmar que não tinha nenhum vinco. Salomão apressou-se no andar bamboleante dos sapatos apertados. O rosto do mestre Rafael rejuvenesceu. Trocaram algumas palavras, como se trocassem um alívio comum, e apresentaram as mulheres. Simultaneamente, em silêncio, a prostituta cega e a mulher de Salomão contraíram os lábios, mudas, cegas. Sob o sol, os homens continuaram a conversar até o sorriso do demónio encher o adro. Sorria, e parou-se à porta da capela a revolver os bolsos das calças à procura da chave. Ao encontrá-la, enfiou-a na fechadura e rodou-a com grande esforço, vencendo a ferrugem. As dobradiças gemeram um suspiro e os sapatos terrincaram grossos grãos de pó de encontro ao chão. A prostituta cega pelo braço do mestre Rafael, e a cozinheira viúva pela mão da filha e atrás de Salomão, seguiram-no. O som da muleta e dos passos dirigiu-se ao altar. E numa posição

silenciosa assistiram ao diabo a preparar-se. A cozinheira viúva estava atrás do mestre Rafael e a filha estava atrás da prostituta cega, pois eram as suas madrinhas; Salomão estava ao centro, pois era padrinho dos dois. Já sem a boina e com a opa vestida, o diabo soprou o pó do livro negro, sorriu e aproximou-se. E, de dentro do seu sorriso, soaram palavras. Os noivos e os padrinhos começaram por tentar entendê-las, mas desistiram após algumas frases, por nunca as terem ouvido e não as conhecerem. E as palavras do demónio sobrepunham-se às palavras sôfregas da cozinheira viúva, repetidas, repetidas, sussurradas no eco. As paredes seguravam teias de aranha, vergadas pelo peso do pó, que tremiam quando o demónio falava mais alto. Os santos, com as faces atravessadas por rachas profundas, olhavam consternados. A um canto, dentro de uma caixa de vidro salpicada de porcaria das moscas e a escorrer gotas paradas e secas de cera, estava uma mão enorme, arrancada pelo pulso, segura por arames, com os dedos parados no gesto de querer agarrar algo. Estava ali há muitos anos. Logo no dia em que desenterraram o caixão para tratar dos ossos e deram com a mão intacta, o demónio mandou fazer a caixa de vidro e começou a espalhar a notícia de que tinham encontrado um santo. A terra tinha abatido sobre o caixão e, entre os ossos que estavam embrulhados na trouxa feita com um lençol, estava a mão incólume. Era a mão do gigante. O demónio lavou-a, disfarçou com pó de arroz algumas marcas de dentadas de cães, cortou com uma tesoura algumas veias compridas que lhe saíam do pulso e prendeu-a com arames dentro da caixa. Acendeu velas e deixou a porta da capela aberta durante uma semana. Não tendo aparecido ninguém, tornou a fechá-la, soprou as velas e desinteressou-se. E ali ficou e estava, tão indiferente ao mundo como ao casamento, iluminada pela sombra azul de um pequeno vitral. E, chegada a hora das alianças, de nada serviu ao mestre Rafael ter braço esquerdo, pois não tinham alianças. O diabo avançou então para os sins, que não se ouviram, e mandou-os assinar. Assinaram todos de cruz e Salomão, que era padrinho dos dois, assinou num lado com dois traços cruzados na diagonal e, no outro, com um traço na vertical cruzado com outro na horizontal. À saída, Salomão e o mestre Rafael riam. Ninguém os esperava no adro. O mestre Rafael acertou mal com a muleta num degrau da capela e caiu pelas escadinhas abaixo. Salomão ergueu-o, sacudiu-lhe o joelho e o cotovelo do fato. Acanhado, de certeza que está tudo bem?, Salomão deu dois passos para trás, aproximando-se da mulher. Quase sem se despedirem, os noivos foram pela rua que os levava a casa: de mão dada, o mestre Rafael a menear-se na muleta, a prostituta cega com a cabeça desgobernada no pescoço. Em silêncio, Salomão, a mulher e a mãe da mulher foram também para casa. A cozinheira viúva ia à sombra, pela mão da filha. Salomão ia descalço, com os sapatos na mão.

Quando cheguei ao monte das oliveiras, o velho Gabriel aproximou-se de mim admirado. Ontem, disse-te que não precisavas de vir. E realmente assim tinha sido. Levei-lhe um copo de água ao quintal, a minha mãe girava a roda infinita das suas histórias, ele parecia ouvir e disse-me não vás amanhã que não faz mal. Mas fui. Sabia que tinha de ir. Despi a minha mãe, despi-lhe o vestido do casamento, guardei o vestido, vesti-a, guardei a roupa do Salomão, despi-me, vesti-me, aqueci-lhe a sopa, dei a sopa à minha mãe, pus o lenço à volta da cabeça e fui. Ontem, disse-te que não precisavas de vir. Não respondi. E, sem prestar atenção às perguntas que ele me fazia sobre o casamento do mestre Rafael, olhei para a casa do José. Estava fechada. As janelas fechadas. O velho Gabriel reparou e parou também a olhar. Antes que ele dissesse alguma coisa, prossegui. Entrei na casa dos ricos, e o fresco das salas e dos corredores protegidos por paredes antigas e grossas não foram capazes de tirar ao meu corpo o fogo daquele sol a arder-me. Na cozinha, aproximei-me do lava-loiças de pedra e lancei mãos cheias de água sobre o peito. De olhos fechados, lancei mãos cheias de água sobre o peito. E lembrei-me de ser pequena. Lembrei-me de ter seis anos, pequena, e de me encostar à minha mãe, a fingir que ela me abraçava. Lembrei-me de ouvir as pessoas dizer criou-se sozinha. Sozinha. Sozinha. E isto, misturado com o rosto do José, era uma dor enxovalhada dentro de mim. Dentro daquela casa enorme e escura, eu pequena dentro de mim enorme e escura. Eu, com seis anos, e as mulheres a deixarem-me malgas de caldo à porta, o meu olhar selvagem a aparecer e a recolher-se. Criou-se sozinha, diziam. Soube mais tarde, contou-me o velho Gabriel sem que lho perguntasse, que durante três anos não comi, durante três anos sobrevivi exclusivamente da gordura que tinha no corpo. Soube isto numa tarde, sem que lho perguntasse, quando chegou para visitar a minha mãe, e disse-mo assim, como se fosse natural. Não lhe perguntei, mas ele contou-me mais, disse-me que, quando já se me conheciam as costelas e os ossos da cara, começou a trazer-me braçadas de hortaliça e cebolas e batatas e réstias de alho e garrafas de azeite. E eu, quase com quatro anos, descascava e cozinhava e comia e lavava a loiça. Não lhe perguntei e preferia não o saber, pois nunca esqueci o que foi para mim não ter ninguém. A solidão. A casa vazia e grande, escura de noite. A minha mãe sozinha diante de mim, a repetir as suas palavras, sempre, sempre, como uma brisa que soasse sempre, sempre, como um gemido, como palavras que não fossem palavras, como outra coisa qualquer que tivesse a forma de palavras e que se repetisse sempre, como uma dor. Sim, como uma dor. A minha mãe velha. Morta, quase. A minha mãe longe de mim. Os cães a

ladrarem, os pássaros, as vozes, distantes, depois das paredes. O quarto negro e, do outro lado, quase indistinguíveis de uma aragem, os ruídos silenciosos do homem que está fechado num quarto sem janelas a escrever: a caneta de aparo a voltear-se no papel, a espetar-se subitamente ou a riscá-lo num instinto; sopros frágeis sobre a tinta; folhas que pousava devagar sobre outras folhas, folhas que amassava e que faziam no chão o ruído de cascas de ovo vazias. As sombras. O sol de manhã no quintal. E isto que é pouco foi tudo para mim até ao dia em que conheci o José. O seu olhar. E, ali, na casa dos ricos, voltei a encher as mãos de água e a lançá-las sobre o peito. E, enquanto tentava sentir alguma frescura, ouvi a voz que está fechada numa arca, ao longe, sozinha. Avancei devagar, em silêncio. No corredor maior, sentei-me. Ainda a ouvi dizer: a solidão, a morte.

As minhas mãos. Os meus braços. O sol. Sinto os meus braços abertos ao sol que me inunda, que me trespassa e que sou. Sinto as minhas mãos cravadas na luz que desliza, que escorre, que entra dentro de mim, como um rio vertical. Sinto o olhar dela como este sol. As minhas mãos. O olhar dela. O sol. E sei que as minhas mãos estão paradas e silenciosas e inúteis e mortas. Sei que o olhar dela não me vê. Sei que o sol me derrota. O quarto. A cama. Penso: o lugar dos homens é uma linha traçada entre o desespero e o silêncio. E, de novo, o olhar dela. Desenhado a fogo no interior do que em mim é impossível. Como se as palavras que nunca lhe disse saíssem agora deste sol para me arderem na pele. Como uma tempestade de vozes. Como lâminas disparadas dentro do meu corpo. Nesta luz, as palavras que nunca lhe disse. Este sol que é os meus olhos cegos e eu sabê-los cegos. E, de novo, o quarto. O negro para lá de mim, que não vejo e que vejo, porque sei que existe e sei como a sua sombra me espera. E os olhos dela estão também nessa escuridão, solitários, abandonados.

Aos poucos, levanto-me. Sinto as minhas mãos, sinto o quarto negro nos meus olhos. É manhã, neste dia. Quanto tempo terá passado sob o sol? Ninguém sabe. Os dias passam. Penso: um dia pode ser mil anos. Penso: ninguém sabe ao certo se passou um ano, ou mil anos, ou uma hora rápida, num dia que passou. Aos poucos, levanto-me. Sinto as minhas pernas, sinto o chão. Abro a porta. Encostada ao lume, a minha mãe viúva. O clarão preto do seu rosto gasto e sereno. Sento-me diante dela. O calor brando que cresce das chamas envolve-me devagar e quer segurar-me com os mesmos braços com que prendeu a minha mãe. A minha mãe viúva. Não nos olhamos e, no entanto, os nossos olhares encontram-se no lume. Entre as brasas, os nossos olhares parados olham-se como se fosse a primeira vez que o fizessem de veras. Timidamente, sobre a chamazinha de um chamiço jovem, tocam-se devagar. Estendem as mãos. Sentem a pele um do outro na sua pele. E os rostos dos nossos olhares, sobre o lume e indiferentes ao calor, são suplicantes. Olham-se. Olham-se. E compreendem as dores que explicam, olhando-se. E, num instante fora do tempo, aproximam-se, lentamente, como duas árvores que se amam, lentamente, e

abraçam-se. Mãe e filho. Levanto a cara. O olhar da minha mãe permanece. Liberto-me da rede que o calor teceu à minha volta. Abro a porta da rua. O orvalho seca na palha das ervas. O sol levanta-se da terra. Olho-o de frente.

Antes de sair para o trabalho, Salomão demorou o olhar na mulher. Como se estivesse desconfiado, suspendeu a colher no púcaro do café e olhou-a. Ela, para cá e para lá, tratava do comer da mãe, olhando apenas o que iria tocar a seguir. Salomão tornou a mexer o café e abalou para a serração. Parecia desconfiado e não desconfiava de nada. Só uma semana depois, à hora de deitar, se apercebeu realmente. A mulher despiu-se, ele olhou-a distraído, olhou-a depois com atenção, disse-lhe chega aqui, e pousou-lhe a mão na barriga. Olhou-a no rosto e ela quase o olhou. A cozinheira viúva, como uma defunta que falasse, dormia e sussurrava a sua história sem fim a um canto da cama. Devagar, tirou-lhe a mão da barriga, ainda sentindo aquele vulto, ainda com a forma daquele pequeno planalto na cova da palma da mão e nos dedos levemente curvados. Fez tenção de dar-lhe um beijo, mas não deu, ainda que nunca tivesse tido, nem voltasse a ter, uma oportunidade que tanto o justificasse. Imóvel, viu-a vestir a camisa de dormir, iluminada apenas pela luz turva do candeeiro de petróleo.

Na manhã seguinte, acordou antes de o dia nascer e foi o primeiro a chegar à serração. Quando ouviu o barulho da muleta do mestre Rafael, correu para ele, e ainda não lhe tinha dito bom dia e já lhe dizia vou ser pai. O mestre Rafael que, nessa altura, entusiasmado com o nascimento para breve do seu filho, era como um rapaz alegre, bateu-lhe nas costas e sorriu. E, dentro desse sorriso enlevado, fizeram juntos os metros que os separavam do portão. Trabalharam toda a manhã. Só um pouco antes da hora do almoço, o mestre Rafael se voltou a aproximar de Salomão. Deu ordem para o aprendiz ir para casa, desfez o sorriso e, entre o nevoeiro da serradura que era o ar da carpintaria e que assentava aos poucos, disse ando preocupado. Partilhando, instantaneamente, a preocupação, Salomão olhava-o, esperando. E o mestre Rafael contou-lhe que à noite, ao adormecer, punha a mão sobre a barriga da prostituta cega e nem um pontapé, nem um movimento subtil. E ficava acordado a escutar cada gemido da noite. Às vezes, dentro da espertina, parecia-lhe sentir alguma coisa, mas quando parava todos os sentidos na mão, deixava de sentir mais que a pele imóvel, e mesmo a memória desse instante se desfazia incerta como um fio de pó. De manhã, ela fugia-lhe envergonhada. E a sua barriga de oito meses não era mais que um altinho inerte.

Não sei se é o silêncio que me tortura. A obsidiante angústia do silêncio. A cadela passa por mim, velha, olha-me e não sinto o seu olhar. Em silêncio, abro os arames da cancela e não sinto nas mãos mais que o silêncio e a sua textura vazia, o seu vácuo colado à pele. Não sei se enlouqueci. Tudo o que desejo é impossível neste silêncio. Penso: o lugar dos homens é uma linha traçada entre o desespero e o silêncio. Queria agora sentir-me nascer. Mas continuo. Prossigo atrás das ovelhas, a conhecer-lhes cada movimento e a sentir-lhes toda a exaustão. E morro devagar. Dissipo-me em cada gesto deste mundo que não me pode oferecer mais nada. Tornei-me uma sombra de mim. Tornei-me uma sombra de uma sombra de uma sombra de mim. Dissipo-me no tempo e no silêncio. Penso: o lugar dos homens é uma linha traçada entre o desespero e o silêncio. Morro devagar.

O mestre Rafael e Salomão separaram-se nas ruas que os levavam a casa. Àquela hora, esperava-os o almoço entre o olhar fugitivo das mulheres. Até à porta de casa, sob o mesmo sol, o mestre Rafael pensou na alegria ingênua de Salomão, e Salomão pensou na angústia do mestre Rafael. Entraram em casa ao mesmo tempo. Sentiram a sombra cobrir-lhes a pele de uma frescura, que era um incómodo para o mestre Rafael, e que era um conforto para Salomão, e voltaram a pensar em si próprios. Salomão sentou-se. O mestre Rafael pousou a muleta na mesa e sentou-se. Estavam os pratos postos à frente de um e de outro. A prostituta cega movia-se pela cozinha a grande velocidade, esgueirando-se entre os movimentos rápidos que a cabeça do mestre Rafael fazia ao tentar acompanhá-la com o seu olho esquerdo muito aberto. A mulher de Salomão, leve, corria entre a cozinheira viúva e o lume, mexendo a água e a sopa que fervia dentro da panela, e ajeitando a mãe na cadeira. Ao mesmo tempo, uma e outra pousaram o comer no centro da mesa; ao mesmo tempo, uma e outra se sentaram. A mulher de Salomão começou a levar colheradas de caldo à boca ofegante da mãe. A prostituta cega começou a comer serenamente. Ao mesmo tempo, Salomão e o mestre Rafael abriram a boca para dizer algo; e ao mesmo tempo suspenderam as palavras que não chegaram a dizer e engoliram a primeira colher de sopa.

Olho o sol de frente. O tronco do sobreiro grande funde-se devagar com as minhas costas e transforma-me em madeira. A terra funde-se devagar com as minhas pernas estendidas e transforma-me em terra. Olho o sol de frente. O meu olhar é de sol.

O mestre Rafael e Salomão olharam as mulheres no mesmo instante e fecharam a porta. As botas de Salomão na terra, a pontapearem uma pedra aqui e ali. A muleta e a bota do mestre Rafael na terra, a escolherem as veredas e os desenhos de pó entre as pedras. A luz fervia sobre a pele. O mestre Rafael ajeitou a boina. Salomão ajeitou a boina. Aos poucos, algo se apagou e algo se acendeu dentro de um e dentro de outro. O mestre Rafael começou lentamente a lembrar-se da alegria ingênua de Salomão. Salomão começou lentamente a lembrar-se da angústia do mestre Rafael. E, como se o esperassem, encontraram-se no ponto em que as duas ruas se encontravam. Não falaram. E prosseguiram, lado a lado, até à serração.

A madrugada. As ervas a erguerem-se devagar. Os murmúrios distantes, mais distantes do que nos outros dias, a despertarem como um velho muito velho a ressuscitar com a sua pouca força. Era sábado. Era um dia diferente e especial por ser sábado. O sol, bola de fogo, levantou-se rente à terra, mais tarde do que nos outros dias, derramando um rio incontrolável de chamas pelas ruas e pelos campos, queimando o que poupava na véspera. Era verão. Em todos os recantos crescia uma luz que só as crianças viam. Uma luz suave que só iluminava. A madrugada tornava-se gradualmente uma manhã desenhada no ar e nos olhos atentos dos pássaros. O céu era um lugar límpido que apenas se olhava e onde não se podia mergulhar.

Primeiro eram apenas uns gemidos amordaçados na almofada, leves, abafados no fresco que ainda enchia o quarto de uma escuridão translúcida. Depois, quando a prostituta cega pensou que tinham passado e se encostou descansada, pousando as pálpebras num suspiro, atacou-a uma nova e mais forte corrente de dores ou de ansiedade, e o dia nasceu, e o mestre Rafael acordou. Olhou-a assustado. Despenteada e quase feia, como um estorvo. Olhou-a assustado, sem saber o que fazer. De noite, haviam-se livrado do lençol com as pernas, e estava enrodilhado aos pés da cama, como um corpo inútil. O mestre Rafael levantou-se, vestiu-se e, ainda assustado, voltou a olhá-la. Sobre a cova do colchão e sobre o lençol de baixo, enrugado de vincos largos, estava a prostituta cega. De barriga para cima, com todo o corpo contorcido para que pudesse manter a barriga direita, com as costas curvadas num arco que quase as partia e encostada a duas almofadas duras, com as pernas tortas e abertas sem pudor. O mestre Rafael olhava e nada disto via. Pois, ao olhar, via apenas o carinho que recordava. Via um rosto pequeno e limpo, que não era aquele a suar; via uns gestos deliciosos e acanhados que não eram aqueles sem posição. Como se tivesse fechado o seu olho esquerdo por um instante, o mestre Rafael saiu do quarto, foi à cozinha e voltou ao quarto com um púcaro de café na mão. Estendeu-o à prostituta cega e disse não podes estar sem nada no estômago. Saindo das dores, como se o pudesse ver, ela virou a cara na direcção

do olhar dele e recebeu o púcaro com as duas mãos. Levou-o aos lábios num silêncio. O primeiro gole, longo, foi um momento comprido de serenidade. Mas ainda não tinha bebido todo o café, restava um fundo acastanhado no púcaro, quando sem palavras se precipitou para a frente, dando apenas ao mestre Rafael o tempo exacto de lhe colocar o bacio diante da boca. E ali ficou. Com o lado direito do tronco e o pequeno coto do braço encostado ao ombro da prostituta cega, com o braço esquerdo a segurar-lhe o bacio diante da boca. Sem que pudesse fazer mais, o mestre Rafael ficou parado entre os urros que ela fazia a vomitar. Quando acabou, limpou-lhe os lábios com uma toalha e não reparou no sangue que coalhava dentro do bacio, misturado com o café.

No tempo que ia passando, como uma menina a deixar de ser menina, a manhã deixava lentamente de ser manhã e transformava-se num braseiro que fazia a terra estalar desde o seu interior. O mestre Rafael, encostado à janela, olhava pela pequena frincha aberta da portada, via o quintal e lembrava-se do jardim de flores e árvores ou da horta de couves que tinha imaginado. E ali, dentro de si, parecia-lhe que aquele jardim que só tinha imaginado era todas as coisas que podia ter feito. E os gemidos da prostituta cega, que aumentavam de intensidade, ou que lhe pareciam mais fortes e mais próximos, eram uma cadência que o afligia. Olhando pela frincha da portada, como se o seu corpo se tornasse no seu olhar e desaparecesse dentro da terra, o mestre Rafael repetia laranjeiras enxertadas com limoeiros, pessegueiros enxertados com damasqueiros, parreiras, couves, canteiros de flores a fazerem desenhos coloridos, jarros, malvas. E era esta uma ilusão infantil que gritava em silêncio para se convencer de que podia cumprir o que tinha imaginado; que gritava, ainda que uma voz íntima lho negasse; que gritava para não ouvir essa voz frágil, quase moribunda, que lhe dizia nada fizeste, que lhe dizia tudo sabias e nada fizeste, essa voz morrente e pétrea que lhe dizia estas coisas, se por um instante encontrava um silêncio na escuridão do seu interior.

Afastando-se da janela, aproximou-se como se a encontrasse. Puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama. Olhando a mão, o seu movimento parado, pousou-lha na barriga. A prostituta cega quis sorrir. E o mestre Rafael não sofreu, como tinha sofrido durante muitas noites, a angústia ou o medo. Sentiu, lembrando-se, uma alegria infinita crescer-lhe, igual à que sentiu na hora em que soube que ia ser pai. Ia ser pai. E essa certeza, que por momentos esquecera, tornava-se a única certeza. E brilhava-lhe no olhar. E os gemidos da prostituta cega, que antes o afligiam de um terror frio, tornaram-se um som natural e quase agradável e quase apaziguador. Ia ser pai. E a sua mão, pousada no ventre da prostituta cega, dizia-lhe tudo isto, reconfortava-a e conversavam assim. A tarde passou longa, como uma

vida. E, quando os pássaros, libertos da hora do calor, começaram a voar sobre o quintal no fresco que o dia apenas era, quando a prostituta cega contraiu o rosto e se teve a certeza de que a criança ia nascer, eram já velhos e amavam-se mais ainda.

O mestre Rafael levantou-se e, com a muleta, como se não tivesse muleta, correu a abrir a janela. E foi buscar duas toalhas novas e um alguidar cheio de água e um alguidar vazio. Por uma vergonha mútua, que não precisavam de dizer para saber que partilhavam, não chamou ninguém. A luz esmorecia na janela e o mestre Rafael acendeu o candeeiro de petróleo. A prostituta cega sentia um corpo como uma lâmina, que a rasgava, que a dividia, que a esgarnava, como se o seu tronco e o seu pescoço e a sua cabeça se fossem abrir ao meio e assim permanecessem: feridos, em carne viva. E fazia força com toda a força que tinha, como se quisesse arrancar uma árvore pela raiz ou mover o mundo um palmo. A sua pele era roxa e enrugada. O seu rosto era o sofrimento. Romperam-se as águas sobre o lençol enrodilhado da cama, pois o mestre Rafael não teve tempo de estender o alguidar. E a criança começou a nascer exactamente no instante em que o dia desceu sobre a terra e em que a noite era ainda o céu. Saiu a cabeça. O mestre Rafael, porque sabia que era assim, com dois dedos, puxou-a pelo céu da boca. Nasceu. A agitação passou como algo de que já ninguém se lembra. Com a criança na mão, ainda suja de sangue, o mestre Rafael olhava-a. Era uma menina. A sua filha. Era cega dos dois olhos. Não tinha braço direito. Não tinha as duas pernas. Não chorava. Não se mexia. Estava morta.

E o corpinho pequeno da menina cabia-lhe na mão. O polegar e o mindinho envolviam-lhe o peito. Os outros dedos amparavam-lhe a cabeça que pendia do pescoço. E aquele peso que sentia no braço era o peso da sua vida morta. Olhava-a. Fixava-a. E o seu rosto de criança, iluminado pelas sombras do seu nariz, dos seus lábios, das covas dos olhos, era como se lhe dissesse a sua própria morte. E uma escuridão imensa era o mestre Rafael. Trespassado de escuridão e de luto. E, devagar, levantou a cabeça para ver a prostituta cega. E ela, deitada sobre almofadas, com os braços estendidos e as mãos abertas, tinha a camisa de dormir atravessada por riscos de sangue no lugar das cicatrizes. Serena, sem vincos na cara, como se dormisse. O mestre Rafael acomodou a menina sobre a cama. Avançou para a prostituta cega. Pousou-lhe a mão aberta no peito. A pele cansada, quente. O sangue cobriu-lhe os dedos. Pousou-lhe a mão na cara. A pele. E sentiu-lhe a imagem do rosto, como ela tinha há muito tempo sentido a imagem do rosto dele. E os dedos deslizavam pelo suor, deixando um rasto de suor e sangue. Ergueu o braço e esperou que a forma do rosto se lhe dissolvesse na mão. A dor: um silêncio de sentido sobre todos os gestos, um abismo a calar o significado de todas as palavras,

um véu a tornar o tempo inútil. A mulher que amara mesmo, que amara mesmo, e que não era mais nada no mundo. E a solidão era um céu maior que a noite e onde não havia mais que noite e frio, era um lugar negro que o olhar via. Inclinado sobre a muleta, o mestre Rafael procurou o xaile que fora da prostituta cega em pequena, e que fora da mãe dela, e que fora da avó dela. Era um xaile branco, de lã, suave, com franjas sujas pelo tempo. Estava arrumado numa pequena arca, entre as coisas preciosas: o avental do casamento, um casaco de malha, um lenço com flores estampadas. Segurou-o, aproximou-se da menina e enrolou-a muito bem no xaile. Encostou-a ao peito e deixou-a entre os braços da mãe. Tapou-as com o lençol até aos ombros. Olhou-as pela última vez e saiu.

A noite. Era uma noite depois do silêncio porque era de um silêncio mais profundo e total. Os passos do mestre Rafael, indistintos do negro, não se ouviam. As casas, de janelas e portas fechadas, sem luz, desertas, eram figuras mudas de pedra que o acompanhavam por um instante e que, depois, ficavam para trás, como perdidas, como abandonadas. Vencendo o cansaço, uma vez, outra vez, nunca definitivamente, o mestre Rafael avançava. O seu corpo, como uma árvore morta, ou uma manhã morta, ou um pedaço de morte verdadeira, avançava. Os lábios tremiam-lhe. Descia-lhe uma corrente de suor pelo peito. Em silêncio, uma aragem passava rente à terra. Uma aragem que não se sentia. O rosto da menina. O rosto da prostituta cega. O mestre Rafael lembrava-se. E cada imagem dentro de si era uma imagem da sua solidão. Infinita. A noite do olhar do mestre Rafael, depois do silêncio, era um poço de água limpa, onde as crianças brincaram durante o dia, atiraram pedrinhas, imaginaram barcos de pedaços de ramos, sem medo; era um poço de água limpa e enegrecida, um poço sozinho, numa courela longe da vila, numa noite sem lua, sem estrelas, eterna. O rosto da menina. Minha pequena filha. O rosto da prostituta cega. Foste a minha certeza e perdi-te. A noite. O mestre Rafael avançava. Ao fundo, imaginada entre o negro opaco, apareceu a serração.

Enfiou a mão até ao fundo do bolso e encontrou as chaves. Abriu o portão que, pela primeira vez, não fez um único ruído: nem ferrugem, nem pó, nem pedras no chão, nem tábuas. Na escuridão completa, caminhou sem tropeçar, conhecendo o lugar das coisas que tinham lugar e o lugar das coisas desarrumadas, riscou um fósforo e acendeu o candeeiro de petróleo. Era um candeeiro velho, com a chaminé preta, que era usado no inverno quando anoitecia cedo de mais, e que ficava esquecido o resto do ano, atrás de uma caixa de pregos tortos, a embeber em petróleo a serradura que lhe pousava em cima. Muito devagar, dirigiu-se para a mesa do centro da carpintaria e pousou aí o candeeiro. Prosseguiu para a janela. Abriu-a. O canto silencioso dos

grilos enchia toda a extensão da noite com a sua ausência. Como se olhasse para o céu, o mestre Rafael viu a menina enrolada no xaile entre os braços da prostituta cega. Mãe e filha. Parou a vê-las. Dormiam e ninguém lhes podia fazer mal. Fechou os olhos. Abriu a mão e sentiu o rosto da prostituta cega. A pele. Os cabelos húmidos de suor. E soube muito fundo que estava morta. Sem olhar para trás, avançou de novo até à mesa que estava no centro da carpintaria e sentou-se numa ponta. Olhou em volta. O banco que fora do pai. As ferramentas arrumadas da maneira exacta como ele costumava arrumá-las. O pai a trabalhar e a ensinar-lhe. Com paciência. A ensinar-lhe. Com os olhos numa expressão singela e satisfeita. Sem que fizesse barulho a cair, o mestre Rafael atirou a muleta para diante de si. No chão, como um objecto sem préstimo. E levantou o braço. Olhou a mão diante da cara. Uma mão grossa, como as mãos do seu pai. Na palma da mão e entre os dedos, sentiu o peso do corpinho da menina. A minha pequena filha. O peito magro. A cabecinha morta. O rosto da menina. Segurou o serrote e firmou-o na perna. Acertou os dentes do serrote com o risco da virilha e começou a serrar. A fazenda das calças rasgou-se ao mesmo tempo que a pele. A lâmina do serrote afundava-se-lhe na carne. O mestre Rafael mantinha o braço firme e o olhar sério, como se serrasse uma tábua direita. E não houve senão um ruído surdo quando serrou o osso. O sangue escorria do tampo da mesa. A perna caiu ao lado da muleta, também ela como um objecto inútil. O rosto da menina. A minha pequena filha. O mestre Rafael esticou o braço, segurou o candeeiro e lançou-o ao chão. As chamas subiram pelas paredes. E nessa noite, nessa noite, as chamas chegaram ao céu.

Abri os olhos. Ouvi os gritos na rua como se os não quisesse ouvir. Quando bateram à porta com as palmas das mãos, levantei-me em ceroulas. Entraram sem que os mandasse entrar. Na cozinha, iluminada pela lua pequena que se assomava pela porta aberta, na penumbra, como fantasmas de caras longas e brancas, como fantasmas de olhos descarnados e brilhantes, disseram a serração está a arder. Deixei de olhá-los, como se não tivessem dito nada, e entrei no quarto. Risquei um fósforo e a sua explosão foi lenta no ar. Acendi o candeeiro de petróleo. A minha mulher sentou-se na cama. Calada, a barriga formava um alto redondo debaixo dos lençóis. De cara na almofada, a abafar-lhe as sílabas que moldava na respiração, a cozinheira viúva parecia em silêncio. Através da parede, ouvia-se o som da caneta de aparo do homem que está fechado num quarto sem janelas a escrever. Era o som de movimentos impensados, impulsivos, de raiva. Para quem não conhecesse, poderia parecer o som de riscar. Mas não, era o som de escrever. Dobrei-me para enfiar as pernas, primeiro a direita, depois a esquerda, nas calças. Abotoei a camisa. Com a cara sobre a chaminé do candeeiro, olhei a minha mulher, que não desviou o olhar. Da cozinha, soavam as vozes grossas e nervosas dos homens. Soprei a pequena chama do candeeiro.

Só na rua, já a mais de meio do caminho, o frio repentino de acordar e ser real me afligiu. O súbito reconhecimento de mim em mim. Como se me apercebesse do mundo. O indizível embaraço de sermos três homens a caminhar pelos calados, e a pressa talvez ridícula dos nossos passos, e o som ridículo da nossa respiração pelo nariz. O rosto dos homens que me tinham acordado. As expressões sérias e imóveis. O incómodo das roupas geladas na pele ainda quente dos lençóis. Uma aragem a entrar-me pelas mangas. E a noite escura antes da madrugada. As estrelas, também elas ridículas, no céu negro, negro e baço. Nós a caminhar depressa, como se fosse importante. E, num momento, um halo de luz a rodear o céu sobre a serração, como se o sol quisesse nascer a meio da noite. Rasgá-la. E enquanto nos aproximávamos, mais e mais, lembrei-me, como se tivesse uma ideia, do olhar sereno do mestre Rafael, do portão aberto da serração, das

tardas a avançarem na janela da carpintaria, e apressei mais ainda o passo. Finalmente desperto, quando cheguei à serração, andava como se fosse a correr, ou corria como se fosse a andar.

Os barrotes tinham cedido e o telhado, em duas partes intactas de telhas ordenadas, tinha desabado sobre o interior da serração. As chamas levantavam-se altas no lugar do telhado. Fagulhas subiam em correntes até se tornarem demasiado pequenas no céu. Desaparecia fumo negro e grosso dentro da noite. O portão era um monte de tábuas caídas a arder. Uma fila longa de homens e mulheres gritava e passava baldes de mão em mão. E a água era inutilmente lançada sobre o fogo, era como se não fosse água ou fogo ou noite, era como se fossem baldes vazios lançados no ar, baldes de nada lançados sobre um fogo indiferente. Eu estava parado e sozinho. Olhava. As chamas aqueciam-me o rosto, a carne, o sangue. Ninguém me tinha dito, mas eu sabia que o mestre Rafael estava morto. Olhava e era isso que via. E a manhã nasceu. Aos primeiros tons claros do dia, as chamas extinguiram-se. As mulheres voltaram para casa. Os homens sentaram-se ao meu lado na terra. Eu era o único de pé. A serração tinha ardido completamente. Cada ripa, cada tronco de pinheiro no pátio, cada grão de serradura, cada tábua, cada janela inacabada, cada banco de carpinteiro, cada ferramenta. As paredes, que já não seguravam nada, que já não protegiam nada, eram negras, como se fossem de carvão. Entre o silêncio dos homens e da manhã, as brasas crepitavam uma luz baça sob a cinza, avivada às vezes por uma aragem que regressava ocasionalmente. Ao longe, aproximava-se o velho Gabriel. Os seus passos lentos. Aproximava-se, diante de mim, o velho Gabriel.

Não disse bom dia. Não disse qualquer palavra. Olhei Salomão e cada homem, e cada homem e Salomão me olharam com a claridade do luto no olhar. Voltei-me para o fogo. A última brasa apagou-se num suspiro que subiu num pequeno fio de fumo pelo ar. Um a um, os homens começaram a levantar-se. O último chegou-se ao meu lado e, como se me tapasse com uma manta, como se me escondesse, sussurrando, disse-me que quando deram fé do fogo foram a casa do mestre Rafael e encontraram a prostituta cega parida e morta, com a criança morta também; disse-me que o mestre Rafael estava dentro da serração; disse-me que tinha a certeza de que o mestre Rafael estava dentro da serração; disse-me que o Salomão não sabia de nada. Disse-me isto e parou para que respondesse algo. Houve um pequeno silêncio entre nós e fiz-lhe um gesto breve com a mão para que prosseguisse o seu caminho. Havia homens a procurarem algo que se pudesse aproveitar entre as cinzas. Imóvel, como se não respirasse, Salomão estava no mesmo sítio, na mesma posição, como uma estaca,

como um cabeça, como uma árvore parada. Nos seus olhos estavam ainda as chamas.

O velho Gabriel deu um passo na direcção de Salomão e entrou no seu olhar. Distante, o sol ergueu um primeiro raio de luz entre os dois, a separá-los ou a uni-los. Salomão sabia o que o velho Gabriel lhe ia dizer, e notava-se-lhe no rosto que esperava apenas ouvi-lo para que se tornasse assim irremediavelmente real. O velho Gabriel, não perturbando o silêncio, usou as mesmas palavras que o homem usara, pois, com cento e cinquenta anos, não tinha ainda aprendido outras palavras para dizer as coisas além das palavras que as dizem. Salomão levantou o olhar. Era o céu muito mais azul naquela manhã jovem do que Salomão poderia alguma vez ter imaginado. O calor começava. O dia começava mais cansado. Juntos, Salomão e o velho Gabriel entraram nas ruas da vila. As primeiras mulheres, inclinadas sobre o chão, varriam com pequenas vassouras de palha o quadrado da sombra diante das casas, e enquanto eles passavam, sem os olhar, paravam de varrer. Os pássaros seguiam-nos em silêncio e respeito. Uma brisa imperceptível acompanhava-os. Caminharam durante muito tempo num momento e chegaram à casa do mestre Rafael. A porta estava aberta. Entravam e saíam pessoas. Salomão e o velho Gabriel entraram. Sobre a cama feita com uma colcha emprestada, estava a prostituta cega e estava a criança. Tinham ambas sido lavadas com um pano húmido pelas mulheres. Tinham a pele fina e serena. A prostituta cega usava o vestido simples do casamento e o avental branco com o bordado a dizer loiça. A menina estava enrolada no xaile. De pé, à entrada do quarto, com a boina segura pelas duas mãos, Salomão olhava-as. À volta da cama, ao rés da parede, havia uma fiada de cadeiras, que as mulheres tinham disposto ainda de madrugada. Eram todas as cadeiras de quatro casas vizinhas. Entre os rostos atentos e as roupas negras das mulheres, havia lugar. O velho Gabriel avançou até à última cadeira e sentou-se. Salomão olhava ainda para a prostituta cega e para a menina, e só deixou de olhá-las para olhar para lado nenhum e caminhar mudo até ao sítio onde estava guardado o fato do mestre Rafael. Entrou no quarto com o fato dobrado sobre os dois braços estendidos, pousou-o sobre a cama e amanhou-o ao lado da menina, como se o mestre Rafael ali estivesse naquele fato sem volume. As calças eram castanhas e tinham a perna direita dobrada e presa com um alfinete de ama, o casaco era cinzento e tinha a manga direita dobrada e presa com um alfinete de ama. Ali, naquela manhã, Salomão desprendeu os alfinetes, e esticou a perna das calças, que era de um castanho mais escuro, e esticou a manga do casaco, que era de um cinzento mais escuro.

Não sei ao certo se é a manhã que passa, se é o dia que passa, ou se é toda a vida que passa nesta manhã, neste dia. O sol entra pela janela que construímos num sábado. Havia brilho nos olhos do mestre Rafael, havia mais luz do que toda esta que entra pela janela. O aprendiz já chegou. O rapaz tem jeito, dizia-me o mestre Rafael nos primeiros dias, dizia-me baixinho para que o aprendiz não ouvisse. Quando aí apareceu não sabia pregar um prego, mas tem jeito, o rapaz faz-se. O aprendiz chegou sozinho, com a roupa de trabalho, passou por toda a gente e, com os mesmos olhos com que viu o fato do mestre Rafael, olhou-me. Nunca lhe perguntei a idade. Penso que mesmo o mestre Rafael nunca a terá sabido ao certo. Deve ter uns onze ou doze anos. O rapaz tem jeito. Queria estar ao lado dele. Em vez disso, sentei-me nesta cadeira que me apontaram, ao lado destas velhas que às vezes querem meter conversa comigo, como se as pudesse ouvir. Que me dizem era bom homem, que me dizem era boa rapariga, que me dizem coitadinha da inocente, e que esperam uma resposta que não dou, e que sussurram umas para as outras o Salomão é tão mal falante. O sol entra pela janela que construímos num sábado. Uma mulher de preto vê-me a olhar para a janela, levanta-se e, como se me fizesse um favor, encosta devagar as portadas. O seu rosto, como se fosse amável, é um sorriso que esqueço. E sei que estamos agora fechados num tempo imóvel. Não existe já a manhã, ou o dia, ou a vida para lá deste quarto sombrio. Só a pouca luz que atravessa a porta da rua, a cozinha e, finalmente, a porta do quarto, nos faz saber que existimos aqui. Somos o lugar onde a morte está. Sou o lugar onde a morte está. E, no entanto, ao recordar o mestre Rafael, só o consigo recordar vivo: a olhar-me, a falar, a dizer-me coisas. Recordo-o, mas a sua morte, invisível, pesa como uma certeza sobre o sítio onde tudo isso acontece ainda, onde o mestre Rafael me olha, fala, onde o mestre Rafael me diz coisas. A memória sob o fogo. A serração a arder. O mestre Rafael a olhar-me entre as chamas, o mestre Rafael a trabalhar no banco a arder com ferramentas a arder, o mestre Rafael inclinado sobre a muleta a atravessar as chamas da carpintaria.

A sombra da minha mulher chega com a sombra da cozinheira viúva pela mão. Passam por mim como se não me conhecessem ou como se eu não fosse ninguém. O velho Gabriel levanta-se para dar o lugar, cumprimenta-as demoradamente e sai para junto dos homens que estão à porta. São muitos. Ocasionalmente, ouve-se o coro das suas vozes a dizerem bom dia a alguém que chega ou que passa. Mas esse som é de uma harmonia neutra, de um silêncio que entra neste quarto como algo que já cá está. A minha mulher, grávida, olha a prostituta cega. Ambas têm a mesma serenidade na pele. A cozinheira

viúva mexe a boca e, ainda que saiba que repete e repete a sua história, pela primeira vez não a ouço. Ouço apenas um silêncio mais calado do que o vento a passar nas folhas dos sobreiros, do que os pássaros a voarem alto no céu. Ouço um silêncio constante e eterno. Olho os lábios da menina que morreu antes de nascer e sinto que todo o silêncio sai desses pequenos lábios, finos e fechados. Lábios de criança, pequenos, que conhecem a morte.

Vejo o mestre Rafael nos sítios onde não está, vejo os sítios tristes sem ele. Às vezes, saíamos para almoçar no mesmo instante. Avançávamos juntos pela rua. Ouço o barulho da sua muleta. Antes de se casar, à noite, ouvia-lhe o ritmo célere da muleta na terra. Ia ter com a prostituta cega. E eu parava de fazer o que estava a fazer e ia à porta só para lhe dizer boa noite, só para lhe dizer até amanhã. À tarde, ao fim da tarde, quando a luz ganhava a cor do mel e pousava sobre a planície no verão, quando a escuridão de uma noite sem estrelas assentava sobre a vila, no inverno, dizia-lhe até amanhã. E nunca mais lhe direi até amanhã. Nunca mais tanta coisa. Nunca mais tudo. Caminha sozinho pelas ruas onde caminhámos juntos. Fico parado a vê-lo avançar. Vai lentamente, lentamente, e desaparece. Fico só, numa rua deserta.

No quarto, corria uma penumbra fresca que tocava o fato do mestre Rafael, o rosto da menina e os pulsos brancos da prostituta cega. Na rua, a hora do calor encostava os homens a uma curta linha de sombra na parede. Os corpos transpiravam de encontro à cal. E, como se estivessem na venda do judas, os homens falavam das terras e dos pastos, falavam das herdades do doutor mateus, e às vezes, se algum se lembrava, diziam duas palavras sobre o mestre Rafael, diziam o mestre Rafael e acrescentavam um silêncio vago, lânguido que lhes escorria pelos olhos. À hora do almoço, saíram algumas mulheres que prosseguiram acompanhadas pelos maridos. Ficaram as viúvas e os solteiros. A mulher de Salomão saiu alguns momentos antes da hora a que costumava ir para o monte das oliveiras, segurava a mãe e não disse boa tarde. Ainda Salomão recordava ou via a sua sombra desfazer-se no chão da porta, quando entrou José. Chegava solene. As botas, firmes, detiveram-se diante de Salomão. E este, como uma criança ansiosa que esperasse o pai ou a mãe, conseguiu finalmente chorar e começou a contar tudo a José, muito depressa, sôfrego. José acalmou-o e sentou-se a seu lado. As viúvas olhavam de olhos escancarados. Quando Salomão descansou por fim, e as lágrimas se lhe secaram nas faces, e os lábios permaneceram, a tarde regressou longa e lenta, como uma tarde que levasse dentro de si a morte.

Por diversas vezes, o velho Gabriel entrou e saiu do quarto. Ora

entrava e se dirigia calado à última cadeira, passando pelo silêncio de José e de Salomão; ora saía e ficava como um homem calado entre os homens que falavam. Entrava e saía, marcando o tempo. E, quando as duas carroças apareceram no cimo da rua, o velho Gabriel viu-as chegar. A primeira era a carroça funerária, pintada de preto brilhante, e carregava um pequeno caixão de criança, branco, com linhas douradas. A segunda era a carroça do pedro, escolhida por estar asseada e quase nova, e carregava os caixões da prostituta cega e do mestre Rafael. O velho Gabriel olhava-as. Aproximavam-se lentas. Vinham numa brisa fresca que o fim da tarde trazia. Vinham numa luz cada vez mais próxima e numa nitidez triste. Os pássaros voavam em silêncio. A água escorria suave em fontes longe dali. Quando chegaram à casa do mestre Rafael pararam. Os homens rodearam-nas. Os únicos sons que ouviam eram os passos e outros ruídos sem significado. A carroça funerária era puxada por dois homens. A carroça do pedro era puxada por uma burra nova e lavada. Os homens carregavam os caixões para o quarto. Salomão, José e todas as mulheres levantaram-se. Primeiro, levaram o caixão da menina. Era um caixão de anjinho. Salomão viu o trabalho de a pousarem lá dentro e, no momento em que a tampa do caixão se fechava, o seu rosto era o de uma criança que estivesse viva, uma criança que dormisse apenas, uma criança bonita. Depois, trouxeram o caixão da prostituta cega. Dois homens levantaram-na, e a cabeça tombou-se-lhe levemente para trás, e os cabelos estenderam-se a tocar a colcha e o fundo do caixão. Por fim, trouxeram o caixão do mestre Rafael. Era de boa madeira, como ele havia de ter gostado que fosse. Salomão apurou o casaco e as calças no fundo do caixão, e levaram-no tão leve quanto tinha chegado. Salomão e José seguiram-no até à rua. Uma multidão de olhares e o céu. Os caixões estavam sobre as carroças. À frente, ia a menina, seguida pelos pais. E o caminho começou. Devagar. Salomão e o aprendiz iam logo atrás das carroças. Todas as ruas. Devagar. Cada rua lenta. Cada casa. Salomão avançava e, a cada instante, um a um. Salomão avançava e sabia que, no dia seguinte, ou na semana seguinte, ou em algum dia que estivesse para vir, havia de passar diante da casa da prostituta cega e do mestre Rafael, e seria essa uma casa vazia e abandonada. Salomão avançava. Ao chegarem ao cemitério, sete homens levaram os caixões: um levava a menina, quatro levavam a prostituta cega, dois levavam o mestre Rafael. E o cemitério abriu-se diante deles. Passaram entre as campas, pelo corredor de ervas secas e terra. Ao fundo, estava uma cova grande, onde ficaram os três, lado a lado.

Olhou-me muito sério. Passava os dedos entre a barba, como se a quisesse desembaraçar. Não faz mal se hoje não fores, disse-me o velho Gabriel. Olhou-me muito sério. Estava o sol e estavam muitos homens à porta do mestre Rafael. A minha mãe, não se apercebendo de que tínhamos parado, puxava-me pelo braço. Não faz mal se hoje não fores, disse, e sorriu à minha mãe, como costumava. Mas eu tive de vir. Pousei a minha mãe numa sombra do quintal, dei-lhe um caldo apressado e, como sempre, dia sim, dia não, fiz o caminho do monte das oliveiras, de lenço na cabeça. Apressei o passo quando cheguei à barreira. Rodei a chave e entrei na casa dos ricos. Atravessei as divisões vazias. As lareiras apagadas, o lugar vago dos cadeirões a olhar-me, a sombra dos móveis estendidos na penumbra, a escuridão sobre a escuridão. No corredor maior, sentei-me a ouvir a voz que está fechada dentro de uma arca. As suas palavras soavam entre silêncios sem regra, como se falasse à medida que se ia lembrando. A cada pausa, a frase anterior perdurava nas paredes, escrita na cal com a cor da cal. Disse: chega devagar, mas vem; aproxima-se e será um dia infinito, uma noite eterna, um instante parado que não será um instante; e os assuntos grandes serão menores que os mais ridículos, e os assuntos grandes serão ainda maiores porque serão os únicos. Isto que ouvi à voz que está fechada dentro de uma arca não o entendi senão hoje ao acordar. Quando a primeira luz, ainda fraca, ainda tênue, se estendeu sobre a cama, ouvi estas palavras na minha cabeça. Ouvi estas palavras, a entender cada uma, e acordei. Levantei-me lentamente sob o lençol. Olhei a minha mãe, olhei o Salomão. Baixei o lençol e olhei a minha barriga, o meu filho que não nascerá. A morte pareceu-me simples. Sob a manhã, sob a claridade a enganar-me de propósito, a morte pareceu-me um sofrimento igual ao de viver, olhando um novo dia, sabendo tudo o que sei.

A minha mãe foi a primeira a abrir os olhos. E, para ela, despertar foi apenas abrir os olhos, de repente, abrir os olhos, sem mudar de expressão, abrir os olhos e prosseguir a sua história na palavra seguinte. O Salomão dormia o sono pesado do desconsolo de não ter sequer arranjado um trabalho à jorna ou qualquer trabalho que o

fizesse ganhar alguma coisa. Lentamente, levantei a minha mãe pelo braço, vesti-a e levei-a para a cozinha. Dei-lhe o café. E quis falar-lhe. Segurei-lhe a cara com as mãos. E não lhe disse nada, pois não há palavras para chamá-la. Mãe. A morte é essa solidão de onde não me vês, onde não estamos juntas. E quis dizer-lhe mãe. Mas apenas pude olhá-la, apenas pude ver o silêncio da palavra mãe no ar límpido e fresco, na cozinha vazia com as nossas duas solidões. E dei-lhe a mão. A pele dos dedos marcada e áspera com riscos de facas de descascar e cortar batatas em palitos, de migar couves, de abrir melões. Os ossos deformados. As mãos que conheço bem, que segurei muitas vezes, onde encontro um pouco de calor e de vontade. E pousei-a no quintal. E pousei-a na mesma sombra de ontem e de todas as manhãs. Trouxe-lhe os tachinhos, as panelinhas, os pequenos talheres de boneca. E fiquei a vê-la. Escolheu um molho de ervas, recolheu gotas de orvalho para dentro de uma panelinha, juntou um monte de pedrinhas e outro de terra limpa. Depois, criteriosamente, começou a misturar porções de terra, ervas e água de cacimba. A manhã era-lhe distante e era-me distante. Sob o calor cada vez maior, olhava-a, como se não a visse já e fosse apenas uma memória dolorosa. Atrás de mim, as juntas da cama faziam o ruído cansado do Salomão a levantar-se.

As paredes da cozinha eram o reflexo triste e esmaecido da luz e da inocência da manhã. Aproximei-me da loiça que está virada a secar desde ontem e escolhi uma panela para o almoço. Simulei a secreta importância de estar a fazer o comer. Parada, girando com as mãos movimentos inúteis a uma velocidade quotidiana, fiquei a observar o Salomão pela extremidade do olhar. Esguedelhado, de rosto aflito, de barba por fazer, com a camisa mal abotoada e a sair das calças, com o cinto mal apertado, o Salomão cambaleava pela cozinha como um bêbado de aguardente, procurando o meu olhar com uns grandes olhos abertos, como um desamparado. E, sempre que o seu vulto avançava mais do que um palmo dentro do meu olhar, fingia procurar uma cebola, ou limpar um pingo de azeite, ou apanhar uma casca de batata do chão. O Salomão, que nunca foi meu senão na pena que sinto, e que sempre se julgou meu, por sempre se julgar de alguém e sempre, desde criança, recusar os seus gestos à sua vontade. O Salomão, na cozinha, como um corpo sem a matéria que faz um corpo, como uma coisa, como um corpo que fosse uma brisa ou um silêncio, como um pedaço de pessoa: uma voz inofensiva, um olhar mudo: um pedaço de pessoa que se visse de repente transformado em pessoa inteira, com toda a responsabilidade e todo o sofrimento. E, na nitidez, quando a água a ferver levantava as batatas e eu sentia nitidamente que fervia dentro de mim, no instante em que as paredes eram paredes e tudo parecia ser o que era exactamente, pois tudo era definitivo a cada instante, parei-me a olhar o Salomão que me olhava

parado. Olhos nos olhos, como se nos víssemos. E, dentro do seu ou do meu olhar, encontrei o que, se não fosse a vida, poderíamos ter sido: os instantes pequenos que teríamos julgado maiores que estes e maiores que todos, por não termos conhecido mais nenhuns. E, na nitidez, quando comecei a reparar no Salomão, no seu rosto, nos seus ombros, nos seus braços, tudo nele começou a desfazer-se: a pele começou a estalar-lhe no rosto, como terra seca, começou a descolar-se-lhe da carne e a escorrer sangue grosso; e no sangue vermelho, nos ossos que surgiam debaixo da carne, os olhos permaneciam a ver-me, maiores e com a mesma fraqueza e a mesma inocência. Era como se a morte, como se morrer. Baixei o olhar às botas desatadas que o Salomão trazia e, quando lentamente subi de novo ao seu olhar, vi o seu rosto intacto e os seus olhos suspensos na mesma fragilidade, feminina ou infantil, à beira das lágrimas. Mesmo assim, soube que não tinha sido aquela uma ilusão da minha vista, soube-o claramente, tal era a última nitidez do mundo. Aproximei-me dele. Despi-o, como se despisse uma imagem ou uma estátua ou um filho, e escolhi no quarto roupa limpa e passada, roupa fresca. Umas calças, uma camisa branca. E, piedosamente, o tempo pareceu alargar-se dentro de si para aquele que foi o instante em que mais fomos juntos, em que toda a ternura se concentrou, em que todos os gestos pediam perdão por uma culpa que não era nossa. Vesti-lhe a camisa branca, que continuou lisa no corpo, vesti-lhe as calças com duas moedas que lhe enfiei no bolso, apertei-lhe o cinto devagar. Sentei-o numa cadeira e, sob a luz e a sombra, fui molhando o pente numa bacia de água e penteiei-o com paciência e rigor e carinho. E ao abrir-lhe a porta, ao vê-lo passar por mim, sabendo que ia para a venda do judas, ao vê-lo afastar-se e desaparecer no fundo da rua, tive a certeza de que era a última vez, tive a certeza de que nunca mais, nunca mais nos encontraríamos.

Não me sentei. De pé, na cozinha, com o olhar fixo em nada, como se estivesse fixo num horizonte, passou por mim uma brisa de calor a arrastar todos os sons do quintal, a desenhar o meu corpo no meu vestido e a levá-lo ainda um pouco mais, como uma bandeira. Pousei as mãos sobre o pequeno volume da minha barriga e pensei que era a morte dentro de mim. Tenho a morte dentro de mim. O meu olhar e a brisa pararam. Devagar, superando a força das mãos do luto em cada movimento, atravessei a cozinha, piquei uma batata com o garfo e já estava cozida por dentro. Com o garfo e com a colher de pau, esmaguei as batatas na sopa, com uma resignação profunda, como se esse fosse um trabalho de condenados. E os meus passos. Parada na porta do quintal, vi os raios de sol que passavam entre as folhas das árvores e furavam a sombra até à terra, desenhados e definidos, como os raios de sol que entram na água dos açudes e também eles se tornam água, raios perfeitos de água luminosa. E, entre o sossego, o

canto dos pardais, o ruído disperso e harmonioso dos pardais, como um silêncio longínquo, ainda poupado, ainda permitido pelo calor brando da manhã, e o sussurrar interrupto, o sussurrar infinito da minha mãe, como um som da terra, como um som da criação do mundo. Aproximei-me da minha mãe, aproximei-me do seu corpo encolhido sobre algo, do seu corpo mole de mulher velha. Estava encolhida sobre uma figura que moldara. Aproximei-me mais, para ver. Era eu. Era meu aquele rosto feito de terra e de pedrinhas e de ervas miúdas, como se tivesse sido feito de pele. Era eu. Eram minhas aquelas mãos serenas, pousadas sobre o ventre, com o pormenor perfeito das unhas e das linhas nas norças dos dedos. Era eu. Levantei-a e ficámos mãe e filha. A manhã à nossa volta. Segurei-lhe as mãos. Ela não me olhava mas, pela primeira vez na minha vida, tive a certeza de que me via. Sei que os meus olhos tinham uma mágoa tão grande como a manhã, uma mágoa invisível, num instante em que o invisível era a única coisa que se podia ver. E o tempo foi aquele momento sobreposto muitas vezes sobre si próprio. Muitas vezes as nossas mãos dadas e estendidas diante de nós, os nossos braços a acabarem no mesmo lugar das nossas mãos juntas. Muitas vezes os nossos olhares, a sua importância, como o mundo, como a terra e o gesto imóvel das coisas a existirem. E, dentro daquele tempo grande, a palavra mãe foi, como se nunca tivesse sido antes. A palavra mãe que não disse, mas que existiu. Mãe. Levei-a para a cozinha. Sentei-a direita numa cadeira. Tirei-lhe os ganchos, um a um, devagar, e desfiz-lhe a poupa. Soltei-lhe os cabelos compridos, lisos, brancos e cinzentos. Desembaracei-lhos com movimentos longos do pente até ficarem sobre os ombros e sobre as costas. Passei-lhe os dedos nos cabelos. Senti-lhe os cabelos a deslizarem-me entre os dedos. Voltei a fazer-lhe a poupa. O rosto ficou mais limpo e mais novo. Dei-lhe de comer. Todas as colheres, como se as contasse e dissesse uma duas três. Como se alguém, em silêncio e em segredo, as contasse e, por isso, elas parecessem inexplicavelmente contadas. Dei-lhe a sopa até a colher bater cruamente na louça, até inclinar a malga para tirar a última gota. Lavei-lhe a cara e despi-a. Trouxe-lhe a roupa nova de bem lavada e bem passada e bem estimada. Uma saia e uma camisa. Vesti-a e levei-a para o quarto. Enquanto fiz a cama, entre o zumbido dos lábios da minha mãe, reparei que os barulhos pequenos do homem que está fechado num quarto sem janelas a escrever eram menores ainda e mais vagarosos, a tinta prendia-se lentamente ao papel num gemido de flor, como se as palavras tivessem subitamente ganhado novos significados. E tomei, de novo, as mãos da minha mãe dentro das minhas. Os olhares eram o silêncio. O silêncio era a morte. Pousei-a sobre a cama. Deitei-lhe a cabeça sobre a almofada. Juntei-lhe os pés. Juntei-lhe as mãos sobre o peito. A minha mãe sobre os lençóis

brancos. A pureza. O ar, como água fresca na pele. A cal limpa a amanhecer perpetuamente. A minha mãe, mãe menina, mãe, mãe criança, olhar criança, pele, menina, mãe. Fiz-lhe uma festa na face, suave, como se não a tocasse e, não a tocando, a sentisse. Olhei-a. Olhei pela última vez a minha mãe, e deixei-a. Mãe, como se estivesse só a descansar, como se estivesse só à espera do sono para dormir. Mãe, como gostava de ter-te sentido dentro dos meus braços, como gostava de ter estado dentro dos teus. Mãe, para ti a morte não é cruel, pois há muito morreste para todos, pois há muito escolheste existir apenas para me lembrares o amor e, agora que nada em mim tem regresso e sou definitivamente uma vertigem, acabou o teu caminho e podes descansar. Adeus, mãe. Obrigada, silêncio. Na cozinha, amanhei o lenço na cabeça e ateio-o no pescoço. Saí sem olhar para trás, mas imaginando as sombras frescas, os ruídos que chegarão da rua para que ninguém os ouça, a cozinha a existir solitária e esquecida, como um caixão sob o mundo.

O sol pesa-me como uma coisa que carrego dentro de mim. Levo o sol dentro de mim e expludo serenamente sobre os campos toda a luz e todo o calor. Já não posso voltar atrás, porque nunca se pode voltar atrás. Só o arrependimento daquilo que não escolhemos persiste, existe. Só a idade velha dos sobreiros, a forma esculpida das oliveiras, pedras paradas no céu e nesta terra que o voo dos pássaros atravessa, esta terra, a idade do mundo e a nitidez, os olhos que são o céu e os sobreiros e as oliveiras, os olhos que choram sem chorar, este caminho mil vezes caminho e mil vezes igual, eu, eu e o som da terra, o terrincar da areia debaixo dos meus passos. E avanço como se estivesse parada, sinto mesmo que por vezes obrigo as pernas a parar, sinto-as imóveis, e no entanto avanço. Aproxima-se o fim e o desespero. E, sei agora, o fim e o desespero são a serenidade de uma solidão eterna e irremediável, são uma mágoa que é um sofrimento eterno e irremediável, tudo eterno e tudo irremediável, são o silêncio de quem chora sozinho numa noite infinita. O monte das oliveiras não está longe e vejo o velho Gabriel. Sinto as minhas pernas a andarem, apresso-as, tento fugir, mas estou parada diante dele. Olha-me durante muitos anos e diz-me não vás. Fico velha também, tenho a imensidão da sua vida neste olhar, olha-me e diz-me não vás. Diz-me não vás, e o sol martiriza-o mais. Não se lhe conhece uma brisa ou um instante fresco no seu rosto. Largo o seu olhar e prossigo. O tempo não me pertence, nem a vida, nem as palavras, nem a água das nascentes e das fontes. E o velho Gabriel, mais do que o seu rosto, é um olhar que sabe tudo, é o nome da solidão a dizer-se a si próprio, é a palavra morte a sofrer o seu próprio martírio. Mais do que o seu rosto, é no entanto o seu rosto, a sua dor e a sua ternura. Mais do que a sua sombra, é também a sua sombra suplicante. O seu olhar de criança e

de certezas. O seu medo. Atrás de mim, um instante. O velho Gabriel, esmagado por uma mão ou por um mistério ou por um segredo, cai morto sobre a terra que o conhece, que conheceu os seus cento e cinquenta anos, e que agora morto não o recorda. O seu corpo, sobre a terra, a sua sepultura, o seu corpo morto, visitado por pardais que pousam no seu peito por acaso. O seu corpo, como um sulco de terra lavrada debaixo do sol. O seu corpo morto a gritar todo o silêncio da sua solidão no céu, na estrada onde prossigo, nos campos que são todo o mundo. E a hora do calor eterniza esta morte, o seu esplendor, eterniza a morte, e cada momento é esta morte infinita em todos os lugares. E prossigo. Prossigo. Pouso as mãos na barriga, no meu filho morto. Tenho a morte dentro de mim. O sol grita a lonjura dos campos e a minha tristeza. No fundo do meu olhar e dentro de mim, vejo o monte. Prossigo. Sou a solidão.

Quando passei pela minha mulher e senti o sol nos olhos e soube que as minhas pernas caminhavam na rua sem saberem para onde iam, foi como se o meu corpo fosse só a sua fraqueza. Como sabia que ela me olhava, andei até ao fundo da rua o mais direito que pude. Depois, parei numa sombra e encostei-me à parede. Ninguém passou por mim, nem um cão, nem uma galinha. Só os pombos, como se fossem livres, desenhavam arcos no céu, círculos imperfeitos, só os pombos passavam em toda a manhã sem no entanto me olharem. Sentia um dedo que me apertava a garganta e me dava vontade de vomitar. Baixei a cabeça, fiz os sons de vomitar, o meu estômago contorceu-se vazio na barriga, abri a boca, estendi a língua e não vomitei senão o meu jejum. Voltei a erguer-me. Olhei a imagem difusa do mundo. O céu indiferente, as casas indiferentes, a indiferente existência das coisas. E continuei. Eu sem saber para onde ia e o meu corpo a levar-me. O silêncio talvez fosse um murmúrio que ouvia, talvez fosse uma insistência que me repetia um desespero e um desassossego mudo e ansioso, e mais ansioso por isso. Eu era a minha incerteza. Eu era aquele momento e aquele momento era o fascínio de quem não entende e assiste. Eu era o lugar vazio de mim, era eu nos meus olhos, era os meus gestos a serem a minha ausência. E continuei. Continuava. O meu corpo a levar-me. As ruas, uma ânsia e um desconforto. A minha vida a cumprir-se, alheia a mim, sem que eu mandasse nela, sem que eu existisse. Eu sem mim. Eu sem eu. Eu, e alguém no meu lugar a ser eu. As minhas mãos mais fortes que a minha vontade. As minhas pernas a caminharem sem serem minhas. E o silêncio a gritar-me tudo o que não entendia, nem sabia, nem escutava. E o venenoso da manhã fez-me atravessar o terreiro. Insuspeito, como um homem qualquer, num instante banal, como um homem que não carregasse

um mundo de sofrimento na sua sombra, numa manhã igual às outras manhãs, atravesssei o terreiro e entrei na venda do judas e baixei o olhar. E a venda do judas, que seria fresca se aquela fosse uma manhã normal, que seria fresca como a sombra, era o calor da rua e o sol e a luz e os homens a olharem-me e o demónio a sorrir e um copo de vinho tinto à minha frente e o balcão a arder de calor e o suor a ferver-me na pele e o demónio diante de mim a sorrir e o seu olhar a puxar o meu olhar e os homens a olharem-me e a luz e o sol e as minhas pernas sem força e os meus braços murchos na carne e os meus braços atrofiados no seu peso morto e o meu rosto diante do meu rosto e o meu rosto como num espelho e o meu rosto vencido e gasto e velho e diante da morte e o tentador diante de mim a dizer a tua mulher e a sorrir e a dizer o José e a sorrir e a dizer os dois e a sorrir e a dizer como bichos e a sorrir e a dizer ele em cima dela e a sorrir e a dizer como bichos e a sorrir e o copo de vinho a aquecer-me mais e a luz e o sol e a morte e a morte e a morte e o demónio a sorrir e a dizer o José e a sorrir muitas vezes muitas vezes muitas vezes. A venda do judas seria fresca se aquela fosse uma manhã normal. A venda do judas seria fresca como a sombra. A venda do judas era o calor da rua. Era o sol. Era a luz. Os homens olhavam-me. Bebi um copo de tinto. O demónio sorria. O demónio sorria e disse a tua mulher está com o José, estão os dois juntos, como bichos, ele em cima dela, a foder.

E caminhei pelas ruas como se levasse uma raiva sem motivo. E caminhei pelas ruas levando um peso que, descobri agora, era uma mágoa profunda. Desamparado para dentro de mim. Atirado para dentro de mim e perdido, com uma raiva sem motivo, com uma dor profunda. Sou a morte e não sei o que é a morte. Sou a dor e o desalento e a tortura e não sei. Sou o não saber nada e angústia sufocante, sem fim e sufocante. Caminhei pelas ruas e cheguei aqui. Cheguei aqui e não cheguei a lado nenhum porque sou o mesmo. Estou na estrada que vai da vila ao monte e ainda estou no terreiro, ainda estou na venda do judas, o diabo sorri-me e diz como bichos. O sol queima-me de encontro à terra e, se caminhasse no céu, não arderia menos e o tamanho da minha angústia não seria menor. O sol queima-me de encontro à terra. O silêncio entristece-me. O tamanho infinito das searas entristece-me. E o sol sobre o sol, dentro do sol, sobreposto no sol, o sol, o sol, o seu calor é o meu luto luminoso, a minha dor, a notícia da minha morte dita diante de mim e a minha tristeza. Estou onde não cheguei. Aqui, continuo e avanço. As oliveiras, os sobreiros, agosto, a terra mexida, o cheiro da terra. A minha mulher e o José são este calor e as minhas pernas a andarem. Ou talvez não sejam. Talvez seja eu este calor que não determino. Eu sou as minhas pernas a andarem e não as contenho. Eu sou esta

angústia muito maior do que eu. Sou uns olhos que me veem. A estrada que continua. Sou uns ouvidos que ouvem. A areia debaixo dos meus passos. A areia debaixo dos meus passos. A estrada que continua. E vejo o velho Gabriel. O seu rosto macerado de noites, escondido numa tristeza e num desânimo. E ouço o velho Gabriel. Não vás, a sua voz morrente, não vás, a sua insistência ténue, não vás. Olho a súplica dos seus olhos. Sinto o seu olhar de criança doente e de misericórdia. Como se não o visse, como se não o ouvisse. E continuo como se lhe espetasse uma faca na voz, como se o fizesse ser nada. Atrás de mim, o silêncio do seu corpo a cair. O velho Gabriel morto. A sua vida de cento e cinquenta anos entregue por resignação. Atrás de mim, a morte conformada e triste, triste por isso, do velho Gabriel. Atrás de mim, perdidas para sempre, as suas certezas dissolvidas na terra e no vento e na luz do sol. Sobre as searas o sorriso do demónio cresce a dizer ele em cima dela, os dois juntos como bichos. O suor no meu rosto é o suor de mil homens. O meu rosto são mil rostos. O mundo fechou-se. Nada existe lá longe, atrás dos cabeços. Aqui, como lá, existe apenas o meu desespero e o meu abandono. No fundo do meu olhar e dentro de mim, vejo o monte. Sozinho. Sou a solidão.

A cadela saiu do meio das ovelhas, como se fosse uma ovelha e chegasse com a barriga cheia de restolho para me olhar. Os seus olhos, grandes de sinceridade, diziam-me uma ternura e um conforto. Também ela sabia. Chamei-a com o olhar e deslizei-lhe a mão no pelo. Deitou-se aos meus pés, sentindo os momentos que sabia, também ela sabia, serem os últimos. O sobreiro grande crescia ainda mais sobre mim e, depois dele, ainda o céu. E a planície imensa, maior que uma aragem de primavera, maior que todo o calor desta hora do calor. Dos lados, atrás de mim, à minha frente: o mundo. Fiquei assim. Estou assim. Penso: chega devagar, mas vem; aproxima-se e será um dia infinito, uma noite eterna, um instante parado que não será um instante; e os assuntos grandes serão menores que os mais ridículos, e os assuntos maiores serão ainda maiores porque serão únicos. Penso: é hoje. E o silêncio que me pareceu inocente um dia, o mesmo silêncio, parece-me agora assassino e cruel. Deslizo a mão no pelo da cadela. As ovelhas pastam ignorantes. E os meus olhos são negros a ver a morte. O rasto de sofrimento que a morte deixa antes de chegar. A sua certeza. E asfixio-me desta angústia mais forte do que a força. Eu sei, e saber assim dá-me tudo e tira-me tudo, torna-me homem e mostra-me a morte, ensina-me, obrigando-me a esquecer. E sinto que as raízes do céu, cravadas na terra, estão cravadas dentro de mim. Sinto, sinto mesmo como sinto o sol rente a mim, como sinto a minha mão no pelo da cadela, mas sei que o céu não é meu. Sei. Mesmo a morte. Só a

minha morte é minha. Sou angustiantemente pequeno dentro de mim. E eu, dentro de mim, sou tudo o que sou. Sou pouco, insignificante, sou um passado de desencontros e enganos, sou o gesto de olhar este céu, sou futuro nenhum e esta certeza. No calor, encontro o cheiro da terra e sorrio nos meus lábios e no meu olhar. Nunca mais. O meu sorriso é triste. Sempre foi. Sorrindo, rio-me de mim e choro-me. Ninguém me chora se o meu olhar é assim negro. Eu choro-me. Lágrima a lágrima, os meus olhos secos veem inutilmente o céu, a minha face seca arde nesta hora do calor, os meus lábios secos sorriem e choram de desdém por mim próprio. Deslizo a mão no pelo da cadela. Encontro o cheiro da terra. Terra funda, mãe e interior do mundo. Penso: porquê?

Levanto a mão, e a cadela, que só esperava este instante que sabia certo, olha-me com toda a piedade dos seus olhos. Sem precisar de lhe dizer o meu assobio, vejo-a juntar as ovelhas e encaminhá-las para o monte. Debaixo da pele preta de borrego e debaixo da camisa, o que me resta de mim faz-me avançar. A cada passo, atiro o cajado para a frente. Num arco longo e lento, acerta no chão e ultrapasso-o, como se me ultrapassasse sempre e sempre. Avanço e lembro-me dela e lembro-me do Salomão e lembro-me da minha mãe. Na mesma vertigem: ela, o Salomão, a minha mãe. O olhar triste dela, o olhar de criança do Salomão a pedir por favor, o olhar de morte e luto da minha mãe. Avanço e, comigo, nos meus passos, sentada ao lume, parada e longe, avança a minha mãe. Esperar a morte onde permanece é a sua forma de caminhar no tempo. E só se pode caminhar no tempo, ainda que os pés pisem a terra, como os meus parecem pisar, só se pode caminhar no tempo. Neste instante, olha o lume. O lume que arde brando. Sempre brando. Na combustão lenta de um coração rodeado de um sofrimento brando. Constante e brando. Um lume de sofrimento a oprimir o coração. A minha mãe a saber um segredo, a olhá-lo, a ver a morte nesse segredo, a olhar o lume, a ver-me. Mãe, a tua espera está quase concluída, o teu sofrimento não. Penso: não existir, ser o esquecimento de alguém esquecido para sempre, morrer muitas vezes morto. As ovelhas são o meu silêncio a caminhar diante de mim. O Salomão, o meu primo a quem nunca chamei primo, o filho da irmã do meu pai, o cachopo que aí me aparecia com medo de tudo, a pensar que os sobreiros eram oliveiras, a pensar que os tordos eram andorinhas, a chamar as ovelhas como se chama um cão, com a mão esticada a fingir que lhes ia dar alguma coisa e a dizer bochinha bochinha, onde andas tu? Onde foi que a vida te perdeu? Onde foi que a vida nos perdeu? Penso: não existir, ser o esquecimento de alguém esquecido para sempre, morrer muitas vezes morto. E ela. Mulher. As promessas. O rosto. Nunca te menti. Se te disse o céu, era o céu; se te disse sol ou água, era sol ou água; se te disse manhã, era a manhã dos

teus olhos a enganar-me. Sem que os teus olhos me enganassem. O engano de uma manhã que nasceu nos teus olhos. Sonhámos. Sonhámos e fomos cegos. E não tenho medo da palavra amor. Não tenho medo das palavras. Vê como digo morte: morte morte morte morte morte. Repito-a assim e roubo-lhe o sentido. Roubo morte à morte. Roubo trevas e solidão. Morte morte morte morte morte. Não tenho medo das palavras. Torno a ver os teus olhos diante dos meus, manhã, e quero que esta seja a nossa última palavra: amor.

E avanço pelo caminho do monte das oliveiras, continuo, prossigo. O calor e a terra. As ovelhas a serem o tamanho da minha sombra. Vejo o velho Gabriel. Olha-me aflito. Avanço, continuo, prossigo. Tenho pressa. Diz-me não vás, a sua voz é a mesma de quando eu tinha dez anos, diz-me não vás, lembro-me de ficar a ouvi-lo muito tempo, não vás, aquela voz importante, não vás, se pudesse sentava-me e ficava com ele, como quando tinha dez anos e o sol nos iluminava com os seus últimos raios e viver não era triste. Não vás. Tenho de ir. Tenho pressa. Avanço, continuo, prossigo. Atrás de mim, o velho Gabriel morre sobre a terra. O velho Gabriel morto é a terra. Tenho pressa. As árvores nunca mais. O velho Gabriel. A terra nunca mais. Tenho pressa. Tudo me espera onde não existo. Nada existe onde não estou e não estou em nenhum lado. Tudo me espera para me destruir mais ainda. Tenho pressa de resolver-me. Tenho pressa de desaparecer. Tenho pressa. Ao fundo, o monte das oliveiras, o sol. Avanço, continuo, prossigo. Sou a solidão.

E o mundo acabou. Inexplicavelmente, ou sem uma explicação que possa ser dita e entendida. O mundo acabou, como num instante em que se fechassem os olhos e não se visse sequer o que se vê com os olhos fechados. As crianças morreram, os risos das crianças, espalhados no sol e nos sábados e em agosto, morreram. O mundo acabou como uma noite lançada do céu, e nunca mais se ouviram os risos das crianças, nunca mais foi sábado, nunca mais foi agosto, nunca mais houve sol. E isso que era a ausência do mundo não era nem mesmo uma ausência, não era sequer como o espaço vago onde uma pessoa que morreu costumava estar e se olha e existe quando se sente; não era nem mesmo uma ausência, porque não havia ninguém para a sentir. Era uma noite infinita que acumulava todo o medo de todas as noites desde a primeira noite do mundo. Mas também o medo não existia, porque não existia ninguém para o sentir. O lugar das árvores, as suas formas e os seus pensamentos tinham morrido. Os ribeiros, a água fresca, o som quase silencioso da água fresca, os ribeiros tinham morrido. Os campos largos, as ervas secas, as pedras perdidas no chão, toda a lonjura dos campos, o vento sobre a terra, as searas, os campos do tamanho do olhar, a terra tinha morrido. As casas, os muros caiados tinham morrido. Os pássaros, a meio de um voo, os seus piares no fim de tarde tinham morrido. Já não havia tardes, manhãs, noites. Nunca mais o dia se levantaria lentamente, com os olhos baços numa madrugada; nunca mais ninguém se sentaria a sonhar a calma num fim de tarde, nunca mais a noite vaguearia sobre as casas a cobri-las com a sua capa rasgada de estrelas. O mundo acabou e nem o tempo prosseguiu. Os minutos não passavam porque não existiam, como não existiam os momentos ou os olhares. O infinito era o infinito de não ser nem infinito, nem nada. A morte não existia no meio de todas as coisas mortas. Não existiam os cadáveres. Tinha morrido a memória da morte. As crianças morreram e isso, que era a única coisa pela qual valia a pena chorar, não era lamentado por ninguém, porque já não havia dor, já não havia lágrimas, já não havia olhos ou peito para chorar. José e a sua mãe, Salomão e a sua mulher, o demónio, a cozinheira viúva, todos morreram, no meio de todos os

homens e mulheres que morreram, como pontinhos de uma multidão gigante a morrer no mesmo instante sem poder entender que morria e que morria tudo. Todos desapareceram e não deixaram nada, e não deixaram sequer o pequeno nada que existe dentro do nada que existe dentro do nada. Não deixaram sequer os cemitérios inteiros de mortos, pois todos eles desapareceram ainda mais de tudo, todos eles morreram a sua segunda morte, ainda mais definitiva. A voz que está fechada dentro de uma arca calou-se para sempre e, das suas palavras, nem o sentido, nem o silêncio subsistiu. O homem que está fechado dentro de um quarto sem janelas a escrever parou de repente a meio de uma frase e o fim, para ele, foi a tinta que desapareceu das páginas que tinha vivido, foram as folhas de papel que fugiram de si próprias e se tornaram o mais absoluto vazio de tudo, foi a memória que se transformou nem sequer em ar, nem sequer em vento. O mundo acabou. E não ficou nada. Nem as certezas. Nem as sombras. Nem as cinzas. Nem os gestos. Nem as palavras. Nem o amor. Nem o lume. Nem o céu. Nem os caminhos. Nem o passado. Nem as ideias. Nem o fumo. O mundo acabou. E não ficou nada. Nenhum sorriso. Nenhum pensamento. Nenhuma esperança. Nenhum consolo. Nenhum olhar.

Sobre o autor



José Luís Peixoto nasceu em Galveias, em 1974. É um dos autores de maior destaque da literatura portuguesa contemporânea. A sua obra ficcional e poética figura em dezenas de antologias, traduzidas num vasto número de idiomas, e é estudada em diversas universidades nacionais e estrangeiras. Em 2001, acompanhando um imenso reconhecimento da crítica e do público, foi atribuído o Prémio Literário José Saramago ao romance *Nenhum olhar*. Em 2007, *Cemitério de pianos* recebeu o Prémio Cálamo Otra Mirada, destinado ao melhor romance estrangeiro publicado na Espanha. Com *Livro*, venceu o Prémio Libro d'Europa, atribuído na Itália ao melhor romance europeu do ano anterior. Em 2016, venceu o Prémio Oceanos com *Galveias*. As suas obras foram ainda finalistas de prémios internacionais como o Fémina (França), Impac Dublin (Irlanda) e Portugal Telecom (Brasil). Na poesia, o livro *Gaveta de papéis* recebeu o Prémio Daniel Faria, e *A criança em ruínas* recebeu o Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores.

Coleção Gira

A língua portuguesa não é uma pátria, é um universo que guarda as mais variadas expressões. E foi para reunir esses modos de usar e criar através do português que surgiu a Coleção Gira, dedicada às escritas contemporâneas em nosso idioma em terras não brasileiras.

CURADORIA DE REGINALDO PUJOL FILHO

1. *Morreste-me*, de José Luís Peixoto
2. *Short movies*, de Gonçalo M. Tavares
3. *Animalescos*, de Gonçalo M. Tavares
4. *Índice médio de felicidade*, de David Machado
5. *O torcicologologista, Excelência*, de Gonçalo M. Tavares
6. *A criança em ruínas*, de José Luís Peixoto
7. *A coleção privada de Acácio Nobre*, de Patrícia Portela
8. *Maria dos Canos Serrados*, de Ricardo Adolfo
9. *Não se pode morar nos olhos de um gato*, de Ana Margarida de Carvalho
10. *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane
11. *Nenhum olhar*, de José Luís Peixoto
12. *A Mulher-Sem-Cabeça e o Homem-do-Mau-Olhado*, de Gonçalo M. Tavares
13. *Cinco meninos, cinco ratos*, de Gonçalo M. Tavares
14. *Dias úteis*, de Patrícia Portela
15. *Vamos comprar um poeta*, de Afonso Cruz
16. *O caminho imperfeito*, de José Luís Peixoto

Copyright © 2000 José Luís Peixoto

Edição publicada mediante acordo com Literarische Agentur Mertin, Inh. Nicole Witt,
Frankfurt, Alemanha

Revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Nos casos de dupla grafia, foi mantida a original.

CONSELHO EDITORIAL **Gustavo Faraon e Rodrigo Rosp**

PREPARAÇÃO E REVISÃO **Rodrigo Rosp**

CAPA **Samir Machado de Machado**

FOTO DO AUTOR **Patrícia Pinto**

ISBN: 978-85-8318-148-4

Lançamento da primeira edição impressa: setembro de 2018



Todos os direitos desta edição reservados à Editora Dublinense Ltda.

EDITORIAL

Av. Augusto Meyer, 163 sala 605

Auxiliadora — Porto Alegre — RS

contato@dublinense.com.br

COMERCIAL

(11) 4329-2676

(51) 3024-0787

comercial@dublinense.com.br

livraria dublinense

A LOJA OFICIAL DA DUBLINENSE E DA NÃO EDITORA

LIVRARIA. **dublinense** .COM.BR